D. H.
Lawrence
APOCALIPSE
hiena

# APOCALIPSE

**HIENA EDITORA**
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título original
APOCALYPSE

Autor
D. H. LAWRENCE

Título em português
APOCALIPSE

Tradução de
ANTÓNIO MOURA

Capa de
RUI ANDRÉ DELÍDIA
s/fotografia de MICHEL SAUDAN


Hiena Editora, 1993
Lisboa, Fevereiro de 1993

D. H. LAWRENCE

# APOCALIPSE

Tradução de
ANTÓNIO MOURA

HIENA EDITORA

*Tudo começou no Outono de 1929, quando Frederick Carter pediu a Lawrence um prefácio para o seu livro* O Dragão do Apocalipse.

*Sentado em Bandol, na vivenda «Beau Soleil» — tão perto do mar que as ondas pareciam querer visitá-lo no seu quarto, diz a memória de Frieda, sua mulher — vencido pela tuberculose que em meia dúzia de meses saberia dar-lhe o golpe final (Aldous Huxley fechou-lhe os olhos em 2 de Março de 1930, em Vence), D. H. Lawrence escrevia.*

*Insensível ao desastre do corpo, o sopro criativo teimava, escorria infatigável até ao bico da pena e fazia-o inventar as suas últimas histórias, de virgens e ciganos, de um Cristo que ressuscitava para a revelação suprema da carne, fazia-o defender-se de acusações de obscenidade, apontar o mais inflexível dos dedos à ilha inglesa e à sua sociedade hipócrita.*

*A pedido pensaria, pois, no Apocalipse bíblico: e foi como se mexesse num ninho de vespas. Esse remate do Novo Testamento que a sua educação protestante tinha repisado até ao ódio, desfigurado com interpretações mesquinhas e autoritárias, merecia um ajuste de contas mais vasto. Lawrence ultrapassou as dimensões do prefácio, transbordou, estendeu-se por 23 capítulos.*

*«Não queria que eu fechasse os postigos nem corresse as cortinas para ver o céu de noite, diz Frieda em* Not I but the Wind. *— Foi nessa altura que escreveu* Apocalipse. *Ia-me lendo o que escrevia, e como a sua voz ainda era forte! 'Esplêndido', exclamava eu (...) 'Quero regressar aos dias antigos, explicava-me, aos dias anteriores à Bíblia e tentar*

*recuperar para nós, homens de hoje, as formas de viver e de sentir dos homens de outrora.'»*

*Começando por uma dúvida essencial — (o doce João do Quarto Evangelho, o favorito de Cristo, o que deitava a cabeça no peito do Mestre, poderá ser este João autor de um vingativo Apocalipse que arrasa o cosmo e promete glórias adiadas a um bando de cristãos eleitos, frustrados por não tocarem de perto as riquezas terrenas?) —, D. H. Lawrence vislumbra um livro pagão muito anterior a Cristo e condimentado pela simbologia cósmica, corroído depois por escribas judeus e retomado por um tal João de Patmos para o trabalho de moldagem pelas conveniências da nova religião, maltratado ainda por apocaliptas tardios que pretenderam ocultar os derradeiros vestígios da sua matriz pagã.*

*Arqueólogo do Apocalipse, Lawrence revolve palavras, frases, expõe à luz um trabalho de corrupção que oculta uma verdade antiga, dos tempos em que o homem lidava directamente com as forças do cosmo e procurava nelas o sentido da vida. O cristianismo, esse, é um renunciador de vida, e ao recusá-la destrói nos homens a sua força vital, atira-os uns contra os outros e consuma a sociedade dos miseráveis.*

*No seu último livro Lawrence afirmar-se-ia, como nunca, homem pagão e misógino, inimigo do cristianismo.*

*

*Durante o Natal de 1929, Lawrence teve muitas visitas em Bandol. Já incapaz de dar àquele manuscrito a forma limpa e legível que a publicação exige, ditou-o à filha dos Brewster (seus amigos de velha data) e chegou a vê-lo dactilografado, pronto a ceder ao aceno de um editor.*

*Seria, no entanto, uma obra póstuma, editada na Itália, longe, muito longe da sua odiada Inglaterra. «Preferia ser alemão — tinha dito ele numa carta, em 13 de Agosto de 1929 — ou qualquer outra coisa, em vez de pertencer a uma nação destas, cheia de cobardes e de hipócritas. Que a minha maldição lhes caia em cima! Vão lançar à fogueira quatro obras minhas, e os meus quadros. Ai, sim? Decretaram isso? Pois hão-de queimar, ao mesmo tempo, a sua própria existência como nação.* Delenda est Cartago! *Destruir-se-á a si própria!»*

*Profecias de Lawrence... em Bandol, naquele quarto em cima do mar.*

*H. E.*



# UM

Embora Apocalipse queira dizer apenas Revelação, o caso não é tão simples como parece, uma vez que há quase dois mil anos os homens dão voltas à cabeça para descobrir o que realmente nos revela uma tamanha orgia de mistificação; e também acham que a Revelação talvez seja o livro da Bíblia que menos simpatia inspira.

A primeira impressão que me causou foi essa. Como qualquer outra criança protestante não anglicana, desde tenra idade, e até ser adulto, meteram-me todos os dias a Bíblia na consciência indefesa, quase a um ponto de saturação. Muito antes de termos capacidade para pensar ou mesmo compreender de maneira vaga a linguagem bíblica, *despejavam-nos* na mente e na consciência «doses» de Bíblia até elas ficarem impregnadas, até se tornarem uma influência capaz de afectar todas as formas de emoção e pensamento. Por isso hoje, já «esquecida» embora a minha Bíblia, basta-me começar a ler um dos seus capítulos para verificar que ainda a «conheço» com um quase enjoativo pormenor. E devo confessar que é de náusea, repulsa e até ressentimento a primeira reacção. Os meus verdadeiros instintos *ofendem-se* com a Bíblia.

Vejo agora com clareza a razão de tudo isto. Não só foram ministradas grandes doses de Bíblia à minha consciência de criança, dia após dia, ano após ano, a bem ou a mal, pudesse ou não pudesse a minha consciência assimilá-la, como ela me foi explicada dia após dia, ano após ano, de uma forma dogmática e

sempre moralizadora, fizessem-no na escola ou no catecismo, em casa, na *Band of Hope* ou na *Christian Endeavour*[1]. Tinha sempre a mesma interpretação, quer fosse dada na cátedra por um doutor em teologia, ou pelo latagão de um ferreiro que era meu professor de catecismo. Não só a Bíblia era malhada verbalmente na consciência, como uma infinidade de pés pisa um solo até ele ficar duro, mas as pegadas também eram sempre de mecanismo idêntico e a sua interpretação fixa, ao ponto de perdermos todo o interesse pela sua matéria.

Um tal processo falha sempre o seu objectivo. Enquanto a poesia judaica penetra nas emoções e na imaginação, e a moral judaica penetra nos instintos, a mente obstina-se, resiste e acaba por repudiar a autoridade bíblica no seu conjunto, por se desviar com uma espécie de repugnância de tudo quanto for Bíblia. É este o caso de muitos homens da minha geração.

Acontece que um livro só vive enquanto permanece insondável. Uma vez sondado, morre imediatamente. Coisa espantosa esta, de os livros se alterarem por completo quando volto a lê-los cinco anos mais tarde. Alguns ganham imenso, são novos. De tão surpreendente forma se modificam, que uma pessoa até duvida da sua identidade. Já outros perdem muitíssimo. Voltei a ler *Guerra e Paz*, e espantou-me verificar como me emocionava tão pouco; quase me assustava pensar no enlevo que um dia eu tinha sentido e nessa ocasião já não sentia.

Pois é assim mesmo. Uma vez sondado, uma vez *conhecido* e fixado ou estabelecido o sentido, o livro morre. Um livro só vive enquanto tiver o poder de nos emocionar, e de nos emocionar *de modo diferente*; enquanto nos *parecer diferente* de cada vez que o lermos. Devido à torrente de livros superficiais que se gastam realmente numa só leitura, a mente moderna tem tendência para achar que todos são a mesma coisa, que acabam depois de uma leitura. Isto não é, porém, verdade. E a mente moderna voltará, de forma gradual, a aperceber-se disso. O verdadeiro prazer de

[1] *Band of Hope* era uma organização religiosa que pregava a abstenção do álcool entre os jovens; *Christian Endeavour* era uma sociedade evangelizadora para jovens. *(H. E.)*



um livro está em o relermos vezes a fio e acharmo-lo sempre diferente, descobrir-lhe outro significado, um outro grau de significação. Em geral trata-se de uma questão de valores: andamos submersos numa tal quantidade de livros, que é-nos difícil reparar como um deles pode ter valor, ser valioso como uma jóia ou um bom quadro, como podemos olhá-lo mais e mais profundamente, e extrair disso uma experiência cada vez mais penetrante. Ler um livro seis vezes intervaladas é melhor, bastante melhor, do que ler seis livros diferentes. Porque se determinado livro for capaz de levar um leitor a lê-lo seis vezes, significa que haverá sempre uma experiência mais e mais profunda, e todo o espírito se enriquecerá com ele, o emocional e o mental. Ao passo que seis livros lidos uma vez só não passam de uma acumulação de interesses superficiais, a opressiva acumulação dos tempos modernos, uma quantidade destituída de valor real.

Atentemos agora no público leitor que se divide, também ele, em dois grupos: a grande massa que lê para se distrair e por momentâneo interesse, e uma pequena minoria que só quer ler livros com valor, livros que transmitam uma experiência, experiência sempre mais profunda.

A Bíblia é um livro que para nós, ou para alguns de nós, foi temporariamente morto por ter o sentido fixado de forma arbitrária. De tal forma lhe conhecemos o significado superficial ou popular, que está morto, nada mais nos dá. Pior ainda: por força de um velho hábito que equivale quase a um instinto, impõe-nos toda uma forma de sentir que agora nos é repugnante. Detestamos a sensação de «igreja» e catecismo que a Bíblia por força nos impõe. Queremos desembaraçar-nos de toda essa *vulgaridade* — pois de vulgaridade se trata.

Avaliada superficialmente, a Revelação talvez seja o mais detestável livro da Bíblia. Tenho a certeza de que o ouvi e li dez vezes até aos meus dez anos de idade, sem o compreender nem lhe prestar verdadeira atenção. E mesmo sem saber nem pensar nada a seu respeito, tenho a certeza de que me despertou sempre uma verdadeira aversão. É provável que, sem reparar, desde muito tenra idade eu tenha detestado a sua lenga-lenga solene e prodigiosa, a ruidosa forma como todos o lêem, quer sejam pre-

gadores, professores ou comuns cidadãos. Detesto até ao fundo das entranhas a voz de «pregador». E, lembra-me agora, essa voz ainda era mais detestável quando declamava um trecho da Revelação. Não posso deixar de estremecer quando relembro frases que ainda me obcecam porque as oiço com o tom afectado e declamatório dos pastores dissidentes[2]: «Depois, vi o céu aberto, e eis que apareceu um cavalo branco, e o que estava montado em cima dele se chamava...[3]» Neste ponto a minha memória falha de repente, apaga deliberadamente as palavras seguintes: «o Fiel e o Verdadeiro». Desde criança odeio alegorias: pessoas com nomes que se limitam a enumerar qualidades, como o desta personagem do cavalo branco que se chama «Fiel e Verdadeiro». Pela mesma razão, nunca consegui ler o *Pilgrim's Progress*[4]. Ainda eu era rapazinho aprendi com Euclides que «o todo é maior do que as partes», e desde logo soube que o meu problema das alegorias estava resolvido. Um homem tem maior dimensão do que simples Felicidades e Verdades; e quando pessoas só personificam qualidades deixam, para mim, de ser pessoas. Embora na minha juventude eu adorasse Spencer e o seu *Faerie Queene*, havia nele alegorias que me custavam a engolir.

Quanto ao Apocalipse, desde a mais tenra infância antipatizo com ele. Em primeiro lugar, tem «esplendíferas» imagens mas detestáveis por completa falta de naturalidade. «E à vista do trono havia um como mar de vidro transparente, semelhante ao cristal; e no meio do trono, e ao derredor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.

«E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um novilho, e o terceiro animal tinha o aspecto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

[2] *Nonconformist* no original. Com esta palavra se referirá, nesta obra, a igreja anglicana. *(N. do T.)*

[3] As citações directas do Apocalipse seguem o texto da Bíblia Sagrada adoptado nas igrejas portuguesas. *(N. do T.)*

[4] Livro de John Bunyan, bem conhecido de todos os protestantes. Incitado pela mensagem dos Evangelhos, um habitante da Cidade da Perdição empreende uma atribulada viagem até à Cidade Celeste. *(H. E.)*



«E os quatro animais, cada um deles tinha seis asas; e à roda, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não cessavam, de dia e de noite, de dizer: Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus, omnipotente, o que era, e o que é, e o que há-de vir.»

Por causa do seu artificialismo pomposo, uma passagem como esta irritava e incomodava a minha mente infantil. Se acaso contém imagens, são imagens impossíveis de imaginar pois não vejo como podem quatro animais estar «à roda, e por dentro» «cheios de olhos», e como conseguem estar «no meio do trono, e ao derredor do trono». Não é possível que estejam aqui e além ao mesmo tempo. No entanto, o Apocalipse é assim.

Muitas das suas imagens são, além do mais, totalmente apoéticas e arbitrárias; algumas chegam mesmo a ser hediondas, como todas aquelas em que patinhamos no sangue, ou a da camisa do cavaleiro ensopada em sangue, ou a das pessoas que se lavam com o sangue do Cordeiro. Expressões como «ira do Cordeiro» são em si mesmas ridículas. No entanto, constituem a grande fraseologia e a imagística das igrejas dissidentes de todos os Templos da Inglaterra e da América, e de todos os Exércitos de Salvação. Desde sempre se disse que a religião instituída entre as massas incultas é a mais vital.

É entre as massas incultas que deparamos ainda com uma vicejante Revelação. Penso que teve, e talvez ainda tenha, mais influência do que os Evangelhos ou as grandes Epístolas. A colossal denúncia de Reis e Soberanos, da prostituta sentada nas águas, é algo que está de acordo com uma congregação de mineiros e mulheres de mineiros numa negra noite de Inverno de terça-feira, numa grande Igreja de Pentecostes que lembra um celeiro. E letras maiúsculas como estas: MISTÉRIO, BABILÓNIA A GRANDE, A MÃE DAS PROSTITUTAS E DAS ABOMINAÇÕES TERRESTRES, ainda hoje conseguem empolgar tanto os velhos mineiros como empolgavam camponeses puritanos da Escócia e os mais ferozes dos primeiros cristãos. Para os primeiros cristãos clandestinos, Babilónia a Grande queria dizer Roma, a grande cidade e o grande império que os perseguiam. E dava muita satisfação denunciá-la e atingi-la o mais possível com o maior dos infortúnios, e com a maior destruição que incluísse todos os seus reis, a sua riqueza e a sua arrogância. Depois da Reforma, uma vez mais de identificou Babilónia com

Roma, mas nessa altura ela significava o papa; nas protestantes e dissidentes Inglaterra e Escócia, as acusações de João o Divino troavam com este grande clamor: «Caiu, caiu a grande Babilónia e converteu-se em habitação de demónios, e em retiro de todo o espírito imundo, e em guarida de toda a ave hedionda e abominável.» Hoje em dia, estas palavras ainda são declamadas e às vezes berradas contra o papa e os católicos romanos que parecem continuar de cabeça erguida. Contudo, hoje ainda é frequente que Babilónia signifique gente rica e má que vive no luxo e na devassidão algures, em lugares distantes, Londres, Nova Iorque ou na pior de todas, Paris, e nem uma vez na vida chega a pôr os pés numa «igreja».

Se formos pobres mas *não* humildes — e os pobres podem ser subservientes mas *quase nunca* são verdadeiramente humildes, no sentido cristão do termo —, é muito agradável reduzir os grandes inimigos à total destruição e à desgraça enquanto nos elevamos até alcançar a grandeza. E em nenhum lado isto acontece de tão esplendorosa forma como na Revelação. Aos olhos de Jesus, o grande inimigo era o fariseu que batia sempre a tecla da letra da lei. Contudo, para o mineiro ou o operário, o fariseu é uma coisa muito remota e subtil. É raro o Exército de Salvação bradar pelas esquinas contra os fariseus. Brada, sim, contra o Sangue do Cordeiro, a Babilónia, o Sião, os Pecadores, a grande prostituta, os anjos que gritam Ai, Ai, Ai!, contra os Cálices que derramam terríveis pragas. Acima de tudo fazem-no para sermos salvos, nos sentarmos no Trono com o Cordeiro, reinarmos em Glória, termos uma Vida Eterna e vivermos numa grande cidade de jaspe com portas de madrepérola: uma cidade onde «nem eles terão necessidade de luz de alâmpada, nem de luz do sol». Se ouvirdes o Exército de Salvação, compreendereis que os seus membros hão-de vir a ser muito grandes. Muito grandes, de facto, uma vez chegados ao céu. E *então* vereis como as coisas são. Vós, os seres superiores, vós Babilónia, sereis postos no vosso lugar: em pleno inferno e enxofre.

É este o tom de toda a Revelação. Depois de lermos várias vezes o precioso livro, ficaremos apenas a perceber que João o Divino trazia estampado na face o grandioso projecto de expulsar e aniquilar quem não fizesse parte dos eleitos, do povo escolhido,



em suma, e de ele próprio fazer uma escalada até ao trono de Deus. Com a igreja dissidente, os fiéis apoderaram-se da ideia judaica do povo escolhido. Eles eram «aquilo», os eleitos ou os «salvos». Apoderaram-se da ideia judaica do derradeiro triunfo e do reino do povo escolhido. De cães inferiores, que eram, passaram a cães das alturas: do Céu. Se agora não estavam sentados no trono, iriam depois sentar-se no regaço do entronizado Cordeiro. É esta a doutrina que todas as noites podemos ouvir ao Exército de Salvação, ou num templo, ou numa igreja de Pentecostes qualquer. Se não for Jesus, será João. Se não for o Evangelho, será a Revelação. A religião popular é esta e diferente, o mais possível, da religião que medita.

# DOIS

Ou pelo menos era assim a religião popular, na altura da minha meninice. Lembra-me que em criança eu costumava ficar admirado com o estranho sentimento de autoglorificação que se encontrava nos líderes incultos, em especial nos homens das igrejas metodistas primitivas. Esses mineiros, que falavam um dialecto cerrado e dirigiam as igrejas do Pentecostes, de um modo geral não eram devotos nem hipócritas, nem dignos de censura. Por certo, não eram humildes nem apologéticos. Nada disso; chegavam da galeria, sentavam-se com uma grande barulheira para jantar, as suas mulheres e as suas filhas acorriam a servi-los, muito animadas, os seus filhos obedeciam-lhes sem nenhum ressentimento especial. O lar era rude mas não desagradável, e possuia uma estranha atmosfera de mistério ou poder selvagem, como se os homens da igreja realmente dispusessem de um qualquer poder agreste chegado do alto. Não amor, mas um rude sentido do poder algo selvagem e com um quê de «especial». Que *segurança* a deles e como as suas mulheres eram, em geral, tão submissas perante o seu domínio! Já que mandavam na igreja, bem podiam mandar em casa. Isto costumava causar-me espanto, mas alegrava-me bastante. Embora eu não deixasse de pensar que era um tanto «vulgar». A minha mãe, que era congregacionista, ao que suponho nunca pôs na sua vida os pés numa igreja metodista primitiva. E não se mostrava disposta, com certeza, a ser humilde perante o marido. Mas tivesse ele a insolência



de um verdadeiro pastor, e não duvido de que fosse bem mais submissa. A insolência era a qualidade mais preponderante de um homem da igreja. Mas uma insolência muito especial que tinha, por assim dizer, autorização do céu. Sei agora que uma grande parte dessa religiosa insolência muito especial se apoiava no Apocalipse.

Só muitos anos mais tarde, depois de alguma coisa eu ter lido sobre religiões comparadas e história das religiões, pude perceber como era estranho o livro que, nas noites negras de terça-feira, nas igrejas do Pentecostes ou de Beauvale, inspirava aos mineiros aquele estranho sentido de autoridade especial e religiosa insolência. Estranhas e maravilhosas noites negras do norte dos Midlands, com candeeiros a gás que silvavam na capela e o rugido do vozeirão dos mineiros. Religião do povo: uma religião de autoglorificação, de poder para sempre!, e trevas. Sem gemidos como: «ó luz suave, guiai-nos!...»

Quanto mais vivemos mais reparamos que há duas espécies de cristianismo: uma centrada em Jesus e no mandamento «Amai-vos uns aos outros»! —; a outra centrada, não em Paulo, ou Pedro, ou João o Bem-Amado, mas no Apocalipse. Há o cristianismo da ternura. Porém, se eu chegar até onde me é dado ver, totalmente marginalizado pelo cristianismo que autoglorifica: a autoglorificação dos humildes.

Não há meio de o impedir: a humanidade cai sempre numa divisão entre aristocratas e democratas. Durante a era cristã, os mais puros aristocratas sempre pregaram a democracia. Mas os mais puros democratas, esses tentam virar-se para a mais absoluta aristocracia. Jesus, tal como os apóstolos João e Paulo, era um aristocrata. Só um grande aristocrata é capaz de grandes ternuras, delicadezas e altruismos: a ternura e a delicadeza da *força*. O democrata, esse manifesta-nos muitas vezes a ternura e a delicadeza da fraqueza, o que é bem diferente. Mas transmite, em geral, uma sensação de dureza.

Não estamos a referir-nos a partidos políticos, mas a duas naturezas humanas de espécies diferentes: dos que se sentem de alma forte, e dos que se sentem fracos. Jesus, Paulo e, o maior deles, João, sentiam-se fortes; mas João de Patmos sentia-se, no mais fundo da alma, fraco.

No tempo de Jesus, os homens interiormente fortes tinham perdido, por todo o lado, a vontade de mandar na terra. Desejavam desviar de leis e poder terrestres a sua força e aplicá-la a outra forma de vida. Por isto mesmo os fracos começaram a levantar a cabeça e a sentir uma presunção *desmesurada*, começaram a exprimir o seu progressivo ódio perante os «obviamente» fortes, os homens que detinham o poder terreno.

E assim foi que a religião, em especial a religião cristã, se fez dúplice. A religião dos fortes pregava a renúncia e o amor; a religião dos fracos pregava: *abaixo os fortes e os poderosos, e que os pobres sejam glorificados*. Como no mundo há sempre mais gente fraca do que forte, o segundo tipo de cristianismo é que triunfou e triunfará. Se os fracos não forem dominados, serão eles a dominar; e acabou-se. A regra dos fracos é: *abaixo os fortes!*

A grande autoridade bíblica deste grito é o Apocalipse. Os fracos e os pseudo-humildes hão-de varrer todo o poder, toda a glória e as riquezas terrenas da face do mundo; e então eles, os verdadeiros fracos, reinarão. Haverá um milénio de santos pseudo-humildes horrível de contemplar, mas é exactamente neste ponto que a religião hoje está: derrube-se toda a vida intensa e livre, e que os fracos triunfem, e que os pseudo-humildes reinem. É a religião da autoglorificação dos fracos, o reino dos pseudo-humildes. Na religião e na política, é este o espírito da sociedade actual.



# TRÊS

A religião de João de Patmos era assim mesmo. Diz-se que ele já era velho quando terminou o Apocalipse no ano 96 d. C., data estabelecida pelos eruditos modernos com base em «provas intrínsecas».

Ora acontece que, nos primeiros tempos da história cristã, há três pessoas chamadas João: o João Baptista que baptizou Jesus e fundou, segundo parece, uma religião ou pelo menos uma seita da sua autoria com estranhas doutrinas que, muitos anos depois de Jesus morrer, ainda existiam; a seguir o apóstolo João, a quem são atribuídos o Quarto Evangelho e algumas Epístolas; a seguir este João de Patmos que viveu em Éfeso e foi metido na prisão em Patmos por um delito qualquer de carácter religioso contra o Estado Romano. Contudo, libertado ao fim de alguns anos na sua ilha, voltou a Éfeso e aí viveu, de acordo com a lenda, até uma idade bastante avançada.

Durante muito tempo julgou-se que o apóstolo João, a quem se atribui o Quarto Evangelho, também tivesse escrito o Apocalipse. Contudo, não é possível que o mesmo homem tenha escrito as duas obras, tão diferentes são uma da outra. O autor do Quarto Evangelho foi com certeza um judeu «grego» culto e um dos grandes inspiradores do cristianismo místico, «do amor»; João de Patmos deve ter tido uma natureza bastante diferente e que inspirou, por certo, sentimentos muito diferentes.

Quando começamos a ler o Apocalipse com espírito crítico e seriedade, vemos que revela uma doutrina cristã da maior importância e que embora completamente alheia ao Cristo real, completamente alheia ao Evangelho real, completamente alheia ao sopro criador do cristianismo, talvez seja a mais eficaz doutrina da Bíblia. Durante toda a era cristã tem tido, mais do que qualquer outro livro bíblico, grande impacto sobre a gente de inferior qualidade. Tal como o conhecemos, o Apocalipse de João é obra de um espírito de inferior qualidade. Exerce uma sedução intensa sobre as mentes de inferior qualidade de todos os países e de todos os séculos. Apesar de ininteligível como é, não haja dúvidas de que soube, desde o século I e de forma assaz estranha, ser a maior fonte de inspiração para a vasta maioria dos espíritos cristãos — e a vasta maioria é sempre de inferior qualidade —; e verificamos com horror nosso que ainda hoje nos insurgimos contra isso; nem Jesus, nem Paulo, mas João de Patmos.

A doutrina cristã do amor era uma evasão, mesmo no que tinha de melhor. Até Jesus reinaria «na outra vida», quando o seu «amor» se transformasse em poder confirmado. A história de reinarmos em glória na outra vida está na raiz do cristianismo e não passa, como é evidente, de uma expressão do desejo frustrado de reinarmos aqui e agora. Não era possível fazer com que os Judeus desistissem disto: estavam decididos a reinar na terra e, quando o templo de Jerusalém foi destruído pela segunda vez, por volta do ano 200 a. C., começavam a imaginar a vinda de um Messias militante e triunfante que conquistaria o mundo. Os cristãos retomaram esta ideia do Segundo Advento de Cristo, altura em que Jesus viria dar uma varridela final ao mundo dos pagãos e estabelecer uma autoridade de santos. Ao princípio modesta (durante cerca de 40 anos), João de Patmos estendeu esta autoridade de santos ao grande número redondo de um milhar de anos, e assim foi que o milénio tomou conta da imaginação humana.

Assim foi que o espírito do poder, inimigo do grande cristianismo, entrou sorrateiramente no Novo Testamento. No último dos últimos momentos, já o demónio estava expulso e bem expulso, esse espírito voltou a insinuar-se disfarçado com vestes apocalípticas e ele próprio se entronizou, no final do livro, como Revelação.



Porque a Revelação, seja dito de uma vez por todas, é a revelação da imperecível vontade de poder que há no homem e a sua santificação, o seu derradeiro triunfo. Mesmo que precisemos de sofrer o martírio e nessa mesma ocasião todo o universo tenha, de igual modo, de ser destruído, ainda assim, ainda assim, ainda assim, ó Cristão, irás reinar como um rei e assentarás o pé no pescoço dos velhos patrões!

É esta a mensagem da Revelação.

E tal como era inevitável Jesus ter entre os discípulos um Judas Iscariotes, tinha de haver uma Revelação no Novo Testamento.

Porquê? Porque ela é pedida, será sempre pedida pela natureza humana.

O cristianismo de Jesus só é aplicável a uma parte da nossa natureza. Há outra, grande, a que ele não pode aplicar-se. E é a esta parte que a Revelação se aplica, tal como no-lo demonstra o Exército de Salvação.

As religiões de renúncia, meditação, e conhecimento de nós próprios são apenas feitas para o indivíduo. Sucede, porém, que o homem só é indivíduo numa parte da sua natureza. Noutra grande parte de si próprio é colectivo.

As religiões de renúncia, meditação, conhecimento de nós próprios e moralidade pura destinam-se a indivíduos que, apesar disso, não são totalmente indivíduos. Embora expressem o lado individual da natureza humana. Isolam este aspecto da sua natureza. E suprimem o outro lado da sua natureza, o lado colectivo. Como a camada mais baixa da sociedade nunca é individual, encontraremos nela uma manifestação religiosa diferente.

As religiões de renúncia, como o budismo, o cristianismo ou a filosofia de Platão, destinam-se a aristocratas: aristocratas do espírito. Os aristocratas do espírito encontram a sua plenitude na realização de si próprios e no acto de servir. Servir o pobre. Pois muito bem. Mas o pobre, a quem vai ele servir? O grande problema é este. E João de Patmos dá-lhe uma resposta. O pobre serve-se a si mesmo e trata da sua autoglorificação. E por pobre não entendemos o simples indigente; entendemos as almas só colectivas e terrivelmente «medíocres» que não possuem a singularidade e a solidão aristocráticas.

A grande massa tem destas almas medíocres. *Sem* a individualidade aristocrática que Cristo, Buda ou Platão exigem. E por isso elas se ocultam numa massa e secretamente se empenham na sua própria e derradeira autoglorificação. Os patmosistas!

O homem só pode ser cristão, budista ou platónico quando solitário. As estátuas de Cristo e de Buda testemunham-no. Se o homem estiver com outros homens, surgem de imediato distinções e estabelecem-se níveis. Mal está ao pé de outros homens, Jesus é um aristocrata, um senhor. E Buda é sempre o Senhor Buda. Ao tentar ser tão humilde Francisco de Assis encontra, na verdade, uma forma subtil de poder absoluto sobre os seus seguidores. Shelley não *suportava* ser o aristocrata do seu grupo. Lenine era um tirano com roupa coçada.

Pois sim! Mas o poder existe e sempre há-de existir. Principalmente nos casos em que se trata de *fazer* algo, basta juntarem-se dois ou três homens para o poder surgir e um dos homens ser *leader*, um senhor. É inevitável.

Se o aceitarmos, se reconhecermos esse poder natural que o homem tem, como sucedia no passado, e se o homenagearmos, então haverá uma grande alegria, um enaltecimento, e a força do poderoso passará para o menos poderoso. Haverá um fluxo de poder. E com isto os homens terão, agora e sempre, o melhor dos seres colectivos, e em cada um de nós brotará a correspondente chama. Presta homenagem e lealdade ao herói, e tornar-te-ás, tu próprio, heróico. É a lei dos homens. A das mulheres talvez seja diferente.

Actuai em sentido contrário e vede, porém, o que acontece! Negue-se o poder, e logo o poder declina. Negue-se o poder num homem superior, e nem vós tereis qualquer poder. No entanto a sociedade precisa, agora e sempre, de ser legislada e governada. Só assim as massas admitirão *autoridade* onde negam o poder. A autoridade passa a substituir o poder e teremos «ministros», funcionários públicos e polícias. Surgirá então a grande porfia da ambição, da competição; e as massas, tal é o medo que sentem do poder, começarão a espezinhar-se umas às outras.

Um homem como Lenine é um grande santo maléfico que acredita na total destruição do poder; o que deixa os homens



indescritivelmente vazios, nus, pobres, miseráveis e humilhados. Abraham Lincoln é um santo meio maléfico que *quase* acredita na total destruição do poder. O presidente Wilson é um santo verdadeiramente maléfico que acredita, de facto, na destruição do poder — e ele próprio corre em direcção à megalomania e a uma neurótica tirania. Todo o santo passa a ser maléfico — Lenine, Lincoln, Wilson são verdadeiros santos enquanto se limitam a ser somente indivíduos —, todo o santo passa a ser maléfico no momento em que atinge o eu colectivo dos homens. Torna-se então perversor: com Platão dá-se o mesmo. Os grandes santos só têm a ver com o *indivíduo*, ou seja, só com um lado da nossa natureza, pois nas camadas mais profundas de nós próprios somos colectivos sem remissão. O eu colectivo vive, actua e assume-se numa relação plena de poder, ou então permanece reservado e vive miseráveis conflitos tentanto destruir o poder e destruir-se a si próprio.

Porém, a vontade de destruir o poder é, hoje em dia, suprema. Grandes soberanos, como o recém-falecido tsar — isto é, grandes pela posição que ocupam —, tornam-se quase imbecis pela grande anti-vontade das massas ou pela vontade de negar o poder. Os modernos reis são anulados ao ponto de se tornarem quase idiotas. E o mesmo se passa com qualquer homem no poder, a menos que seja um destruidor do poder e um malvado pássaro que se enfeita com penas de pavão; neste caso, as massas dar-lhe-ão o seu apoio. Como será possível que algum dia as massas inimigas do poder, sobretudo as grandes massas medíocres, tenham um rei que seja algo mais do que ridículo ou patético?

O Apocalipse, face oculta do cristianismo, trabalha há quase dois mil anos e tem a obra quase concluída. Porque o Apocalipse não venera o poder. Pretende assassinar os poderosos, arrebatar para si — para si, o fraco — o poder.

Judas devia denunciar Jesus aos poderes constituídos, por causa da negação e do subterfúgio inerentes à sua doutrina. Jesus assumiu, mesmo perante os seus discípulos, uma posição de individualidade pura. Nunca se misturou *realmente* com eles, nem sequer trabalhou com eles. *Esteve sempre sozinho.* Deixou-os completamente confundidos e houve vários a quem decepcionou.

Recusou-se a ser o seu senhor no sentido físico do termo. Mesmo o forte culto de homenagem de um homem como Judas se sentiu traído! E por isso traiu também: com um beijo. Por razão idêntica, a Revelação teria de ser incluída no Novo Testamento, para dar aos Evangelhos o beijo da morte.



# QUATRO

É curioso, mas a vontade colectiva de uma comunidade denuncia, de facto, os *fundamentos* da vontade individual. Desde muito cedo, as primeiras igrejas ou comunidades cristãs manifestaram a estranha vontade de uma estranha espécie de poder. Sentiram vontade de destruir todo o poder e, assim, usurpar para si próprias o último, o fundamental poder. E embora a doutrina de Jesus não fosse realmente esta, era inevitável que passasse por ser a sua doutrina nas mentes das grandes massas de fracos e inferiores. Jesus pregava a fuga e a libertação através do amor fraterno e altruista: sentimento este que só os fortes podem conhecer. Sem dúvida isto fez, ao mesmo tempo, com que a comunidade dos fracos se embriagasse de triunfo; a vontade da comunidade cristã era anti-social, quase anti-humana, e desde o início reveladora de um desejo frenético de fim de mundo, da destruição simultânea de toda a humanidade; e, quando isto não aconteceu, de uma extraordinária determinação sinistra de destruir toda a autoridade, toda a soberania, todo o esplendor humano poupando apenas a comunidade de santos como derradeira negação do poder e derradeiro poder.

Depois do colapso da Idade das Trevas, a igreja católica voltou a emergir como coisa *humana* completa e não parcial, adaptada ao tempo da sementeira, da colheita, do solstício do Natal e do auge do Verão, nos seus primeiros tempos atingindo um saudável equilíbrio entre o amor fraterno, a soberania e o esplendor natu-

rais. A cada homem era dado um pequeno reino, quando se casava, e a cada mulher o seu pequeno e inviolável domínio. Este casamento cristão regulado pela Igreja era uma grande instituição de verdadeira liberdade, a verdadeira possibilidade de realização. A liberdade já só era, e já só podia ser a viabilidade de viver de forma plena e satisfatória. No casamento, no grande ciclo natural de rituais e festas da Igreja, a primitiva Igreja Católica tentou dar isto ao homem. Infelizmente, não tardou que a Igreja perdesse o equilíbrio e caísse em terrena cupidez.

Depois deu-se a Reforma e as coisas voltaram ao mesmo: à velha vontade de destruir o poder terreno dos homens que havia na comunidade cristã, e de substituí-lo pelo poder *negativo* das massas. Ainda hoje essa batalha devasta com todo o seu horror. Na Rússia foi consumado o triunfo sobre o poder terreno, e o reino dos santos surgiu tendo Lenine como santo principal.

E Lenine era um santo. Tinha todas as qualidades de um santo. Com toda a razão hoje veneram-no como tal. Porém, os santos que tentam matar por completo o poder fero da humanidade são demónios, tal como eram demónios os Puritanos que queriam arrancar as coloridas penas do tentilhão. Demónios!

O regime de santos de Lenine veio a ser horrível ao máximo. Contém mais não-deves do que qualquer regime de «Besta» ou imperador. E não podia ser de outro modo. Todo o regime de santos terá de ser horrível. Porquê? Porque a natureza humana não é santa. A necessidade *primordial*, a velha necessidade adâmica que existe na alma do homem, é chegar a ser, tanto quanto possível, senhor, soberano e alguém magnífico na sua esfera própria, na sua esfera privada. Qualquer galo pode eriçar as penas brilhantes e cantar no alto da sua estrumeira; na sua choupana e quando bebe o seu copo, qualquer camponês pode ser um glorioso tsar em miniatura. Qualquer camponês se consuma na velha ostentação, na magnificência dos nobres e no esplendor supremo do tsar. Com os seus próprios olhos pode ver o senhor supremo, alguém soberano e magnífico — que é deles, magnífico que é deles —: o tsar! E isto satisfez uma das mais profundas, vastas e poderosas necessidades do coração humano. O coração humano precisa e torna a precisar de esplendor, magnificência, orgulho, arrogância, glória e soberania. Talvez seja uma necessi-



dade ainda maior do que a necessidade de amor, pelo menos maior do que a necessidade de pão. E todo o grande rei faz de cada homem um pequeno senhor na sua esfera minúscula, enche a imaginação de soberania e esplendor, satisfaz a alma. A coisa mais perigosa do mundo é mostrar ao homem a mesquinhez da sua própria condição de limitado macho. Isso deprime-o, *fá-lo* mesquinho. Tornamo-nos, por infelicidade, naquilo que julgamos ser. Há muitos anos que os homens se sentem deprimidos, deprimidos até à melancolia, quase até à abjecção, com a sua viril e soberba condição. E não será isso pernicioso? Que os homens façam algo, portanto, contra este estado de coisas.

Um grande santo como Lenine — ou Shelley, ou S. Francisco — só pode gritar *anátema!, anátema!* ao natural e orgulhoso eu do poder, e tentar destruir deliberadamente tudo quanto é força e tudo quanto é domínio, e deixar o povo pobre, oh, tão pobre! Pobre, pobre, pobre como ele é em todas as nossas democracias modernas, embora não tenha, em parte alguma, a vida tão radicalmente empobrecida como na mais absoluta democracia, e seja qual for o dinheiro de que ele aí disponha.

A comunidade é desumana, é menos do que humana. E acaba, ao *não ter sangue* nem sentimentos, por ser o mais perigoso tirano. No homem, tão forte é o instinto aristocrático, que até mesmo uma democracia como a americana ou a suíça há-de responder por muito tempo ao apelo de um herói com qualquer coisa de aristocrata como Lincoln. Porém, com o passar do tempo, a vontade de dar uma resposta ao heróico, ao verdadeiro apelo aristocrático, em todas as democracias faz-se cada vez mais fraca. Toda a História nos prova isto. Depois, os homens voltam-se com uma espécie de peçonha contra o apelo do heróico. Só darão ouvidos ao apelo da mediocridade e arvoram o insolente e insensível poder da mediocridade, que é nocivo. Daqui o êxito dos políticos aflitivamente inferiores, e até mesmo vis.

Povos corajosos engrandecem uma aristocracia. A democracia do não-deves está destinada a coleccionar homens fracos. E a sagrada «vontade popular» faz-se mais cega, vil e perigosa do que a vontade de qualquer tirano. Quando a vontade do povo passa a ser a soma das fraquezas de uma multidão de homens fracos, é tempo de ser quebrada.

A actual situação é esta. A sociedade compõe-se de uma massa de indivíduos fracos que tentam, sem medo, proteger-se contra todos os males possíveis e imaginários, mas fazem, claro está, esses males nascer *do seu próprio medo.*

É assim a actual comunidade cristã, com os seus perpétuos e mesquinhos não-deves.

É assim, na prática, que a doutrina cristã funciona sempre.



# CINCO

E a Revelação constitui o prenúncio de tudo isto. Trata-se principalmente de qualquer coisa a que alguns psicólogos chamariam revelação de um frustrado objectivo de «superioridade» e de um consequente complexo de inferioridade. No Apocalipse nada encontramos do lado positivo do cristianismo — a paz da meditação e a alegria do acto altruista, a trégua de ambições e o prazer do conhecimento. Porque o Apocalipse é pelo lado não-individual da natureza humana, é escrito de acordo com o frustrado eu colectivo, ao passo que a meditação e o acto altruista são próprios de indivíduos puros, isolados. *De forma alguma* o cristianismo puro pode servir uma nação ou a sociedade no seu todo. A Grande Guerra deixou isto claro. O cristianismo só serve indivíduos. O todo colectivo precisa de uma inspiração algo diferente.

Por mais repulsiva que seja a sua tendência predominante, o Apocalipse também possui uma inspiração diferente. É repulsivo porque ressoa com o perigoso rosnar do *frustrado e reprimido* eu colectivo; o vingativo, o frustrado espírito do poder que há no homem. No entanto, também há algo nele que é revelação do verdadeiro e positivo espírito do poder. Logo o seu início nos surpreende: «João, às sete igrejas que há na Ásia. Graças a vós outros, e paz, da parte DAQUELE QUE É, E QUE HÁ-DE VIR, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono; e da parte de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogénito dos mortos, e o príncipe dos reis da terra, que nos amou e nos lavou dos nossos

pecados no seu sangue. E nos fez sermos o reino e os sacerdotes, para Deus, e seu Pai; a ele, glória e império, por séculos dos séculos. Ámen. Ei-lo aí vem sobre as nuvens, e todo o olho o verá, e os que o traspassaram. E baterão nos peitos, ao vê-lo, todas as tribos da terra; assim se cumprirá. Ámen.[1]»

Aqui temos, porém, um estranho Jesus muito diferente do Jesus da Galileia que vagabundeava à volta do lago. O texto prossegue: «Eu fui arrebatado em espírito num dia de domingo, e ouvi, por detrás de mim, uma pequena voz, como de trombeta, que dizia: 'O que vês, escreve-o num livro.' — E voltei-me, para ver a voz que falava comigo, e, assim voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos sete candeeiros de ouro, um, semelhante ao Filho do Homem, vestido de uma roupa talar, e cingido, pelos peitos, com uma cinta de ouro; a sua cabeça, porém, e os seus cabelos, eram brancos como a lã branca, e como a neve, e os seus olhos pareciam uma como chama de fogo, e os seus pés eram semelhantes ao latão fino, quando está numa fornalha ardente, e a sua voz igualava o estrondo das grandes águas; e tinha na sua direita sete estrelas, e saía da sua boca uma espada aguda de dois fios, e o seu rosto resplandecia como o sol na sua força. Logo que eu o vi, caí ante os seus pés como morto. Porém ele pôs a sua mão direita sobre mim, dizendo: 'Não temas; eu sou o primeiro e o último, e o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo, por séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que têm de suceder depois destas. Eis aqui o mistério das sete estrelas que tu viste na minha mão direita, e dos sete candeeiros de ouro; as sete estrelas são os sete anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas. Escreve ao anjo da igreja de Éfeso: Isto diz aquele que tem as sete estrelas na sua direita, que anda no meio dos sete candeeiros de ouro...'»

Ora este ser com a espada do Logos a sair da boca e as sete estrelas na mão é o Filho de Deus, portanto o Messias, portanto Jesus. Encontra-se muito longe do Jesus que dizia em Getsêmani:

[1] D. H. Lawrence acrescenta uma frase sem sentido nesta edição portuguesa: «Utilizei a tradução de Moffatt, uma vez que é mais explícita do que a versão autorizada.» *(N. do T.)*



«A minha alma está numa tristeza mortal; demorai-vos aqui, e vigiai comigo.» — Contudo, é este o Jesus em que a Igreja primitiva eminentemente acreditava, sobretudo na Ásia.

Este Jesus o que é, afinal? É o grande Ser Esplêndido, quase idêntico ao Todo-Poderoso das visões de Ezequiel e Daniel. É um senhor cósmico imenso, de pé entre os sete candeiros eternos dos planetas arcaicos, o sol, a lua e as cinco grandes estrelas à volta dos pés. No céu, a sua cabeça reluzente está ao norte, a região sagrada do Pólo, na mão direita tem as sete estrelas da Ursa a que chamamos *Plough*[2] e fá-las girar à volta da estrela polar, como ainda hoje as vemos fazer, provocando a revolução universal dos céus, o movimento de rotação do cosmo. É o senhor de todo o movimento que lança o cosmo na sua corrida. Da boca volta a sair-lhe a espada de dois gumes do Verbo, a poderosa arma do Logos que há-de atingir o mundo (e acabará por destruí-lo). Trata-se, de facto, da espada que Jesus trouxe para o meio dos homens. E a sua face acabará por brilhar como o sol no auge da força, a fonte da própria vida, a soberba, diante da qual caímos como mortos.

E Jesus é este: não só o Jesus das igrejas primitivas, mas o Jesus da actual religião popular. Sem haver nele nenhuma humildade nem sofrimento. Na verdade, é o nosso «objectivo de superioridade». E é uma verdadeira justificação da *outra* concepção humana de Deus; talvez a maior e mais fundamental das concepções: o magnífico Animador do Cosmo! Para João de Patmos, o Senhor é *Kosmokrator* e mesmo *Kosmodynamos*; o grande Governador do Cosmo e o Poder do Cosmo. Infelizmente, de acordo com o Apocalipse o homem só participa no governo do cosmo depois da morte. Quando um cristão é morto em martírio ressuscitará depois, no Segundo Advento, e far-se-á, ele próprio, um pequeno *Kosmokrator* que governará mil anos. É a apoteose do homem fraco.

Porém, o Filho de Deus, o Jesus da visão joanina, é mais do que isto. Possui as chaves que abrem a morte e o Hades. É o Senhor do Inferno. É Hermes, o guia das almas através do mundo da

[2] Em inglês chama-se *Plough* (arado) à Ursa Maior. *(N. do T.)*

morte, para lá do rio infernal. É o senhor dos mistérios dos mortos, conhece o significado do holocausto e detém o derradeiro poder sobre as potências inferiores. Os mortos e os senhores da morte que pairam sempre entre os povos, por detrás da religião, os *chthonioi* dos primitivos gregos, também deverão reconhecer Jesus como senhor supremo.

E o senhor dos mortos é o senhor do futuro e o deus do presente. Dá a ver o que era, e o que é e será.

Aqui temos nós um belo Jesus! O que poderá fazer com ele o cristianismo moderno? Sim, porque é o Jesus das primeiras de todas as comunidades, e é o Jesus da primeira igreja católica que, emergindo da Idade das Trevas, não só uma vez mais se adaptava à vida, à morte e ao cosmo, como à total e magnífica aventura da alma humana em contraste com a mesquinha e pessoal aventura do protestantismo e do catolicismo modernos, desvinculada do cosmo, desvinculada do Hades, desvinculada da magnificência do Animador das Estrelas. Salvação mesquinha e pessoal, moralidade mesquinha em vez de esplendor cósmico; perdemos o sol e os planetas, e o Senhor com as sete estrelas da Ursa na mão direita. Pobre, medíocre, pequeno e rastejante mundo onde vivemos, que até as chaves da morte e do Hades perdeu! Que encurralados estamos! Com o nosso amor fraterno, tudo quanto podemos fazer é encurralarmo-nos uns aos outros. Sentimos muito medo de que alguém exista soberano e esplêndido, quando não conseguimos sê-lo. Hoje, mesquinhos bolchevistas somos nós todos, decididos a não deixar que *nenhum* homem brilhe como o sol na sua plenitude, pois talvez nos deixe ofuscados.

Hoje, voltamos a sentir em nós próprios uma sensação ambígua em relação ao Apocalipse. De repente vemos que algo do antigo esplendor pagão se deleitava com o poder e a magnificência do cosmo, e com o homem que era uma estrela no cosmo. De repente voltamos a sentir a nostalgia do velho mundo pagão que é muito anterior à época de João, sentimos uma ansiedade imensa por nos libertarmos deste estorvo mesquinho e pessoal que a miserável vida é, por voltarmos ao mundo remoto anterior aos homens que se tornaram «medrosos». Queremos libertar-nos do nosso «universozinho» sufocante e automático, voltar ao grande e vivo cosmo dos «não-iluminados» pagãos.



A maior diferença entre nós e os pagãos talvez resida na relação diferente que temos com o cosmo. Para nós, tudo é pessoal. Para nós, paisagem e céu são o delicioso fundo da nossa vida pessoal, e mais nada. Para nós, mesmo o universo do cientista pouco mais é do que uma extensão da nossa personalidade. Para o pagão, a paisagem e o fundo pessoal não tinham importância nenhuma. O cosmo, porém, era algo de muito real. O homem *vivia* com o cosmo e sabia-o maior do que ele.

Não vá pensar-se que vemos o sol como as antigas civilizações o viam. Tudo quanto vemos é um pequeno astro científico reduzido a uma bola de gás incandescente. Nos séculos anteriores a Ezequiel e a João, o sol ainda era uma realidade magnífica da qual os homens extraíam força e esplendor, à qual retribuíam com homenagens, glória e agradecimentos. Em nós está porém quebrada essa ligação, morreram os centros por ela responsáveis. O nosso sol é uma coisa muito diferente do sol cósmico dos antigos, muito mais trivial. Podemos ver aquilo a que chamamos sol, mas perdemos para sempre o Hélio e mais ainda a grande orbe dos Caldeus. Perdemos o cosmo porque nos desapareceu a ligação que se responsabilizava por ele, constituindo isto a maior das nossas tragédias. O que é o nosso amor mesquinho à natureza — Natureza!! — se comparado com a antiga e magnífica convivência com o cosmo, e com o facto de sermos honrados pelo cosmo?

Algumas das grandes imagens do Apocalipse agitam em nós profundezas estranhas e uma estranha e selvagem vibração de liberdade: de uma liberdade verdadeira, de facto, que é fuga para um lugar qualquer e não fuga para lugar nenhum. Uma fuga para fora da gaiola acanhada do nosso universo; acanhada, apesar de toda a vasta e inconcebível extensão do espaço astronómico; acanhada por não passar de uma extensão contínua, de um monótono seguir sempre em frente, sem nenhum significado: uma fuga de este «dentro» até ao cosmo vital, até um sol que é dotado de uma grande vida selvagem, que desce sobre nós o seu olhar para nos fortalecer ou fulminar quando segue, maravilhoso, o seu caminho. Quem disse que o sol me não pode falar? O sol tem uma grande e ardente consciência, e eu tenho uma pequena e ardente consciência. Quando eu conseguir desfazer-me do lixo dos sen-

timentos e das ideias pessoais, e descer até à nudez do meu eu solar, nesse momento o sol e eu poderemos comungar, fazer um intercâmbio ardente e ele dar-me-á vida, vida solar, enquanto eu lhe forneço um pouco de claridade nova, chegada do mundo de sangue vivo. O grande sol, como um dragão irado, aquele que odeia a nossa nervosa consciência pessoal. Tal como devem compreendê-lo todos estes modernos adeptos dos banhos de sol, pois são desintegrados pelo mesmo sol que os bronzeia. O sol, porém, ama como um leão o vermelho e vivo sangue da vida, e se soubermos como recebê-lo pode fazê-lo enriquecer infinitamente. Mas não sabemos. Perdemos o sol. E ele agora só pode cair-nos em cima e destruir-nos, decompondo qualquer coisa que em nós existe: o dragão da destruição, em vez de ser fornecedor de vida.

E também perdemos a lua, a lua fria, brilhante e sempre variável. Ela é quem gostaria de nos acariciar os nervos, de os polir com a sedosa mão da sua incandescência, de voltar a acalmá-los serenamente com a sua presença fria. Porque a lua é amante e mãe dos nossos corpos de água, o pálido corpo da nossa consciência nervosa e da nossa carne húmida. Oh, a lua pode acalmar-nos e curar-nos entre os seus braços como uma grande e fria Artémis. Nós perdemo-la, porém, com a nossa estupidez ignoramo-la, e ela olha-nos irada e bate-nos com nervosos chicotes. Oh, cuidado com a irada Artémis dos céus nocturnos, cuidado com o rancor de Cibele, cuidado com o vingativo espírito do corno lunar de Astarté!

Porque os amantes que à noite se matam com o horrível suicídio do amor são compelidos à loucura com as flechas envenenadas de Artémis: a lua está contra eles; a lua está ferozmente contra eles. E se a lua estiver contra ti, oh, cuidado com a noite amarga, em especial com a noite da embriaguez!

Isto pode agora parecer absurdo, mas apenas porque somos loucos. Há uma eterna e vital correspondência entre o nosso sangue e o sol; há uma eterna e vital correspondência entre os nossos nervos e a lua. Se perdermos o contacto e a harmonia com o sol e a lua, transformar-se-ão ambos em grandes dragões de destruição que se voltam contra nós. O sol é uma grande fonte de vitalidade sanguínea, imana força em nossa intenção. Porém, se



resistirmos ao sol e dissermos: não passa de uma bola de gás! —, a autêntica e imanadora vitalidade da luz solar transformar-se-á, em nós, numa subtil, numa desintegradora força, e destruir-nos-á. O mesmo se passa com a lua, os planetas, as grandes estrelas. São nossos construtores ou desconstrutores. Não podemos evitá-lo.

Nós e o cosmo somos uma unidade. O cosmo é um imenso corpo vivo de que fazemos ainda parte. O sol é um grande coração com pulsações que nos percorrem as mais finas veias. A lua é um grande e cintilante centro nervoso que nos faz palpitar eternamente. Quem saberá dizer que poder tem sobre nós Saturno ou Vénus? Contudo, trata-se de um poder vital que nos percorre *incessantemente* e agita de uma forma extrema. E se negarmos Aldebarã, Aldebarã trespassar-nos-á com infinitos golpes de punhal. Quem não está comigo está contra mim! — é uma lei cósmica.

Ora acontece que tudo isto é uma verdade *literal*, como sabiam os homens desse grandioso passado, e voltarão a sabê-lo os do futuro.

No tempo de João de Patmos, os homens — em especial os cultos — tinham perdido quase por completo o cosmo. O sol, a lua, os planetas, em vez de serem aqueles que comungavam, que ligavam, que promoviam a vida, os seres esplêndidos, os seres espantosos, já tinham caído numa espécie de torpor; eram os arbitrários, os quase engenheiros mecânicos da fatalidade e do destino. No tempo de Jesus, os homens transformaram os céus num mecanismo de fatalidade e destino; numa prisão. Os cristãos fugiram dessa prisão negando por completo o corpo. Mas que fugas pequenas, infelizmente! Em especial, fugas por renúncia! — que eram as mais fatais evasões. A cristandade e a nossa civilização ideal foram uma longa evasão. Que deu origem a um sem número de mentiras e dores, dores que as pessoas hoje em dia conhecem, não ligadas a uma necessidade física, mas necessidade muito mais mortífera e vital. É melhor haver falta de pão do que haver falta de vida. Longa evasão esta, só com um fruto que é a máquina!

Perdemos o cosmo. O sol já não nos fortalece, e a lua também não. Para nós, a lua é negra em linguagem mística, e o sol é de sarapilheira.

Agora temos de recuperar o cosmo, e não é possível fazê-lo com um artifício. A grande gama de respostas que em nós morreram tem de regressar à vida. Foram necessários dois mil anos para as matarmos. Quem saberá dizer quanto tempo terá de passar para as trazermos à vida?

Quando oiço pessoas desta época queixarem-se de estarem sós, compreendo o que aconteceu. Perderam o cosmo. — O que nos falta não é nada humano nem pessoal. O que nos falta é vida cósmica, o sol em nós, e a lua em nós. Se nos deitarmos nus como porcos numa praia, não conseguiremos obter o sol em nós. O mesmo sol que nos bronzeia desintegra-nos por dentro — como mais tarde veremos. Um processo catabólico. Só com uma espécie de culto podemos obter o sol: e o mesmo sucede com a lua. *Avançando* rumo ao culto do sol, culto que é sentido no sangue. Artifícios e poses só farão piorar as coisas.



# SEIS

E agora teremos de admitir que também estamos gratos à Revelação de S. João por nos dar sugestões sobre o sumptuoso cosmo e pôr em momentâneo contacto com ele. Contactos só passageiros, diga-se a verdade, e depois interrompidos por esse outro espírito de esperança-desespero. Por tais momentos estamos, porém, reconhecidos.

Em toda a primeira parte do Apocalipse há lampejos de verdadeiro culto cósmico. Para os cristãos o cosmos fez-se anátema, embora a primitiva Igreja Católica tenha-o até certo ponto restaurado depois do colapso da Idade das Trevas. Depois da Reforma, o cosmo voltou a ser anátema para os protestantes. Substituíram-no por um universo de forças e uma ordem mecânica não-vitais, e todo o resto se fez abstracção, tendo-se dado início à longa e lenta morte do ser humano. Esta morte lenta originou ciência e máquinas, mas ambas são produto da morte.

A morte era, por certo, necessária. A longa e lenta morte da sociedade que faz paralelo com a morte rápida de Jesus e de outros deuses moribundos. Trata-se, não obstante, da morte, e ela terminará com o aniquilamento da raça humana — tal como João de Patmos tão fervorosamente ansiava —, a menos que haja uma mudança, uma ressurreição e um regresso ao cosmo.

Porém, estas cintilações de cosmo na Revelação dificilmente podem ser atribuídas a João de Patmos. Como apocalipta que é, ele utiliza as cintilações alheias para iluminar a sua senda de

aflição e esperança. A grande esperança dos cristãos dá a medida do seu total desespero.

Isto começou, no entanto, antes dos cristãos. O Apocalipse é uma estranha forma de literatura judaica e judaica-cristã. Uma nova forma que surgiu por volta do ano 200 a. C., na altura em que os profetas já estavam extintos. Um dos primeiros Apocalipses é o livro de Daniel, pelo menos na última parte; outro é o Apocalipse de Enoch, cujas partes mais antigas são atribuídas ao século II a. C.

Os Judeus, o Povo Eleito, sempre se viram como um grande povo imperial. Tentaram sê-lo e tiveram um desastroso desaire. Desistiram. Depois de destruídos, deixaram de imaginar um grande e natural império judaico. Os profetas calaram-se para sempre. Os Judeus fizeram-se um povo com *destino adiado*. E os seus videntes começaram a escrever Apocalipses.

Os seus videntes tinham de enfrentar essa tal história do destino adiado. Já se não tratava de uma questão de profecia: era uma questão de visão. Deus já não voltaria a *contar* ao servo o que ia acontecer porque o que ia acontecer era quase incontável. Fá-lo-ia ter uma visão.

Qualquer movimento novo e intenso provoca um impulso para trás, para uma qualquer forma de consciência mais velha e meio esquecida. Os apocaliptas foram, portanto, impulsionados até à velha visão cósmica. Consciente ou inconscientemente, depois da segunda destruição do Templo os Judeus perderam a esperança no triunfo *terreno* do Povo Eleito. Obstinadamente se prepararam, pois, para um triunfo não terreno. Foi isto o que os apocaliptas decidiram fazer: — visionar o triunfo não terreno dos Escolhidos.

Para tanto precisavam de uma visão global; precisavam de conhecer tão bem o fim como o princípio. Antes disso, os homens nunca tinham querido saber qual era o fim da criação; bastava que as coisas tivessem sido criadas, e assim continuassem para todo o sempre. Naquele momento, porém, os apocaliptas precisavam de ter uma visão do fim.

Tornaram-se, portanto, cósmicos. As visões cósmicas de Enoch são muito interessantes mas não muito judaicas. São, contudo, estranhamente geográficas.



Quando chegamos ao Apocalipse de João, e a fazer o seu estudo, várias coisas nos surpreendem. Primeiro, o esquema evidente, a divisão do livro em duas metades de intenções muito discordantes. A primeira metade, anterior ao nascimento do bebé Messias, parece ter como objectivo a salvação e a renovação; deixa o mundo prosseguir, renovado. A segunda metade, quando as Bestas despertam, alimenta porém um ódio místico e sobrenatural pelo mundo, pelo poder terreno, por tudo e por todos os que não se submeterem completamente ao Messias. A segunda metade do Apocalipse é ódio flamejante e mera luxúria (não há outra palavra, senão «luxúria») pelo fim do mundo. O apocalipta *deve* ver arrasado de uma ponta à outra o universo ou o cosmo conhecido para apenas dar lugar a uma cidade celestial e a um infernal lago de enxofre.

A discrepância entre as duas intenções é a primeira coisa que nos salta à vista. Mais breve, mais condensada ou abreviada, a primeira parte é muito mais difícil e complicada do que a segunda, e o seu sentido muito mais dramático apesar de mais universal e significativo. Sem sabermos porquê, na primeira parte sentimos o espaço e a pompa do mundo pagão. Na segunda temos o frenesi individual dos primeiros cristãos, bem semelhante ao frenesi da gente da Igreja e dos renascentistas religiosos de hoje.

Além disso, na primeira parte sentimo-nos em contacto com grandes e velhos símbolos que nos levam a um tempo longínquo, a perspectivas pagãs. Na segunda parte, a imagística é judaica e alegórica, de certo modo moderna, e tem uma explicação local e temporal relativamente fácil. Quando lá se encontra uma nota de verdadeiro simbolismo, não é sob a forma de ruina ou vestígio encastrado na estrutura presente, mas antes de reminiscência arcaica.

Uma terceira coisa que nos impressiona é o uso constante dos grandes títulos do poder, não só pagãos como judaicos, e qualquer deles atribuído a Deus e ao Filho do Homem. *Rei dos Reis* e *Senhor dos Senhores* são típicos de uma ponta à outra, bem como *Kosmokrator* e *Kosmodynamos*. Sempre títulos de poder, e nunca títulos de amor. O Cristo é sempre o conquistador omnipotente que faz relampejar a sua grande espada e destrói; destrói grandes

massas humanas até o sangue chegar ao freio dos cavalos. Nunca, nunca é o Cristo Salvador. O Filho do Homem do Apocalipse vem à terra trazer um *poder* novo e terrível, maior do que o poder que qualquer Pompeu, Alexandre ou Ciro algum dia teve. Poder medonho, poder destruidor. E quando algum elogio se faz, ou é cantado o Filho do Homem, é para lhe conferir poder e riquezas, sabedoria, força, honra, glória e bênçãos — todos os atributos conferidos aos grandes reis e faraós da terra mas que se adaptam mal ao Jesus crucificado.

E acontece que isto nos desconcerta. Se João de Patmos realmente terminou este Apocalipse no ano 96 d. C., surpreende que conhecesse tão pouco a lenda de Jesus, e nele nada existisse do espírito dos Evangelhos, todos anteriores ao seu livro. Fosse ele quem fosse, este velho João de Patmos era um estranho indivíduo. Em todo o caso conseguiu pôr em evidência, por vindouros séculos, as emoções de um certo tipo de homens.

Ficamos com a impressão de que o Apocalipse não é só um livro mas vários, talvez muitos. Não se trata, porém, de uma obra como a de Enoch, feita com fragmentos de vários livros ligados uns aos outros. É um só livro com vários estratos, como se estratos de civilização fossem surgindo à medida que escavamos mais e mais profundamente uma cidade antiga. Lá bem no fundo existe um substracto pagão, provavelmente um dos antigos livros da civilização do Egeu, uma espécie de livro de um Mistério pagão. Retranscrito por apocaliptas judeus, depois foi ampliado e por fim transcrito uma vez mais por João, um apocalipta judaico-cristão; e depois, a partir desse dia, expurgado, corrigido, castrado e ampliado por editores cristãos que quiseram fazer dele obra cristã.

Que estranho judeu deve ter sido, porém, João de Patmos! Violento e impregnado pelos livros hebreus do Velho Testamento, mas também impregnado por toda a espécie de conhecimentos pagãos, por tudo quanto pudesse contribuir para a sua paixão, a sua insuportável paixão pelo Segundo Advento, pela total destruição dos Romanos com a grande espada de Cristo, pelo espezinhamento da humanidade no lagar da ira de Deus até o sangue chegar ao freio dos cavalos, pelo triunfo do cavaleiro num corcel branco, maior do que qualquer rei persa. Depois, durante um



milhar de anos, o poder dos mártires; e depois, oh, depois a destruição de todo o universo e o Juízo Final. «Vem, Senhor Jesus, vem!»

E João estava firmemente convencido de que ele vinha, e vinha *de imediato*. Por isso os tremores da esperança terrível e terrificante dos primeiros cristãos; que ao olhar dos pagãos os transformou, como é natural, em inimigos de toda a humanidade.

Ele, porém, não veio, o que nos faz ter pouco interesse pelo caso. O que nos interessa é a estranha recidiva pagã do livro e os vestígios pagãos que nele existem. E percebemos agora que o Judeu, quando *se digna* olhar para o mundo exterior tenha de fazê-lo com olhos de gentio ou pagão. Os judeus do período pós-David não tinham olhos próprios com que pudessem ver. Espreitavam para dentro, para o seu Jeová, até ficarem cegos: depois olhavam para o mundo com os olhos dos vizinhos. Quando os profetas tinham de ter visões, tinham de ter visões assírias ou caldaicas. Pediam emprestados outros deuses para verem o seu próprio, o seu invisível Deus.

A grande visão de Ezequiel, tão largamente repetida no Apocalipse, o que é senão pagã e provavelmente desfigurada por ciumentos escribas judeus? Um grande conceito pagão do Espírito do Tempo, do *Kosmokrator* e do *Kosmodynamos!* Se a isto acrescentarmos que o *Kosmokrator* se encontra entre as rodas celestes, conhecidas por rodas de Anaximandro, ver-se-á onde nos encontramos. Encontramo-nos no grande mundo do cosmo pagão.

O texto de Ezequiel está, porém, irremediavelmente deturpado, deturpado deliberadamente, sem dúvida, por escribas fanáticos que desejavam macular a visão pagã. Trata-se de uma velha história.

Não menos surpreendente será encontrarmos as rodas de Anaximandro em Ezequiel. Estas rodas são uma velha tentativa de explicar o regular porém complexo movimento dos céus. Baseiam-se no primeiro dualismo «científico» que os pagãos descobriram no universo, a saber, o húmido e o seco, o frio e o quente, o ar (ou nuvem) e o fogo. Estranhas e fascinantes são as grandes rodas que movimentam o céu, feitas de ar denso ou nuvens nocturnas e cheias de um resplandecente fogo cósmico, fogo que rompe ou brilha através de certos furos dos aros das

rodas formando o sol resplandecente ou o pontilhado estelar. Todas as orbes são pequenos furos da roda negra cheia de fogo: e há uma roda dentro de outra, com rotações diferentes.

Julga-se que Anaximandro — quase que o primeiro dos primeiros pensadores gregos — no século VII a. C. inventou esta teoria da «roda» dos céus na Jónia. Seja como for, Ezequiel teve conhecimento dela na Babilónia, e quem sabe se não se trata de uma ideia totalmente caldaica. Que tem atrás de si, com certeza, séculos de saber celeste dos Caldeus.

É um grande alívio encontrarmos em Ezequiel as rodas de Anaximandro. Imediatamente, a Bíblia faz-se um livro da espécie humana, em vez de ser uma garrafa de «inspirações» bem rolhada. E também é alívio encontrarmos lá as quatro Criaturas com asas e estrelas, dos quatro cantos do céu. De imediato somos projectados nos grandes espaços estrelados da Caldeia, em vez de estarmos confinados a um tabernáculo judaico. O facto de os Judeus, mediante um pernicioso processo antropomórfico, terem conseguido transformar as quatro grandes Criaturas em Arcanjos com nomes como Miguel e Gabriel, só nos mostra a limitação das imaginações judaicas, incapazes de compreender nada que não se apresente em termos de ego humano. Assim mesmo é um alívio sabermos que estes polícias de Deus, os grandes arcanjos, foram outrora as criaturas aladas e estreladas dos quatro cantos dos céus que, na tradição caldaica, batiam asas através do espaço.

Em João de Patmos faltam as «rodas». Desde há muito tinham sido substituídas pelas esferas celestes. O Todo-Poderoso, porém, ainda mais claramente é uma maravilha cósmica cor de âmbar como o fogo do céu, o grande Criador e o grande Governador dos céus estrelados, o Demiurgo e o *Kosmokrator*, aquele que faz os céus rodar. É uma grande figura *real*, o grande deus dinâmico que não é espiritual nem moral, mas cósmico e vital.

Naturalmente ou não, os críticos ortodoxos negam-no. O arcediago Charles[1] admite que as sete estrelas na mão direita do «Filho do Homem» são as estrelas da Ursa a girar à volta do Pólo,

[1] Um dos mais conceituados especialistas em interpretação bíblica ortodoxa, dos finais do século XIX. *(H. E.)*



e que é uma coisa babilónica, afirmando a seguir que «o nosso autor, porém, nada disto teria em mente».

Claro está que os excelentes clérigos dos nossos dias sabem, de forma exacta, aquilo que «o nosso autor» tinha em mente. Como João de Patmos é um santo cristão, *não podia* ter em mente nenhuma idolatria. É este o teor da crítica ortodoxa. Seja embora verdade que nos espanta o quase brutal paganismo do «nosso autor» João de Patmos. Fosse ele quem fosse, não tinha medo de símbolos pagãos nem sequer medo, ao que parece, de nenhum culto pagão. As antigas religiões eram cultos de vitalidade, força e poder; nunca devemos esquecê-lo. Só os Hebreus eram morais e, assim mesmo, em algumas coisas. Entre os antigos pagãos, as moralidades não passavam de regras sociais, de um comportamento decente. No tempo de Cristo, porém, todas as religiões e todo o pensamento pareciam afastar-se de velhos cultos e do estudo da vitalidade, da força e do poder, para dar lugar ao estudo da morte, das mortes-recompensa, das mortes-punição e da moralidade. Em vez de serem religiões da *vida* aqui e agora, todas as religiões se transformaram em religiões do destino adiado, da morte e da recompensa *posterior*, «se fôssemos bons».

Se João de Patmos aceitava com fogosidade o adiamento do destino, pouco se importava com o facto de «sermos bons». O que ele queria era o poder *derradeiro*. Era um descarado judeu pagão com o culto do poder, que rangia os dentes só de pensar que era adiado o seu grandioso destino.

Parece-me que ele sabia bastante sobre o valor pagão dos símbolos, valor que contrastava com aquele que os Judeus e os cristãos lhe davam. E servia-se do valor pagão sempre que isso lhe convinha, pois não era nenhuma alma tímida. Mesmo para um arcediago, é de mais insinuar que um João de Patmos desconhecia a figura do *Kosmodynamos* que fazia os céus rodar, a grande figura do Fogo cósmico com as sete estrelas da Ursa na mão direita. O mundo do século I estava cheio de cultos estelares, e a figura do Motor dos Céus devia ser familiar a qualquer rapazinho do Oriente. Os críticos ortodoxos referem em coro que «o nosso autor» não tinha em mente nenhuma idolatria estelar, para logo depois se espraiarem sobre o facto de razões haver para os homens se mostrarem muito gratos por escapar, através do cris-

tianismo, ao insensato e mecânico domínio dos céus, à imutável lei dos planetas, ao destino que a astronomia e a astrologia fixavam. «Ó Céus!», costumamos ainda hoje exclamar; e se nos detivermos um pouco para reflectir, veremos quão poderosa ideia era este movimento de céus meio cósmicos, meio mecânicos mas não antropomórficos, que fixavam o destino.

Tenho a certeza de que João de Patmos — e não só ele, mas S. Paulo, S. Pedro e S. João o Apóstolo — sabiam muita coisa sobre estrelas e cultos pagãos. No entanto, talvez por prudência todos optaram por fazer silêncio a tal respeito. Mas não João de Patmos. E por isso, desde o século II até ao arcediago Charles os críticos e os editores cristãos tentaram fazer esse silêncio por conta dele. Sem êxito: porque o tipo de mente que venera o *poder* divino tem sempre a tendência para pensar por símbolos. Pensar directamente por símbolos — como o jogo de xadrez faz com o rei, a rainha e os peões — é característica desses homens que vêem o poder como *desideratum* supremo — e são a maioria. O mais baixo substrato do povo ainda venera o poder, ainda pensa rudimentarmente por símbolos, ainda se apega ao Apocalipse mostrando-se indiferente de todo ao Sermão da Montanha. Ao que parece, porém, o mais alto dos altos estratos da Igreja e do Estado ainda presta o seu culto — por natureza, de facto — em termos de poder.

Contudo, os críticos ortodoxos como o arcediago Charles querem ter honra e proveito ao mesmo tempo. *Querem ter* o velho sentimento de poder pagão do Apocalipse, embora passem boa parte do tempo a negar que assim seja. Se forem *obrigados* a admitir um elemento pagão, arregaçam as saias da batina clerical e desatam a correr. E para eles o Apocalipse é, ao mesmo tempo, uma verdadeira festa pagã. Apenas sucede que se vêem obrigados a tudo isto engolir com um piedoso ar.

Claro está que a desonestidade do crítico cristão — não podemos chamar-lhe nada melhor — baseia-se no medo. Se alguma vez forem levados a admitir que existe na Bíblia *algo* pagão, com origem e significado pagãos, estaremos perdidos, não conseguiremos parar. Usando uma linguagem irreverente, Deus foge da garrafa de uma vez para sempre. A Bíblia possui uma esplêndida



abundância de paganismos, e reside aí o seu maior interesse. Admiti-lo, porém, é fazer o cristianismo sair da casca.

Olhemos uma vez mais para o Apocalipse e tentemos compreender-lhe a estrutura — tanto a vertical como a horizontal. Quanto mais o lermos mais sentiremos que tanto é um corte transversal no tempo, como um mistério messiânico. Não será, temos disso a certeza, obra de um só homem nem mesmo de um século.

A sua parte mais antiga era, sem dúvida, uma obra pagã, provavelmente a descrição do ritual «secreto» de iniciação num dos mistérios pagãos de Artémis, Cibele ou mesmo órficos; porém, o mais provável é pertencer ao Oriente mediterrânico, possivelmente Éfeso, como parece natural que aconteça. Se um tal livro já existisse, digamos, dois ou talvez três séculos antes de Cristo, seria conhecido por todos os estudiosos de religião; e em boa verdade talvez nos seja possível dizer que todo o homem inteligente dessa época, em espeical no Oriente, era um estudioso de religião. Os homens dessa altura eram loucos por religião, e não peritos em religião. Tanto os Judeus como os pagãos. Temos a certeza de que os Judeus da diáspora liam e discutiam tudo quanto lhes fosse parar às mãos. Devemos abandonar de vez a ideia, mais própria de escola dominical, de uma judiaria completamente alheia ao que não fosse o seu deus. As coisas eram muito diferentes. Os Judeus dos últimos séculos a.C. eram tão curiosos, tão lidos e tão cosmopolitas como os de hoje; exceptuados, claro está, alguns grupos e algumas seitas fanáticas.

Desta forma, talvez tenha acontecido que um judeu apocalipta muito cedo retomasse e retranscrevesse o velho livro pagão com o fim de substituir a experiência puramente individual, da iniciação pagã, pela ideia judaica de um Messias e de uma salvação (ou destruição) *do mundo inteiro*. Este Apocalipse judaico rescrito, com certeza, mais de uma vez, por certo seria conhecido de todos os investigadores religiosos da época de Jesus, inclusive os autores do Evangelho. E mesmo antes de João de Patmos se ter ocupado dele é provável que um apocalipta judaico-cristão tenha uma vez mais rescrito a obra, ampliando-a agora à maneira profética de Daniel e de forma a pressagiar a total destruição de Roma; porque os Judeus de nada gostavam tanto neste mundo

como de profetizar a destruição total dos reinos pagãos. Portanto, João de Patmos ocupou os seus anos de prisão na ilha a escrever mais uma vez o livro inteiro com o seu estilo peculiar. Ficamos com a impressão de que inventou pouco, e tinha poucas ideias, mas que sentia na verdade uma cólera feroz e ardente contra os Romanos que o haviam condenado. Por tudo isto não manifestou nenhum ódio pela cultura grega pagã do Oriente. De facto, quase tão naturalmente a aceita como à sua própria cultura hebraica, e com mais naturalidade ainda do que ao novo espírito cristão que lhe é estranho. Rescreveu o mais velho Apocalipse deixando-o ainda mais reduzido, talvez, nas passagens pagãs, não por fazer qualquer objecção contra o seu paganismo, mas só por não terem nenhum teor messiânico anti-romano. Depois, na segunda metade do livro deixa-se andar à solta e pode aí atacar a Besta chamada Roma (ou Babilónia), a Besta chamada Nero ou Nero redivivo, a Besta chamada Anticristo ou a «sacerdotagem» romana do culto imperial. Não sabemos como redigiu os capítulos finais sobre a Nova Jerusalém, mas reina neles a confusão.

Sentimos que João era uma pessoa violenta mas não muito perspicaz. Se inventou as cartas às sete Igrejas, trata-se uma contribuição um tanto fraca e canhestra. No entanto, a sua estranha e ardente força confere um rutilante poder à Revelação. E não podemos impedir-nos de gostar dele, uma vez que deixou intactos os grandes símbolos.

Contudo, os verdadeiros cristãos só apareceram em cena depois de João fazer este trabalho. O que é, realmente, de lastimar. O medo cristão pelas concepções pagãs estragou por completo a consciência humana. A teimosa atitude do cristianismo perante as concepções religiosas pagãs foi uma estúpida atitude de denegação, denegação que atinge absolutamente tudo menos a bestialidade. Todos os vestígios pagãos que existem nos livros da Bíblia tiveram de ser expurgados ou distorcidos até à total ausência de sentido, ou camuflados segundo uma aparência cristã ou judaica.

Foi o que aconteceu ao Apocalipse depois de João o ter abandonado. Nunca viremos a saber quantos fragmentos os escribazinhos cristãos lá cortaram, quantos fragmentos lá inseriram, quantas vezes forjaram um estilo à «nosso autor», mas há por certo



muitas provas da chicana que fizeram. E sempre para apagar vestígios pagãos, e tornar razoavelmente cristã esta obra que de cristã nada tinha.

Não podemos deixar de sentir ódio a este *medo* cristão cujo método, logo de início, foi negar tudo quanto lhe convinha ou, melhor ainda, suprimir. O sistema de suprimir todos os vestígios pagãos foi instintivo, um medo-instinto, foi exaustivo, foi realmente criminoso no mundo cristão desde o século I até hoje. Um homem fica siderado quando pensa no vasto acervo de impagáveis documentos pagãos que os cristãos destruíram de propósito, desde o tempo de Nero até ao dos obscuros párocos dos nossos dias que ainda queimam qualquer livro encontrado na sua paróquia cujo carácter, para eles ininteligível, tenha probabilidades de ser herético! — E quando pensamos, com ironia, na barulheira que se levantou a propósito da catedral de Reims[2]! Quantos dedos não daríamos para possuir os livros que não temos, perdidos porque os cristãos resolveram queimá-los de propósito! Pouparam Platão e Aristóteles porque, sentiam eles, ambos lhes estavam próximos. Mas os outros!...

A instintiva política do cristianismo para com todos os autênticos vestígios pagãos foi, e ainda é, suprimir, destruir, negar. Desde o início esta desonestidade corrompeu o pensamento cristão. Mais curiosamente ainda, também corrompeu o pensamento etnológico e científico. É bastante curioso que, a partir mais ou menos do ano 600 a. C., não se olhe para os Gregos e os Romanos como *verdadeiros* pagãos, contrariamente ao que se faz com os Hindus e os Persas, os Babilónios, os Egípcios ou mesmo os Cretenses, por exemplo. Aceitamos os Gregos e os Romanos como iniciadores da nossa civilização intelectual e política, os Judeus como pais da nossa civilização moral e religiosa. Estes são «dos nossos»! Todos os outros não valem nada, são quase idiotas. Tudo o que pudermos atribuir aos «bárbaros» de além fronteiras gregas, ou seja, aos Minoanos, Etruscos, Egípcios, Caldeus, Persas e Hindus é, segundo a famosa palavra de um famoso professor alemão, *Urdummheit*. *Urdummheit* ou estupidez primária é a con-

---

[2] Polémica sobre os danos causados à catedral pela guerra de 1914-1918. *(H. E.)*

dição de toda a humanidade antes do querido Homero, e de todas as raças com excepção da grega, judaica, romana e — da nossa!

Estranha coisa esta! Mesmo os verdadeiros eruditos, que escrevem livros eruditos e imparciais sobre os primitivos gregos, insistem na infantilidade dos povos, na completa trivialidade do seu legado, na inevitável *Urdummheit* mal se referem às raças autóctones do Mediterrâneo ou aos Egípcios, ou aos Caldeus. Estes grandes e civilizados povos não sabiam nada: todo o *verdadeiro* conhecimento começou com Tales, Anaximandro e Pitágoras — com os Gregos. Os Caldeus não conheciam a verdadeira astronomia, os Egípcios não conheciam a matemática nem a ciência; e aos pobres Hindus nem agora lhes é reconhecido o mérito, que durante séculos lhes foi atribuído, de terem inventado uma realidade de altíssima importância — o zero aritmético ou o nada: os Árabes, que são quase «dos nossos», é que o inventaram.

Isto é muito estranho. Não conseguimos compreender o medo *cristão* perante as formas de ciência pagãs. Mas qual o motivo deste medo científico? Por que terá a ciência de trair este medo com uma palavra como *Urdummheit*? Olhamos os maravilhosos vestígios do Egipto, da Babilónia, da Arábia, da Pérsia, da velha Índia, e a nós próprios voltamos a dizer: *Urdummheit! Urdummheit*? Olhamos para os túmulos etruscos e voltamos a perguntar: *Urdummheit*? Estupidez primária? Porquê, se vemos no mais antigo dos povos, nos frisos egípcios e assírios, nas pinturas etruscas e nos relevos hindus um esplendor, uma beleza e muitas vezes uma alegre inteligência sensível perdida com certeza neste nosso mundo *Neufrechheit*? Se for preciso escolher entre a estupidez primária e a nova desfaçatez, seja-me concedido ir pela estupidez primária.

O arcediago Charles é um verdadeiro erudito e uma autoridade no Apocalipse, um especialista de grande envergadura neste tema. Tenta ser justo quanto ao problema das origens pagãs, mas sem êxito. A sua predisposição, o seu espantoso preconceito são fortes de mais para ele. E numa ocasião em que ele perde o domínio de si próprio compreendemos totalmente o que está em causa. Escreveu em tempo de guerra — no final da última guerra[3] —, e

[3] A guerra de 1914-1918. *(H. E.)*



à sua paixão devemos dar um desconto. Não obstante, comete um deslize. Na pág. 86 do segundo volume do seu comentário sobre a Revelação escreve que o Anticristo é, no Apocalipse, um «maravilhoso retrato dessa grande oposição ao poder de Deus que estará, não tarda, para surgir, que exaltará a força pondo-a acima do direito e tentará, com êxito ou sem ele, conforme as épocas, conquistar a soberania do mundo apoiado por hostes de trabalhadores intelectuais que defenderão todas as suas pretensões, justificarão todos os seus actos e com uma guerra económica farão cumprir os seus objectivos políticos, ameaçando com a destruição todos os que não se curvarem perante as suas arrogantes e ímpias exigências. Embora a justeza do prognóstico seja evidente para o estudioso que aborde este problema com alguma perspicácia, e para todos os estudiosos que o associem à experiência da presente guerra mundial, verificamos que já em 1908, no artigo sobre 'O Anticristo' da *Encyclopaedia of Religion and Ethics* de Hastings, Bossuet escrevia o seguinte: 'O interesse pela lenda (do Anticristo) (...) só deve agora ser procurado entre as mais baixas classes da comunidade cristã, entre as seitas, os indivíduos excêntricos e os fanáticos.'

«Nenhuma grande profecia se cumpre integral e definitivamente num evento único ou numa série única de eventos. De facto, pode não se realizar por completo em relação ao objecto que o profeta ou o vidente começou por designar. Contudo, se ela for expressão de uma grande verdade moral e espiritual virá, com toda a certeza, a cumprir-se em variadas épocas e de diversos modos, e de forma mais ou menos completa. Sobre o problema do poder contra o direito, do cesarismo contra a religião, do Estado contra Deus, a actual atitude das Potências da Europa Central é a maior das confirmações que a profecia joanina do Capítulo XIII até agora recebeu. Mesmo a grande indefinição que existe neste Capítulo XIII, quanto ao principal Anticristo, se reproduz na actual sublevação das potências do mal. O Anticristo é ali concebido como uma única individualidade, ou seja, o demoníaco Nero; apesar disso, existe por detrás o Império Romano que se confunde com ele em carácter e objectivos, e em si mesmo constitui o Quarto Reino ou o Reino do Anticristo — na realidade, o próprio Anticristo. Em relação à guerra actual é porém difícil

determinar se o kaiser ou o seu povo é quem mais pode reclamar o título de moderno Anticristo. Se o kaiser for um representante contemporâneo do Anticristo, será igualmente certo que o império existente por detrás dele também é, uma vez que ele é uno em espírito e objectivos com o seu chefe — quer sob o ponto de vista militar, quer intelectual ou industrial. Num grau que ultrapassa o da Roma antiga, são eles 'quem anda a destruir a terra'.»

É pois assim que o Anticristo começa a falar em alemão; com este arcediago Charles que, ao mesmo tempo utiliza livros de eruditos alemães para escrever a sua obra sobre o Apocalipse. Exactamente como se o cristianismo e a ciência etnológica não pudessem existir sem um contrário, um Anticristo ou um *Urdummheit* que lhes sirvam de contrapeso. O Anticristo e o *Urdummheit* não são mais do que o indivíduo diferente de mim. Hoje o Anticristo fala russo, há cem anos falava francês, amanhã talvez fale com sotaque *cockney* ou sotaque escocês[4] de Glasgow. Quanto ao *Urdummheit*, esse fala qualquer língua, desde que não seja a de Oxford ou Harvard, nem uma sua imitação servil.

[4] Lawrence fala em «brogue» de Glasgow, com certeza por distracção, uma vez que «brogue» é o sotaque irlandês. *(N. do T.)*



# SETE

É pueril. Mas temos de admitir agora que o começo da nova era (a nossa) coincidiu com a agonia da antiga, era dos verdadeiros pagãos ou dos bárbaros, como os Gregos dizem. Enquanto a nossa civilização actual ia dando os primeiros sinais de vida, digamos que 1000 a. C., declinava a grande e velha civilização dos antigos: a grande civilização ribeirinha do Eufrates, Nilo, Indo, e ainda a menor civilização marítima do Egeu. É pueril negar a grandeza e a antiguidade de três civilizações ribeirinhas com as suas culturas intermediárias na Pérsia ou no Irão, no Egeu, em Creta ou Micenas. Não pretendemos que qualquer destas civilizações soubesse efectuar operações aritméticas com vários algarismos. É mesmo possível que não tivessem inventado o carrinho de mão. Uma criança do nosso tempo, com dez anos, talvez fosse capaz de batê-las por completo em aritmética, geometria ou mesmo, quem sabe lá, em astronomia. E daí?

E daí? Lá porque lhes faltavam os nossos modernos talentos mentais e mecânicos, os Egípcios, os Caldeus, os Cretenses, os Persas e os Hindus do Indo seriam menos «civilizados» ou menos «cultos» do que nós? Contemplemos uma grande estátua de Ramsés sentado ou túmulos etruscos; leiamos algo sobre Assurbanípal ou Dario e perguntemos depois a nós próprios que ar teriam os nossos modernos operários de fábrica ao pé dos delicados frisos egípcios com a vulgar gente do Egipto; ou os nossos soldados-kaki ao pé dos frescos assírios; ou os nossos leões da

Praça Trafalgar ao pé dos de Micenas. Civilização? Revela-se mais na vida sensível do que nas invenções: enquanto povo, o que haverá em nós tão bom como o que havia nos Egípcios de há dois ou três mil anos antes de Cristo? A cultura e a civilização medem-se pela consciência vital. E seremos, por acaso, mais vitalmente conscientes do que um egípcio de há 3000 anos a. C.? Sê-lo-emos? É provável que o sejamos menos. O campo da nossa consciência é vasto mas fino como uma folha de papel. As nossas consciências não têm profundidade.

Uma coisa que ascende é uma coisa que passa — dizia Buda. Uma civilização que ascende é uma civilização que passa. A Grécia ascendeu sobre a civilização egeia que passava; e esta foi elo entre o Egipto e a Babilónia. A Grécia ascendeu para a civilização egeia passar; e com a Roma que ascendia sucedeu o mesmo, porque a civilização etrusca era uma derradeira e poderosa onda chegada do Egeu, e na verdade Roma ascendia chegada dos Etruscos. A Pérsia ascendeu entre as duas culturas do Eufrates e do Indo e, não haja dúvidas, com a sua passagem.

Talvez as civilizações que ascendem tenham todas, forçosamente, de renegar outra que está a passar. É uma luta dentro de si próprias. Os Gregos repudiaram os bárbaros com ferocidade. Hoje, porém, sabemos que os bárbaros do Mediterrâneo oriental eram mais gregos do que a maioria dos próprios gregos. Não passavam de gregos, ou naturais da Grécia, que tinham aderido à velha cultura em vez de adoptarem a nova. Num sentido primitivo, o Egeu sempre tinha sido helénico. Não obstante, a antiga cultura egeia é diferente daquela a que chamamos grega, em especial quanto ao seu fundamento religioso. Todas as velhas civilizações, podemos ter a certeza disto, tinham uma base inequivocamente religiosa. De acordo com um sentido muito antigo, a nação era uma igreja ou uma grande unidade de culto. Do culto à cultura só vai um passo, mas muito há que fazer para ele ser dado. O saber do culto era o saber das velhas raças. Agora, temos cultura.

É razoavelmente difícil uma cultura compreender outra. É, porém, extremamente difícil uma cultura compreender o saber do culto, e isso é mesmo impossível se em causa estiver gente muito estúpida. Porque a cultura é, acima de tudo, uma actividade do espírito, e o saber do culto uma actividade dos sentidos. O antigo mundo pré-helénico não fazia a menor ideia do ponto a que é possível alargar a actividade mental. Mesmo Pitágoras, tenha ele sido quem foi, não fazia a tal respeito ideia nenhuma; nem Heráclito, nem sequer Empédocles ou Anaxágoras. Sócrates e Aristóteles foram os primeiros a *perceber* a aurora.



Por outro lado, não fazemos a menor ideia do vasto campo que a consciência sensível dos antigos cobria. Perdemos quase por completo o grande e complicado desenvolvimento da consciência sensual, ou da consciência sensorial, e do conhecimento sensorial dos antigos. Era um conhecimento muito profundo, directamente obtido por instinto e intuição, como agora se diz, e não pela razão. Era um conhecimento não baseado em palavras, mas em imagens. A abstracção não conduzia a generalizações nem a valores, mas a símbolos. E as ligações não eram lógicas, mas emocionais. A palavra «portanto» não existia. As imagens ou os símbolos sucediam-se uns aos outros numa série de instintivas e arbitrárias ligações físicas — alguns Salmos são disto exemplo — e «não levavam a nada» porque não havia nada aonde levar, o que se desejava era efectivar uma consumação de um certo estado de consciência, satisfazer um certo estado de despertar de sensações. Tudo quanto hoje nos resta desse antigo «método de pensamento» talvez sejam os jogos de xadrez e de cartas. As peças do xadrez e as figuras das cartas são símbolos: em cada caso o seu «valor» foi fixado; os seus «movimentos» são alógicos, arbitrários e baseados no poder-instinto.

Só conseguimos captar algo do funcionamento da mente dos antigos quando podemos avaliar a «magia» do mundo onde eles viviam. Considere-se o enigma da esfinge: *O que é que começa a andar com quatro pernas, depois prossegue com duas, e depois com três?* A resposta é: o Homem. Para nós, a grande pergunta da esfinge é algo disparatada. No entanto para os antigos, que não tinham sentido crítico e *sentiam* com imagens, gerava um grande complexo de emoções e temores. Aquilo que anda com quatro pernas é o animal, com toda a sua diferença e força animais, a sua consciência subalterna que gira à volta da isolada consciência humana. E quando se explica na resposta que um bebé anda a quatro patas faz despertar de imediato outro complexo emocional, meio temor,

meio divertimento, pelo facto de o homem se ver a si próprio como animal, principalmente durante o período da infância, se ver a andar de gatas e com o rosto voltado para o chão, com o ventre ou o umbigo polarizado pelo centro da terra como um verdadeiro animal, em vez de ter o umbigo polarizado pelo sol, de acordo com a primitiva concepção do verdadeiro homem. A segunda parte, respeitante ao ser de duas pernas, evocaria complexas imagens de homens, macacos, pássaros e sapos; e a estranha relação que se estabelece entre os quatro seria um acto imaginativo instantâneo para nós muito difícil de conceber, mas ainda possível numa criança. A última parte, respeitante ao ser de três pernas, causaria espanto, um vago terror e a busca por grandes extensões interiores, além desertos e mares, de um qualquer animal até ali desconhecido.

Tal como vemos, era tremenda a reacção emocional perante um enigma destes. E até reis e heróis como Heitor ou Menelau teriam a mesma reacção que uma criança de hoje, embora mil vezes mais forte e intensa. Isto não quer dizer que os homens fossem loucos. Bem mais loucos os homens de hoje são por se despirem de todas as reacções emocionais e imaginativas, e nada sentirem. O preço que pagamos é o tédio e o entorpecimento. Os nossos métodos de pensamento áridos já não nos dão vida. Porque o enigma esfíngico do homem é hoje tão terrificante como antes de Édipo era, e mesmo mais. Porque é agora o enigma do homem morto-vivo, que antes nunca tinha sido.



# OITO

O homem pensava e ainda pensa com imagens. Contudo, é difícil que as nossas imagens agora tenham algum valor emocional. Queremos que haja sempre uma «conclusão», um fim; nas nossas operações mentais queremos chegar sempre a uma decisão, a uma finalidade, a um ponto final. Sentimo-nos satisfeitos com isso. A nossa consciência mental é, toda ela, um movimento para a frente, um movimento com etapas como as nossas frases, e cada ponto final é um marco que nos assinala o «progresso» e a chegada a um lado qualquer. E lá vamos, no que respeita a consciência mental, andando para a frente. Ainda que não haja, claro está, nenhuma meta. A consciência é um fim em si. Torturamo-nos para chegar a um lado qualquer e, quando lá chegamos, vemos que não é lugar nenhum porque não há nenhum lugar aonde chegar.

Enquanto os homens pensaram no coração ou no fígado como sede da consciência, não tinham ideia nenhuma sobre esta incessante operação do pensamento. Para eles, um pensamento era a consumação total da consciência sensível, uma coisa que se acumulava, uma coisa que se aprofundava, em que o sentimento se aprofundava na consciência como sentimento até ser uma sensação de plenitude. Um pensamento completo era a sondagem de uma profundeza semelhante a um remoinho de consciência emocional e, na profundeza deste remoinho de emoções, se cons-

truia a resolução. Na viagem, porém, não havia etapas. Não havia encadeamentos lógicos que levassem mais adiante.

Deveria isto ajudar-nos a entender que não se esperava dos oráculos qualquer coisa perfeitamente adaptável à cadeia dos factos. Pedia-se-lhes que emitissem um conjunto de imagens ou símbolos de real valor dinâmico, que fizessem a consciência emocional do inquiridor girar cada vez mais depressa, ao reflectir sobre eles, até acabar, num estado de intensa absorção emocional, por construir a resolução; ou, como é costume dizer-se, tomar a decisão. Na verdade fazemos exactamente isto em situação de crise. Quando há algo de muito importante a decidir isolamo-nos e ruminamos, ruminamos até as emoções profundas começarem a trabalhar e a rodar em conjunto, a rodar, a rodar até um centro se constituir e «sabermos o que há a fazer». E o facto de nenhum político dos nossos dias ter a coragem de seguir este intensivo método de «pensamento» explica a penúria absoluta da actual mentalidade política.



# NOVE

Pois bem, voltemos ao Apocalipse tendo na ideia o seguinte: que ainda é, pelo seu movimento, uma das obras da velha civilização pagã; e encontramos nele, não o moderno método do pensamento progressivo mas o pagão e velho método rotativo da imagem-pensamento. Cada imagem descreve o seu pequeno círculo de acção e significado, sendo depois rendida por outra imagem. Assim é, em especial na primeira parte anterior ao nascimento do Filho. Todas as imagens são um idiograma, e cada leitor pode interligá-las de forma mais ou menos diferente. Ou antes, cada imagem pode ser diferentemente compreendida por cada leitor, de acordo com a sua reacção emocional. Não deixando, porém, de haver um plano ou esquema determinado e rigoroso.

Devemos lembrar-nos de que o velho método da consciência humana exige *que se veja*, de cada vez, *qualquer coisa acontecer*. É tudo concreto, sem abstracções. E *tudo dá origem* a outra coisa.

Para a antiga consciência, a Matéria ou as Coisas Substanciais são Deus. Um charco de água é Deus. E por que não? Quanto mais tempo vivermos, mais havemos de voltar à mais antiga de todas as visões. Uma grande pedra *é* Deus. Posso tocar-lhe. É uma coisa inegável. É deus.

Deste modo, as coisas que se movem são duplamente deus. Quer dizer, ficamos duplamente conscientes da sua divindade: aquilo que é, e se move, é duplamente divino. Cada coisa é uma

«coisa», e cada «coisa» actua provocando um efeito. O universo é uma grande e complexa actividade de coisas que existem, se movem e provocam um efeito. E tudo isto é deus.

Hoje, quase nos é impossível admitir aquilo que os antigos Gregos entendiam por deus ou *theos*. Cada coisa era *theos*; embora o não fosse, apesar disso, ao mesmo tempo. Tudo quanto *chamasse a nossa atenção* era, nesse momento, deus. Tratando-se de um charco de água, se esse charco genuinamente aquoso chamasse a nossa atenção é porque era deus; ou, se um vapor ténue se levantasse à tardinha e nos falasse à imaginação, é porque era *theos*; ou, se a sede nos assaltasse ao vermos água, é porque a própria sede era deus; ou, se bebêssemos, essa deliciosa e indescritível sensação de matar a sede era deus; ou, se ao tocarmos em água sentíssemos subitamente o seu gelado frescor, um outro deus nasceria chamado «o frio» que não era uma *qualidade* mas uma entidade existente, quase um ser, com certeza um *theos*, o frio; ou se uma coisa qualquer, o «húmido», nos pousasse nos lábios secos, também era um deus. Mesmo para os primeiros cientistas ou filósofos, «o frio», «o húmido», «o quente», «o seco» eram em si próprios coisas, realidades, deuses, *theoi*. E *davam origem a coisas*.

Com a chegada de Sócrates e de «o espírito», o cosmo morreu. Durante dois mil anos o homem viveu num cosmo morto ou agonizante, à espera de um futuro céu. E todas as religiões foram religiões do corpo morto e da recompensa adiada: para usar uma palavra cara aos filósofos, escatológicas[1].

Para nós, é muito difícil compreender a mentalidade pagã. Quando nos são apresentadas traduções de histórias do antigo Egipto, quase nos parecem totalmente incompreensíveis. A culpa talvez seja das traduções; realmente, quem poderá ter a certeza de saber *ler* a escrita hieroglífica? Todavia, quando nos são apresentadas traduções da tradição popular bosquímane ficamos num quase idêntico estado de perplexidade. As palavras podem ser inteligíveis, mas é impossível seguir a ligação que entre elas existe.

---

[1] De notar que a palavra «escatológico» não tem, realmente, o significado que muitas vezes se lhe dá, relacionado com fezes. «Escatologia» é a parte da Teologia que trata dos fins últimos do homem, e do que há-de acontecer no fim do mundo. A outra acepção deve ser coberta, em português, pela palavra «escatófilo». *(N. do T.)*



Mesmo quando lemos traduções de Hesíodo ou do próprio Platão sentimos que ao movimento foi arbitrariamente *dado* um significado que é falseador da sua conexão interna. Por mais que queiramos convencer-nos do contrário, o abismo entre a mentalidade do professor Jowett[2] e a de Platão é quase intrasponível; em última análise, o Platão do professor Jowett só é o professor Jowett que a custo exala algo de um vivo Platão. Divorciado do seu vasto fundo pagão o filósofo grego não passa, na realidade, de mais uma estátua vitoriana com toga — ou clâmide.

Para apreendermos o Apocalipse, temos de levar em conta o funcionamento mental do pensador ou poeta pagão — os pensadores pagãos eram necessariamente poetas — que parte de uma imagem, põe em movimento essa imagem e deixa-a executar um determinado trajecto ou circuito próprio, passando então para outra imagem. Tal como no-lo provam os seus mitos, os antigos Gregos eram excelentes pensadores por imagens. As suas imagens eram maravilhosamente naturais e harmónicas. Seguiam bem mais a lógica da acção do que a da razão, e não tinham nenhuma moral que lhes interessasse defender. Mesmo assim, eles mantêm-se mais perto de nós que os orientais cujo pensamento por imagens muitas vezes não segue nenhuma espécie de plano, nem sequer a sequência da acção. Podemos vê-lo nalguns Salmos onde se passa de uma imagem para outra sem entre elas existir nenhuma conexão essencial, apenas uma esquisita associação. Os orientais gostavam disto.

Para avaliar a forma de pensamento pagã temos de desistir da linearidade que nos é própria, de um começo até um fim, e deixar a mente mover-se em círculos ou esvoaçar por aqui e além, sobre um feixe de imagens. A nossa ideia do tempo como uma continuidade em linha recta e eterna estropiou-nos cruelmente a consciência. É muito mais livre a concepção pagã do tempo como movimento cíclico, permite movimentos para cima e para baixo e, em qualquer instante, uma completa mudança do estado mental. Terminado um ciclo podemos subir ou descer para outro nível e ficar de imediato num novo mundo. Porém, com o nosso método

---

[2] Tradutor inglês das obras de Platão. *(H. E.)*

de tempo contínuo temos de arrastar-nos de crista em crista, cansativamente.

O velho método do Apocalipse consiste em criar a imagem, construir um mundo e, de repente, sair desse mundo com um ciclo de tempo, movimento e evento: um *epos*; depois, voltar de novo a um mundo não exactamente idêntico ao original e de outro nível. O «mundo» tem como base o doze: o número doze é essencial para se edificar um cosmo. Os ciclos movem-se com base no sete.

Muitíssimo danificado, este velho plano ainda sobrevive. Os Judeus sempre estragaram a beleza dos planos impondo-lhes um qualquer significado ético ou tribal. Os Judeus têm um instinto moral contrário à estética dos projectos. O projecto estético, o plano sensível ao belo, é pagão e imoral. Por isso não nos admira encontrar a *mise-en-scène* da visão voltada do avesso, depois da experiência de Ezequiel e Daniel, com o mobiliário do templo judaico empurrado para primeiro plano, mais os 24 anciãos ou presbíteros que já não sabem muito bem quem são mas tentam ser tão judeus quanto possível, e por aí fora. Vêm do cosmo babilónico o mar que parece um bloco de vidro, as luminosas águas do céu que contrastam com as águas amargas ou mortas do mar terreno; mas têm, claro está, que ser metidas numa taça, a pia do templo. Tudo o que for judaico é *interior*. Até as estrelas do céu e as águas do puro firmamento devem ser postas ao abrigo das cortinas daquele tabernáculo ou templo abafado.

Não sabemos, porém, se foi realmente João de Patmos quem deixou a visão inaugural do trono, das quatro criaturas estreladas e dos 24 anciãos ou testemunhas, na confusão em que a encontramos, ou se editores subsequentes, com um verdadeiro espírito cristão, danificaram deliberadamente o plano. João de Patmos era judeu, não dava muita importância ao facto de ser ou não ser imaginável a sua visão. Apesar disso sentimos que os escribas cristãos despedaçaram o modelo «para ser seguro». Os cristãos querem tornar sempre «as coisas seguras».

De qualquer modo, foi difícil fazer o livro entrar na Bíblia: os padres do Oriente opuseram-se violentamente a isso. E, assim, não podemos espantar-nos por as figuras pagãs terem, bem à maneira de Cromwell, os narizes e as cabeças arrancados para «as



tornar seguras». Tudo quanto podemos agora fazer, é lembrar que o livro talvez tenha um núcleo pagão; que foi rescrito antes da época de Cristo, porventura mais do que uma vez, por judeus apocaliptas; que João de Patmos talvez tenha voltado uma vez mais a rescrevê-lo para torná-lo cristão; e depois disso escribas e editores cristãos fizeram-lhe emendas para «torná-lo seguro». Talvez tivessem andado a remendá-lo durante mais de um século.

Uma vez admitido que os símbolos pagãos foram mais ou menos distorcidos pela mentalidade judaica e por cristãos iconoclastas, que o templo judaico e os símbolos ritualistas foram arbitrariamente introduzidos para os céus caberem dentro do precioso tabernáculo israelita, podemos fazer uma ideia muito razoável da *mise-en-scène*, da visão do trono com os animais cósmicos em louvação e do *Kosmokrator* oculto por um arco-íris e cuja presença tem à volta a glória prismática que resplandece como um arco-íris e uma nuvem: «a Íris também é uma nuvem». Este *Kosmokrator* cintila com a cor do jaspe e da pedra sardónica; os comentadores dizem que é de um amarelo esverdeado, embora seja em Ezequiel amarelo-âmbar como a refulgência do fogo cósmico. O jaspe equivale ao signo dos *Peixes*, que é o signo astrológico da nossa era. Só agora estamos na iminência de ultrapassar o signo dos Peixes para entrar num novo signo e numa nova era[3]. Por essa mesma razão, Jesus foi chamado «o Peixe» durante os primeiros séculos. Que poderoso fascínio sobre a mente humana, o deste saber estelar com origem caldaica!

Do trono vêm trovões, e raios, e vozes. De facto, o trovão foi a primeira grande elocução cósmica. Em si, era um ser, um outro aspecto do Todo-Poderoso ou do Demiurgo, e a sua voz o primeiro grande ruído cósmico anunciador da criação. O grande Logos do princípio era o estalo de um trovão que gargalhava através do caos e produzia o cosmo. Mas, quer o trovão que é o Todo-Poderoso, quer o relâmpago que é o Todo-Poderoso Ardente a lançar o primeiro jacto de chama vital — o Logos ardente —, também têm a sua forma irada ou fragmentadora.

---

[3] A terra encontra-se sob o signo dos Peixes (desde o ano 148 a. C.), devendo ficar sob o signo do Aquário por volta dos anos 2010 ou 2011. *(H. E.)*

O trovão estala criativamente através do espaço, o relâmpago lança dardos que são de fogo fecundo ou, pelo contrário, destruidores.

A seguir, há os sete candeeiros em frente do trono que são, segundo nos explicam, os sete espíritos de Deus. Numa obra como esta, as explicações são suspeitas. Os sete candeeiros correspondem, porém, aos sete planetas (sol e lua incluídos)[4], são sete Regentes dos céus que dominam a terra e a nós próprios nos dominam. O grande sol, que faz o dia e cria toda a vida na terra; a lua, que domina as marés e o nosso desconhecido ser físico, domina o período menstrual das mulheres e o ritmo sexual do homem; e além deles Marte, Vénus, Saturno, Júpiter e Mercúrio, as cinco grandes estrelas errantes que também são os nossos dias da semana e ainda agora nos governam tanto ou tão pouco como dantes. Sabemos que a vida vem do sol, mas o que nos vem das outras estrelas ignoramos. Reduzimos tudo à simples atracção gravitacional. Assim mesmo há estranhos e ténues fios que nos ligam à lua e às estrelas. Que esses fios exercem sobre nós um efeito físico, sabemo-lo pela lua. Mas o que se passa com as estrelas? A tal respeito, o que poderá dizer-se? Perdemos esse tipo de consciência.

Há, entretanto, a *mise-en-scène* do drama do Apocalipse — se quisermos, chamemos-lhe céu. Trata-se, na verdade, da totalidade do cosmo como agora o temos: o já «incorrigível» cosmo.

O Todo-Poderoso tinha um livro na mão. E o livro é, sem dúvida, um símbolo judaico. Os Judeus foram um povo livresco e, desde sempre, grandes contabilistas que através dos séculos registaram os pecados. Porém, o símbolo judaico do livro servirá, com os seus sete selos, para fazermos a representação bastante razoável de um ciclo de sete; isto apesar de estar em causa um livro que se *abre* pedaço a pedaço, conforme os selos se vão quebrando; e embora eu, pessoalmente, não consiga ver como é possível que um livro em forma de rolo se abra *realmente*, a não ser depois de quebrados todos os selos. Contudo, trata-se apenas

[4] D. H. Lawrence inclui, distraidamente ou não, o sol entre os planetas. *(N. do T.)*



de um pormenor, de um problema entre mim e o apocalipta. Talvez haja apenas a intenção de abri-lo no final.

Admite-se que o leão de Judá é quem deva abrir o livro. Mas eis senão quando o régio animal sobe à cena e se transforma num Cordeiro com sete cornos (de poder, dos sete poderes ou forças) e com sete olhos (os velhos planetas de sempre). Há um medonho rugido de leões que nunca deixaremos de ouvir, e há um Cordeiro que nunca deixaremos de ver e manifesta aquela cólera. Tudo nos leva a crer que o Cordeiro de João de Patmos é o bom do velho leão vestido com pele de ovelha. Comporta-se como o mais terrível dos leões. Só João de Patmos insiste que se trata de um Cordeiro.

Apesar da sua predilecção por leões, tinha de insistir no Cordeiro porque o Leão deve dar lugar ao Carneiro; porque o Deus que recebia, como um leão, sangrentos sacifícios no mundo inteiro, deverá ser arredado para segundo plano e deixar que o deus sacrificado possa ocupar o primeiro. Os mistérios pagãos do sacrifício do deus a favor da maior das ressurreições são mais velhos do que o cristianismo, e num desses mistérios é que o Apocalipse se baseia. Tinha de ser um Cordeiro, tal como fora, para Mithra, um touro; e o sangue da garganta cortada do touro escorria sobre o iniciado (e a cabeça tinha de ser arrancada ao darem-lhe o corte na garganta) fazendo dele um novo homem.

*Lavai-me no sangue do Cordeiro*
*E mais branco do que a neve ficarei...,*

costuma guinchar o Exército de Salvação na praça do mercado. Que surpreendidos eles ficariam se lhes disséssemos que também poderiam usar o sangue de um touro! Ou talvez não ficassem. Talvez percebessem logo. Através dos tempos, a religião tem-se mantido mais ou menos a mesma na mais baixa camada social. (Quando se tratava de uma hecatombe, voltavam a cabeça do touro para baixo, para a terra, e a garganta cortada sobre uma cova. Parece-nos, pois, que o Cordeiro de João se destinaria a uma hecatombe.)

Deus passou a ser o animal imolado, em vez do animal que imola. Para os Judeus terá pois de ser um Cordeiro, em parte

devido ao seu antigo sacrifício pascal. O Leão de Judá vestiu-se com um velo de cordeiro, mas vós reconhecê-lo-eis pela forma como morde. João insiste num Cordeiro «como que imolado», mas nunca o veremos imolado; vê-lo-emos, antes, imolar aos milhões na humanidade. Mesmo quando surge com uma vitoriosa camisa ensanguentada no final, o sangue não é *dele:* é sangue dos reis inimigos.

*Lavai-me do sangue dos meus inimigos*
*E serei quem sou...,*

diz, com efeito, João de Patmos.

Segue-se um *péan*[5]. E que *péan*, um verdadeiro *péan* pagão em louvor do deus prestes a manifestar-se — os anciãos, aqueles duas vezes doze do cosmo oficializado que realmente são os doze signos do zodíaco nos seus «assentos», que não param de levantar-se e de prostrar-se perante o trono como os feixes de José. Os frascos com perfumes suaves são rotulados de «orações de santos»; um provável retoque de qualquer cristãozinho posterior. Anjos judeus fazem uma entrada em bando. E nessa altura começa o drama.

[5]Canto de triunfo da antiga Grécia. *(N. do T.)*



# DEZ

Com os famosos quatro cavaleiros, começa o verdadeiro drama. Estes quatro cavaleiros são obviamente pagãos. Não têm nada de judaico. Com a sua cavalgada, uns atrás dos outros (ignoramos, no entanto, por que razão a abertura dos selos de um *livro* os faz aparecer) com a sua cavalgada rápida, fogosa, e pronto. Foram reduzidos ao mínimo.

O facto, porém, é que lá estão: claramente astrológicos, zodiacais, empertigados na consumação de um desígnio. Mas que desígnio? Menos cósmico, desta vez, e na verdade mais individual, e humano. O famoso livro dos sete selos é, aqui, o corpo humano: de um homem, de Adão, de qualquer homem; e os sete selos são os sete centros ou portas da sua consciência dinâmica. Somos testemunhas da abertura e da conquista dos grandes centros psíquicos do corpo humano. O velho Adão vai ser conquistado, morrer e renascer como novo Adão, mas por fases; em sete fases séctuplas ou seis fases seguidas da sétima, um clímax. Porque o homem tem sete níveis de conhecimento, desde o mais baixo ao mais alto; ou sete esferas de consciência. Que devem, uma a uma, ser conquistadas, transformadas, transfiguradas.

E quais são as sete esferas da consciência humana? Pode responder-se o que quisermos, cada homem pode dar sua resposta. Sigamos, porém, o trivial parecer «popular» e diremos que são as quatro naturezas dinâmicas do homem, e as três naturezas «mais elevadas». Os símbolos têm um significado qualquer, embora um

tanto diferente de homem para homem. Fixai o significado de um símbolo, e logo caireis no lugar-comum da alegoria.

Cavalos, sempre cavalos! Como o cavalo dominava a mente das raças primitivas, em especial as do Mediterrâneo! Tivéssemos um cavalo, e éramos um senhor. No fundo, bem no fundo da nossa alma sombria, há um cavalo empinado. É um símbolo dominante: confere-nos poder, põe-nos em ligação, é um primeiro e palpitante elo palpável com o Todo-Poderoso rubro e incandescente de energia, é mesmo o princípio da nossa divinização na carne. E como símbolo vagueia pelos escuros e subterrâneos prados da alma. Espezinha e calca os sombrios campos da tua alma e da minha. Os filhos de Deus que vieram até cá, que conheceram as filhas dos homens e geraram os grandes Titãs, tinham «patas de cavalo», diz Enoch.

Nos últimos cinquenta anos o homem perdeu o cavalo. E o homem agora está perdido. O homem está perdido para a vida e o poder — é um subalterno e um refugo. Enquanto os cavalos pisaram as ruas de Londres, Londres viveu.

O cavalo, o cavalo! Símbolo do poder que irrompe, e do poder do movimento e da acção no homem. O cavalo, montada de heróis. Até Jesus montava um burro, montada do poder humilde. No entanto, para os verdadeiros heróis o cavalo. E cavalos diferentes para poderes diferentes, para as diferentes chamas e os diferentes impulsos do heroismo.

O cavaleiro no seu cavalo branco! Mas quem é ele? O homem que precisar de explicações nunca chegará a sabê-lo. Mas sucede que as explicações são a nossa sina.

Considerem-se as quatro velhas naturezas do homem: a sanguínea, a colérica, a melancólica e a fleugmática! Ora aqui estão as quatro cores dos cavalos: Branco, vermelho, negro e a *cor clara* ou amarelada. Mas poderá o sanguíneo ser branco? — Ah, pode, porque o sangue era a própria vida, a verdadeira vida; e era branco e deslumbrante o verdadeiro poder da vida. Nos velhos tempos *o sangue era a vida* e, considerado como um poder, era semelhante a uma luz branca. O escarlate e a cor púrpura só eram as vestes do sangue. Ah, o vívido sangue vestido de vermelho--vivo! Em si próprio como que era uma luz pura.



O cavalo vermelho é a cólera: não a simples ira mas uma fogosidade natural, aquela a que chamamos paixão.

O cavalo negro era a bílis negra, contumaz.

E a fleugma ou linfa do corpo era o cavalo de cor pálida: em excesso causava a morte seguida do Hades.

Consideremos, também, as quatro naturezas planetárias do homem: jupiteriana, marciana, saturnina e mercurial. Se formos um pouco além do significado *latino* e chegarmos ao seu mais antigo significado grego, levar-nos-á a outra correspondência. O Grande Júpiter é o sol e o sangue vivo: o cavalo branco; e o irado Marte monta o cavalo vermelho; e Saturno é negro, obstinado, contumaz e melancólico; e na verdade Mercúrio é o Hermes, o Hermes do Mundo Subterrâneo, o guia das almas, o que monta guarda aos dois caminhos, o que abre as duas portas, o que anda numa busca errante através do inferno ou Hades.

Temos duas séries de correspondências, qualquer delas física. Punhamos porém de lado os significados cósmicos porque a intenção aqui é mais física do que cósmica. Voltaremos a encontrar uma e outra vezes o cavalo branco como símbolo. Pois não se dá o caso de até Napoleão ter tido um? Os velhos significados controlam-nos os actos, mesmo depois de a nossa mente se ter feito inerte.

O cavaleiro do cavalo branco é, porém, coroado. É o eu real, é o meu próprio eu, e o seu cavalo é todo o *mana* do homem. É o meu próprio eu, o meu eu sagrado que o Cordeiro convoca para um novo ciclo de acção e parte rumo à conquista, à conquista do antigo eu para outro, novo, nascer. É ele, na verdade, quem vai conquistar todos os outros «poderes» do eu. E lá vai ele, como o sol, a cavalgar para a sua conquista com flechas mas não com a espada, porque a espada também implica julgamento, e só se trata aqui do meu dinâmico e poderoso eu. O seu arco é o arco do corpo tenso, como a lua crescente.

A verdadeira acção do mito ou imagética ritual foi toda suprimida. O cavaleiro no cavalo branco aparece e depois desaparece. Sabemos, porém, por que apareceu. E sabemos a razão, no fim do Apocalipse, de ele ter como paralelo o último cavaleiro num cavalo branco que é o celestial Filho do Homem que vai por ali fora a cavalgar, depois da última e definitiva vitória sobre os

«reis». Como tu ou eu, o filho do homem cavalga rumo à pequena conquista; mas o Grande Filho do Homem monta o seu cavalo branco depois da última conquista universal e comanda as hostes. Traz uma camisa vermelha, do sangue dos monarcas, e tem escrito na coxa o seu título: Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. (Na coxa, porquê? Respondei vós a isto. Mas Pitágoras não mostrou no templo a sua coxa dourada? Ignorais o velho e poderoso símbolo mediterrânico da coxa?) Da boca do derradeiro cavaleiro num cavalo branco sai, porém, a espada fatal do Logos que faz o julgamento. Voltemos agora ao arco e às flechas daquele a quem não é dado o poder de julgar.

O mito foi reduzido a símbolos puros. O primeiro cavaleiro limita-se a cavalgar. Depois do segundo cavaleiro a paz está perdida, o conflito e a guerra surgem no mundo — na realidade, o mundo interior do eu. Depois do cavaleiro do cavalo negro, que traz consigo balanças capazes de pesar as medidas ou as justas proporções dos «elementos» do corpo, o pão torna-se raro, ao passo que o vinho e o azeite não são atingidos. Aqui, o pão, a cevada é o corpo ou a carne simbolicamente sacrificada — tal como já a cevada o era quando espargida sobre a vítima nos sacrifícios gregos: «Tomai convosco este pão do meu corpo.» O corpo de carne está agora na fase da fome, completamente definhado. Por fim, com o cavaleiro do cavalo de cor clara, que é o último, o eu físico ou dinâmico morreu com a «pequena morte» do iniciado e entramos no Hades ou mundo subterrâneo do nosso ser.

Entramos no Hades ou mundo subterrâneo do nosso ser porque o nosso corpo agora está «morto». Acontece, porém, que os poderes ou os demónios deste mundo subterrâneo só podem lesar um quarto da terra, ou seja, um quarto do corpo carnal; significando isto que a morte só é mística e apenas foi lesado o corpo que pertence à já oficializada criação. Nesta pequena morte, a fome e as dores físicas atormentam o corpo físico mas não há, por enquanto, ferimentos mais graves. Não há pestes, pois elas são iras divinas e aqui não se trata da cólera do Todo-Poderoso.

Para os quatro cavaleiros há uma explicação que é grosseira e superficial, mas provavelmente alude ao seu verdadeiro significado. De acordo com um apocalipta tardio, os comentadores



ortodoxos que falam das épocas de fome no tempo de Tito ou Vespasiano talvez estejam a ler correctamente esta passagem sobre a cevada e o trigo. O significado *original*, que era pagão, foi intencionalmente maculado por outro que se ajusta à história da «Igreja de Cristo *versus* os pecaminosos Poderes Pagãos». Nada disto atinge, porém, os cavaleiros. E aqui, mais do que em qualquer outro lado do livro, talvez possa ver-se a forma peculiar como o velho sentido foi extirpado, como o confundiram e alteraram deliberadamente mantendo embora o esqueleto da estrutura.

Há, contudo, mais três selos. O que acontecerá quando forem abertos?

No ritual pagão, depois do quarto selo e do cavaleiro do cavalo claro o iniciado está fisicamente morto. Não obstante, ainda resta a viagem através do mundo subterrâneo onde o «eu» vivo terá, ele próprio, que se despojar de alma e espírito antes de poder emergir nu da remota porta do inferno, para entrar no novo dia. Porque a alma, o espírito e o «eu» vivo são as três naturezas divinas do homem. As quatro naturezas corporais são deixadas na terra. As *duas* naturezas divinas só podem ser despidas no Hades. E a última, que é uma chama pura, no novo dia recebe novas e sucessivas vestes, o corpo espiritual, o corpo-alma, e depois a «roupa» de carne com as suas quatro naturezas terrestres.

Não haja dúvidas de que o texto pagão registava esta passagem através do Hades, este despir da alma, e depois do espírito, até a morte mística se cumprir sextuplicadamente; e de que o sétimo selo é, ao mesmo tempo, o derradeiro trovão da morte e o primeiro *péan* trovejante do novo nascimento e de um tremendo júbilo.

A mentalidade judaica odeia, porém, a divindade moral e terrena do homem: e a mentalidade cristã faz o mesmo. Só posteriormente o homem é divino; quando morre e se dirige à glória. *Não pode* consumar a divindade na carne. Assim, os apocaliptas judeus e cristãos aboliram o mistério da aventura individual no Hades e substituíram-no por um grupo de almas em martírio que sob o altar clamam por vingança — a vingança, para os Judeus, era um dever sagrado. A estas almas é dito que esperem um pouco — há sempre o destino adiado — até serem mortos mais

mártires; e ser-lhes-ão dadas vestes brancas, o que é prematuro porque as vestes brancas são os novos corpos ressuscitados, e como seria possível que as almas em choro as envergassem no Hades — na sepultura? Não obstante, foi uma confusão destas que os apocaliptas judeus e cristãos fizeram com o quinto selo.

O sexto selo — separação entre o espírito e a derradeira parcela viva do «eu» — foi transformado pelos apocaliptas numa confusa calamidade cósmica. O sol põe-se negro como um saco de cilício[1], significando isto que é uma grande orbe negra a irradiar uma visível treva; e a lua transforma-se em sangue, o que constitui uma das horríveis inversões da mente pagã, uma vez que a lua é mãe do corpo de água dos homens; o sangue pertence ao sol; e a lua, ela, que deveria dar água fresca à fonte de carne do corpo, como uma prostituta ou mulher-demónio só poderá embriagar-se de sangue vermelho nessa aparência totalmente maléfica de meretriz, de bebedora de sangue; as estrelas caem do céu, os céus recolhem-se como um livro que se enrolasse por completo e «todos os montes e ilhas se movem dos seus lugares». Isto significa o regresso ao caos e o fim da nossa ordem cósmica ou criação. Não se trata, porém, de *aniquilamento* porque os reis da terra e o resto dos homens se vão esconder da imperecível ira do Cordeiro nos montes deslocados.

Não haja dúvida de que esta calamidade cósmica corresponde à derradeira morte original do iniciado, quando o próprio espírito lhe é arrancado e ele conhece de facto a morte se bem que conserve, em pleno Hades, o derradeiro ponto de chama da vida. É pena, contudo, que os apocaliptas tenham mexido tanto no texto. O Apocalipse torna-se uma sucessão de monótonas calamidades cósmicas. De bom grado daríamos a Nova Jerusalém para ter acesso à original descrição pagã da iniciação; de igual modo, a eterna história da «ira do Cordeiro» exaspera-nos tanto como todos esses presságios intermináveis que desdentados velhos fizeram.

[1] Expressão que a Bíblia em português utiliza para o *sackcloth of hair* usada por Lawrence (Capítulo 6, 12). *(N. do T.)*



Seja como for, as seis fases da morte mística terminaram. A sétima é, ao mesmo tempo, morte e nascimento. Depois, emerge do inferno a derradeira chispa do eterno «eu» do homem e, no preciso instante da sua extinção, transforma-se na nova chama bífida do homem com um novo corpo de coxas douradas e glorioso rosto. Antes, porém, há uma pausa: uma pausa natural. A acção é interrompida e transferida para outro mundo, o cosmo exterior. Antes do sétimo selo, da destruição e da glória, há que cumprir um menor ciclo de rituais.

# ONZE

Como sabemos, a Criação é um quadrado perfeito e quatro é o número da criação ou do universo criado. Dos quatro cantos do mundo quatro ventos podem soprar, três maus e um bom. Estarem todos os ventos à solta significa caos no ar e destruição na terra.

Por isso é dito aos quatro anjos dos ventos que os retenham e não deixem ferir nem a terra, nem o mar, nem as árvores; quer dizer, o mundo real.

Há, porém, um vento místico do Oriente que eleva o sol e a lua como navios de velas enfunadas e os transporta pelo céu como naves suavemente impelidas. — Era uma das crenças do século II a. C. — Deste Oriente sobe o anjo que em pleno soprar dos ventos da destruição clama por uma pausa enquanto ele estiver a marcar na testa os servos de Deus. Depois, as doze tribos de judeus são fastidiosamente enumeradas e assinaladas: uma fastidiosa cerimónia judaica.

Mas a visão transforma-se, vemos uma grande multidão de pé vestida de branco e com folhas de palmeira nas mãos que clama, com voz forte, à frente do trono e do Cordeiro: «Salvação ao nosso Deus, que está sentado sobre o trono, e ao Cordeiro.» Nessa altura os anjos, os anciãos e os quatro animais alados põem-se de rosto contra o chão e adoram Deus dizendo: «Bênção, e claridade, e sabedoria, e acção de graças, e honra, e virtude, e fortaleza ao nosso Deus, por séculos de séculos. Ámen.»



Dá isto a entender que o sétimo selo foi aberto. O anjo grita aos quatro ventos que se acalmem, enquanto os bem-aventurados ou os renascidos aparecem. E depois aqueles que «vieram duma grande tribulação», ou iniciação pela morte e pelo renascimento, surgem gloriosos com as deslumbrantes vestes brancas do seu novo corpo, nas mãos trazem ramos da árvore da vida e surgem à frente do Todo-Poderoso numa sublime luz ofuscante. Cantam um hino à sua própria glória e são acompanhados pelos anjos.

Apesar do apocalipta, neste ponto podemos ver o iniciado pagão, talvez num templo de Cibele, que subitamente irrompe dos escuros baixos do templo para a sublime luz ofuscante, à frente das colunas. Deslumbrado, renascido, vem de veste branca, traz folhas de palmeira, e à volta as flautas fazem ressoar o seu êxtase, e sobre a sua cabeça dançarinas levantam grinaldas. As luzes cintilam, o incenso sobe em volutas, sacerdotes e sacerdotizas refulgentes estendem os braços e cantam o hino à nova glória do renascido, cercando-o e exaltando-o numa espécie de êxtase. A multidão, atrás, está com a respiração cortada.

Como sabemos, esta cena vívida à frente do templo para glorificar um novo iniciado e identificá-lo ou confundi-lo com o deus, no meio de grande esplendor e maravilha, ao som de flautas e com um baloiçar de grinaldas perante a multidão de espectadores intimidada, era o fim do ritual dos Mistérios de Ísis. Os apocaliptas transformaram uma cena deste género em visão cristã. Realmente, ela dá-se *depois* da abertura do sétimo selo. O ciclo da iniciação individual está cumprido. O grande conflito e a conquista estão mais do que terminados. O iniciado morreu e agora volta outra vez a viver num novo corpo. Tem a testa marcada como um monge hindu, sinal de que morreu já a morte e o seu sétimo eu se consumou; nasceu duas vezes, já tem aberto o olho místico ou «terceiro olho». Vê em dois mundos. Ou, tal como os faraós com a serpente Uréus levantada entre as sobrancelhas, detém o derradeiro e orgulhoso poder do sol.

Tudo isto é, porém, pagão e ímpio. Nenhum cristão está autorizado, na terra e a meio da vida, a elevar-se renovado e num corpo divino. Em vez disso o que vemos será, pois, uma multidão de mártires no céu.

A sua marca na testa pode ser de cinza: o selo da morte no corpo; ou então pode ser escarlate ou glória, a nova luz ou visão. Na realidade, ela própria é o sétimo selo.

Já tudo terminou, e durante um período de cerca de meia hora há silêncio no céu.



# DOZE

E talvez termine aqui o mais antigo manuscrito pagão. Seja como for, o primeiro ciclo do drama chegou ao fim. Com várias hesitações, um qualquer velho apocalipta dá início ao segundo ciclo, agora o ciclo da morte e da regeneração da terra ou do mundo, e não do indivíduo. Também sentimos que esta parte é muito anterior a João de Patmos. Não obstante é muito judaica a sua curiosa distorção do paganismo feita através da moral e cataclísmica visão dos Judeus — a sua insistência monomaníaca no castigo e na dor que percorre o Apocalipse de uma ponta à outra. Estamos agora em plena atmosfera judaica.

Contudo, velhas ideias pagãs subsistem. O incenso sobe em grandes nuvens de fumo até às narinas do Todo-Poderoso. São, no entanto, nuvens de fumo de incenso com uma carga alegórica e levam as preces até aos santos. Além disso, o fogo divino desce à terra para iniciar a pequena morte e a derradeira regeneração do mundo, da terra e das multidões. Sete anjos — os sete anjos das sete naturezas dinâmicas de Deus — recebem sete trombetas para fazer sete anunciações.

E nesta altura o Apocalipse finalmente judaico começa a desenrolar o segundo ciclo das Sete Trombetas.

Volta a haver uma divisão entre quatro e três. Começamos a assistir à morte (à pequena morte) do cosmo por ordem divina e, assim, de cada vez que uma trombeta soa é destruído um terço,

e não um quarto, do mundo. O número divino é três; quatro é o número do mundo, quadrado perfeito.

Com a primeira Trombeta, um terço da vida vegetal é destruída.

Com a segunda Trombeta, um terço da vida marinha, navios incluídos.

Com a terceira Trombeta, um terço da água doce da terra faz-se amargo e transforma-se em veneno.

Com a quarta Trombeta, um terço dos céus — o sol, a lua e as estrelas — é destruído.

Isto corresponde, com um grosseiro paralelismo judaico-apocalíptico, aos quatro cavaleiros do primeiro ciclo. O cosmo *material* já sofreu a sua pequena morte.

O que a seguir vem são as «três pragas» que afectam o espírito e a alma do mundo (simbolizados, aqui, pelos homens), e já não o seu lado material. Na terra cai uma estrela: imagem judaica para a descida de um anjo. E ele tem a chave do abismo, contrapartida judaica do Hades. A acção passa a desenrolar-se no mundo subterrâneo do cosmo e não no mundo subterrâneo do eu, como no primeiro ciclo.

Já tudo é judaico e alegórico, sem nada ter de simbólico. O sol e a lua escurecem porque estamos no mundo subterrâneo.

E o abismo, tal como o mundo subterrâneo, está cheio de poderes maléficos e nocivos ao homem.

Porque o abismo, como o mundo subterrâneo, representa os poderes já caducos da criação.

A velha natureza humana tem de ceder e dar lugar a uma nova natureza. E cedendo cai no Hades a pique, imperecível e maléfica lá sobrevive caduca, embora potência malfazeja no mundo subterrâneo.

Esta profundíssima verdade faz parte integrante de todas as antigas religiões e está ligada à raiz do culto dos poderes do mundo subterrâneo. O culto dos *chthonioi*, poderes do mundo subterrâneo, talvez tenha sido o verdadeiro fundamento da mais antiga religião grega. Quando o homem não possui energia suficiente para subjugar as suas forças subterrâneas — que são, realmente, forças do seu antigo e já caduco eu — nem inteligência



para as aplacar com sacrifícios e esbraseados holocaustos, regressam a ele e destroem-no. Por tal motivo, todas as novas conquistas da vida têm o significado de uma «tortura do Inferno».

Do mesmo modo, depois de cada grande alteração cósmica o poder já caduco do velho cosmo torna-se demoníaco e pernicioso à nova criação. Isto é uma grande verdade que está subjacente à série dos mitos Héstia-Urano-Cronos-Zeus.

Todos os cosmos têm, portanto, o seu ar maléfico. O sol, o grande sol, na medida em que é o *velho* sol de um já caduco dia cósmico, é odioso e malfazejo para a renascida e delicada coisa que eu sou. E porque ainda tem poder sobre o meu velho eu, é hostil, fere-me no meu ser que se debate.

De igual forma, com a sua *«velhidade»* e com a sua caduca e abissal natureza, as águas do cosmo são prejudiciais à vida, em especial à vida humana. A grande Lua, mãe das minhas correntes de água interiores, é hostil, deletéria e odiosa à minha carne na medida em que é a velha lua morta e porque ainda tem poder sobre a minha antiga carne.

É este o significado inicial das «duas pragas»: um significado muito profundo, profundo de mais para João de Patmos. Os famosos gafanhotos da primeira praga, que emergem do abismo com a quinta Trombeta, são símbolos complexos mas não ininteligíveis. Não atingem o mundo vegetal, apenas os homens que não têm o novo sinal na testa. Torturam esses homens mas não podem matá-los porque se trata da pequena morte. E só podem torturá-los durante cinco meses que constituem uma estação, a estação do sol, mais ou menos uma terça parte do ano.

Ora acontece que estes gafanhotos parecem cavalos aparelhados para uma batalha, o que significa — cavalos, ó cavalos — que são forças hostis ou *poderes*.

Como que têm cabelos de mulher; a flamejante crista dos poderes solares ou raios do sol.

Têm dentes de leão; o leão vermelho do sol no seu aspecto maléfico.

Têm rostos que parecem de homem: só se voltam contra a vida *interior* dos homens.

Têm coroas que parecem de ouro: são reais, da real órbita do sol.

Têm aguilhões na cauda: isto significa que estão com o seu invertido ou infernal aspecto; que outrora foram boas criaturas mas a sua ordem anterior está caduca e são invertidos, infernais e dão, por assim dizer, a sua ferroada com a parte de trás.

E o seu reino é Apolyon, que é Apolo o grande Senhor (pagão e, por conseguinte, infernal) do sol.

Acabando, assim, por tornar-se ininteligível o seu sobrenatural, confuso e compósito símbolo, o apocalipta judeu afirma que a primeira praga já passou mas duas outras haverá que estão para chegar.



# TREZE

Soa a sexta Trombeta. E a voz que sai do altar dourado diz: «Solta os quatro anjos que estão atados no grande rio Eufrates.»

Tal como havia os anjos dos quatro ventos estes são, evidentemente, dos quatro cantos. E portanto o Eufrates, o pernicioso rio da Babilónia, representará, sem dúvida, as águas subterrâneas ou o aspecto demoníaco do sub-oceano abissal.

Os anjos são soltos e depois disso, ao que parece, emerge do abismo o grande exército de cavaleiros-demónios, ao todo duzentos milhões.

Estes duzentos milhões de cavaleiros têm cavalos com cabeça semelhante à do leão, e das suas bocas sai fogo e enxofre. E com o fogo, o fumo e o enxofre que lhes sai da boca matam uma terça parte dos homens. Depois, inesperadamente, é-nos dito que têm o poder na boca e nas caudas; que estas caudas parecem serpentes, possuem cabeças e com elas ferem.

Estas criaturas sobrenaturais são, com certeza, imagens apocalípticas: não símbolos mas imagens pessoais de um velho apocalipta qualquer, muito anterior a João de Patmos. Os cavalos são poderes e instrumentos divinos da desgraça, pois matam uma terça parte dos homens e é-nos dito mais tarde que são pragas. As pragas são o flagelo de Deus.

Ora acontece que eles deveriam ser poderes invertidos ou malfazejos das águas abissais ou subterrâneas. Em vez disso são animais sulfurosos — vulcânicos, como é evidente — dos

fogos abissais ou subterrâneos, que são fogos infernais do sol infernal.

Depois são-lhe repentinamente dadas caudas de serpente, que têm um poder maléfico. Agora, sim; voltamos a ter as coisas correctas — o monstro-serpente com corpo de cavalo que pertence às profundezas salgadas do inferno; são os poderes das águas subterrâneas vistos com o seu invertido e malfazejo aspecto, que atingem a terça parte dos homens, provavelmente com uma qualquer enfermidade que os liquefaz e é mortal, exactamente como os gafanhotos da quinta Trombeta já tinham atacado os homens com uma qualquer violenta e torturante doença mortal que durante uns tantos meses vingou.

É, pois, provável que dois apocaliptas tenham estado em acção. E o mais recente não tenha compreendido o plano do livro. Influenciado, talvez, por um qualquer distúrbio vulcânico e por ter visto a esplêndida cavalaria oriental que é vermelha, azul e amarela, pôs em cena cavalos de enxofre com os respectivos cavaleiros couraçados de fogo, jacinto e enxofre (vermelho, azul-escuro e amarelo) que por lá andam ao sabor da sua alegre fantasia. Trata-se de um genuino método judaico.

Depois, viu-se porém obrigado a voltar ao velho manuscrito e aos monstros das águas com caudas de serpente; pregou caudas de serpente aos seus próprios cavalos, e deixou-os galopar.

É provável que o apocalipta dos cavalos de enxofre seja responsável pelo «lago de fogo ardente e enxofre» onde as almas dos anjos caídos e dos homens maus são lançadas para arderem até ao final dos tempos. E este lugar agradável é o protótipo do inferno cristão que o Apocalipse especialmente inventou. Os velhos infernos judaicos de Xeol e Geena eram sítios razoavelmente amenos, desconsolados abismos como o Hades, mas desapareceram quando foi criada uma Nova Jerusalém a partir do céu. Faziam parte do velho cosmo e não lhe sobreviveram. Não eram eternos.

Isto, porém, não bastava ao apocalipta do enxofre e a João de Patmos. Precisavam de um pasmoso e medonho lago de fogo sulfuroso que ardesse até ao fim dos séculos para as almas do inimigo poderem lá ficar a retorcer-se. Depois de a terra, o firmamento e toda a criação serem destruídos a seguir ao Juízo Final,



e só o céu glorioso restar, ainda haverá nas profundezas este lago de fogo ardente onde as almas sofrem. Ao alto, o céu que refulge de glória eterna; em baixo, o refulgente e sulfuroso lago das torturas. É esta a visão da eternidade de todos os adeptos de Patmos. Não conseguiriam ser felizes no céu sem *saber* que os seus inimigos estavam a ser infelizes no inferno.

Esta visão fez propositadamente a sua entrada no mundo com o Apocalipse. Antes, não existia.

Antes, as águas do infernal mundo subterrâneo eram amargas como o mar. Eram o lado maléfico da água sob a terra, que tinha sido concebida como uma espécie de prodigioso lago de água doce e amena, origem de todas as fontes e correntes da terra que se estendem, profundas, sob as rochas.

As águas do abismo eram salgadas como o mar. O sal era uma grande força para a imaginação dos antigos. Era considerado um produto da injustiça dos «elementos». O fogo e a água, os dois grandes elementos vivos e opostos, tinham dado origem a todas as substâncias com o seu movediço e instável «casamento». Mas se um deles triunfasse sobre o outro, haveria «injustiça». Por isso, quando o fogo solar aquecia demasiadamente as águas doces *queimava-as*, e quando a água era queimada pelo fogo produzia sal, filho da injustiça. Filho este da injustiça que degradava as águas e as tornava amargas. Assim foi que nasceu o mar. E dele o leviatã, dragão do mar.

As águas amargas do inferno eram, pois, o lugar onde as almas se afogavam; o amargo oceano anti-vida dos derradeiros tempos.

Daqui o ressentimento que através dos séculos tem existido contra o mar: o mar amargo e degradado, como lhe chama Platão. Parece, contudo, que este sentimento morreu no tempo dos Romanos; razão por que o nosso apocalipta o substituiu por um bem mais aterrorizador lago de enxofre incandescente, capaz de fazer as almas sofrerem ainda mais.

Uma terça parte dos homens é morta por aqueles cavaleiros de enxofre; mas os restantes dois terços não se coibem de adorar ídolos que «não podem ver, nem ouvir, nem andar».

Fica-se, pois, com a impressão de que esta parte do Apocalipse é absolutamente judaica e cristã; do Cordeiro, nem rasto.

Mais tarde, a segunda praga será liquidada com os habituais terramotos; mas como os tremores de terra devem dar imediatamente origem a um novo movimento, são adiados por algum tempo.



# CATORZE

Seis Trombetas já soaram, e dá-se então uma pausa; tal como tinha havido uma pausa depois de abertos os Seis Selos, de forma a que os anjos dos quatro ventos pudessem preparar-se e a acção fosse deslocada para o céu.

Haverá, porém, várias interrupções. Começa por descer um poderoso anjo, um senhor cósmico algo parecido com o Filho do Homem da primeira visão. No entanto o Filho do Homem que é, na verdade, a única referência messiânica, parece estar ausente desta parte do Apocalipse. Este poderoso anjo assenta um pé incandescente no mar, outro na terra, e dá um rugido de leão que soa pelo espaço. Nesta mesma altura os sete trovões da criação fazem retumbar as suas elocuções criativas. Como sabemos, estes sete trovões são as sete naturezas tonais do Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e dão agora voz a sete novas ordens imensas para haver um novo dia cósmico, uma nova fase da criação. Cheio de pressa, o vidente prepara-se para escrever estas novas sete palavras, mas é-lhe ordenado que o não faça. Não tem o direito de divulgar a natureza das ordens que vão dar origem ao nascimento de um novo cosmo. Vamos ser obrigados a esperar que se executem. Depois, o grande «anjo» ou senhor cósmico levanta a mão e jura pelo céu, pela terra e pela água que há sob a terra — trata-se do grande juramento grego às divindades — que o Velho Tempo terminou e o mistério de Deus está prestes a cumprir-se.

Nessa altura, o pequeno livro é dado a comer ao vidente. Trata-se da geral ou universal mensagem menor sobre a destruição do velho mundo e a criação do novo; mensagem menor do que tinha sido a respeitante à destruição do velho Adão e da criação do novo homem, que o livro dos sete selos revelara. E o livro é doce ao paladar — tal como a vingança —, mas com uma experiência amarga.

A seguir há outra interrupção para o templo ser medido; uma interrupção de puro judaismo, a medição ou contagem dos «eleitos de Deus» antes de o velho mundo terminar e ser feita a exclusão dos não-eleitos.

A seguir dá-se a mais curiosa das interrupções, feita pelas duas testemunhas. Os comentadores ortodoxos identificam estas duas testemunhas com Moisés e Elias que tinham estado com Jesus durante a transfiguração do monte; mas também são algo de mais antigo. As duas testemunhas são profetas vestidos com sarapilheira, querendo isto dizer que aparecem com o seu miserável, hostil ou invertido aspecto. São os dois candelabros e as duas oliveiras que se encontram à frente de «Adonai», o deus da terra. Têm poder sobre as águas do céu (a chuva), têm o poder de transformar a água em sangue e atingir a terra com todas as pragas. Prestam o seu testemunho, mas depois são massacradas pela besta que sobe do Abismo. Os seus cadáveres jazem estendidos na rua da grande cidade, e o povo da terra rejubila por ver mortos aqueles dois que o tinham atormentado. Decorridos, porém, três dias e meio, o espírito da vida vem de Deus e entra nos dois mortos, eles põem-se de pé e uma poderosa voz diz no céu: «Subi para cá.» E então eles sobem ao céu numa nuvem, e os seus inimigos contemplam-nos com medo.

Parece que estamos perante o estrato de um mito muito velho relacionado com os misteriosos gémeos, «os petizes», que tinham sobre a natureza humana um poder semelhante. Este trecho da Revelação foi, porém, contrariado pelos apocaliptas judeus e cristãos; e não lhe deram qualquer espécie de significado que seja evidente.

Os gémeos pertencem a um culto muito antigo, na aparência comum a todos os velhos povos da Europa; dir-se-á, contudo, que eram gémeos celestiais e pertenciam ao firmamento. Na *Odisseia*



já eles viviam alternadamente no Céu e no Hades, eram testemunhas de qualquer desses dois lugares quando os Gregos os identificaram com os Tindáridas Castor e Pólux. Podem pois ser, por um lado, os candelabros ou estrelas do céu, e por outro as oliveiras do mundo subterrâneo.

Contudo, quanto mais velho é um mito mais penetra na consciência humana, assume formas mais variadas nas zonas elevadas da consciência. Devemos lembrar-nos de que certos símbolos — e o dos gémeos será um deles — podem levar uma consciência, mesmo moderna como a nossa, até mil, dois mil, três mil, quatro mil anos atrás, ou mesmo mais. O poder de sugestão é muitíssimo misterioso. Pode não funcionar de todo ou fazer o espírito inconsciente recuar no tempo com grandes arremetidas cíclicas através das idades, ou pode parar apenas no caminho.

Quando pensamos nos heróicos Dióscuros, os gémeos gregos, os Tindáridas, chegamos a meio do caminho. A Grécia da idade heróica fez uma coisa estranha, tornou antropomórficas todas as concepções cósmicas, embora tenha conservado uma grande porção de maravilhas cósmicas. Por isso os Dióscuros são, e não são, os antigos gémeos.

Os próprios Gregos voltavam constantemente aos deuses e aos poderes pré-heróicos e pré-olímpicos. A visão olímpica-heróica sempre foi considerada pouco profunda; a velha alma grega gotejava continuamente através dos séculos, até níveis de consciência religiosa mais profundos, antigos e obscuros. Por isso, os misteriosos Tritopatores de Atenas, também conhecidos como Gémeos e Dióscuros, eram os senhores do vento e misteriosos observadores da procriação das crianças. E assim voltamos, outra vez, aos antigos níveis.

Quando, nos séculos III e II a. C., o culto samotrácio se espalhou pela Hélade, os gémeos transformaram-se nos *Kabeiroi*, ou Cabires, e voltaram a ter uma enorme e sugestiva influência sobre a mente dos homens. Os Cabires eram um impulso dirigido à velha ideia dos obscuros e misteriosos gémeos com ligações ao movimento do céu nublado e do ar, ao movimento da fertilidade e ao perpétuo e misterioso equilíbrio que entre os dois existe. O apocalipta vê-os com o seu aspecto maléfico, senhores de águas do céu e águas da terra que podem ser transformadas em sangue, e senhores das

pragas que vêm do Hades: o aspecto celestial e infernal dos gémeos malfazejos.

Os Cabires estavam porém ligados a muitas coisas, e diz-se que o seu culto ainda subsiste em terras maometanas. Eram as duas criancinhas secretas, os homúnculos e os «rivais». Também estavam ligados ao trovão e a dois redondos meteoritos negros. Por isso lhes chamavam «filhos do trovão» e tinham poder sobre a chuva; ainda possuiam o poder de coalhar o leite, e o poder maléfico de transformar a água em sangue. Sendo trovejadores, de igual forma podiam rachar: rachar nuvens, ar e água. E sempre surgiram com ar de divisores e separadores rivais, quer para o bem, quer para o mal: equilibradores.

Com outro salto simbólico, também eram os antigos deuses dos alizares; e eram, assim, os guardiães da entrada e, por conseguinte, os animais gémeos que, em tantas pinturas e esculturas da Babilónia, do Egeu, da Etrúria, guardam o altar, ou a árvore, ou a urna. Era frequente serem panteras, leopardos, grifos, criaturas da terra e da noite, invejosos seres.

São eles quem conserva as coisas afastadas para se abrir um espaço, uma passagem. Deste modo, são fazedores de chuva: abrem — talvez como os meteoritos — as portas do céu. Do mesmo modo, são os senhores secretos do sexo, pois desde cedo se percebeu que o sexo consegue manter duas coisas afastadas para entre elas se dar o nascimento. Num sentido sexual, podem transformar a água em sangue: porque o próprio falo era o homúnculo e, sob determinado ponto de vista, ele próprio era os gémeos da terra, o pequeno ser que produz água e o pequeno ser que se enchia de sangue; rivais no interior da própria natureza e do eu terreno do homem, de novo simbolizados pelas pedras gémeas dos testículos. São, pois, as raízes das oliveiras gémeas que dão azeitonas e o azeite do esperma da procriação. Também são os dois candelabros que estão à frente de Adonai, o senhor da terra. Porque conferem as duas formas alternadas da consciência elementar, a nossa consciência diurna e a nossa consciência nocturna, aquilo que somos nas profundezas da noite e o outro ser muito diferente que somos à luz do dia. O homem é uma criatura de consciência dupla e ciumenta, e os gémeos são ciumentas testemunhas dessa duplicidade. Com idêntico significado, são eles



quem mantém fisiologicamente afastadas as suas correntes de água e sangue no nosso corpo. Se a água e o sangue alguma vez se misturassem no nosso corpo, morreríamos. As duas correntes são mantidas afastadas pelas criancinhas, pelos rivais. E destas duas correntes depende a consciência dupla.

Ora, estas criancinhas, estes rivais, são «testemunhas» da vida porque é no meio da sua oposição que cresce a própria Árvore da Vida a partir da raiz terrena. Perante o deus da terra ou da fecundidade, apresentam constantemente o seu testemunho. E ao homem impõem constantemente um limite. Em cada uma das suas actividades terrenas ou físicas, dizem-lhe: «só até aqui e pronto.» — Limitam cada acto, cada acto «terreno» ao seu próprio âmbito, e fazem-no contrabalançar com um acto oposto. São deuses das portas, mas também são deuses dos limites: cada qual tem ciúmes do outro, impõe ao outro limites. Tornam possível a vida mas fazem-na limitada. Tal como os testículos, mantêm para sempre o equilíbrio fálico, são as duas testemunhas fálicas. São os inimigos da embriaguez, do êxtase e da licenciosidade, da liberdade licenciosa. Perante Adonai são testemunhas constantes. Por isso mesmo, os homens das cidades licenciosas se regozijam quando a besta que sobe do abismo — que é o dragão ou o demónio infernal da destruição da terra ou do homem físico — acaba por matar estes dois «guardas», em Sodoma e no Egipto considerados como uma espécie de polícias. Durante três dias e meio, o corpo de ambos os assassinados repousa insepulto; quer dizer, metade de uma semana ou metade de um período de tempo, durante a qual toda a decência e toda a contenção fogem de entre os homens.

A linguagem do texto — «alegrar-se-ão sobre eles, e farão festas, e mandarão presentes uns aos outros» — lembra uma saturnália pagã como a Hermaia de Creta ou a Sacaia da Babilónia, a festa da desrazão. Se é isto o que o apocalipta tem na ideia, mostra-nos como segue de muito perto a prática pagã, pois todas as antigas festas saturnalianas representam a ruptura ou, pelo menos, a interrupção de uma velha ordem de regras e leis; a «regra natural» das duas testemunhas é que é, desta vez, rompida. Durante um certo tempo — três dias e meio que são metade de uma semana sagrada e um período «curto» — os

homens fogem às leis, mesmo àquelas que são próprias da sua natureza. Depois, as duas testemunhas voltam a levantar-se como arautos da nova terra e do novo corpo do homem; os homens são dominados pelo terror, a voz do céu chama-as e elas sobem numa nuvem.

«Dois, dois para os rapazes brancos como lírios e completamente vestidos de verde, oh![1]»

Por isso, a terra e o corpo não podem morrer a sua morte enquanto estes dois gémeos sagrados, os rivais, não tiverem sido assassinados.

Dá-se um terramoto, o sétimo anjo toca a sua trombeta e faz uma grande proclamação: os reinos deste mundo passam a ser reinos de Nosso Senhor e do seu Cristo que reinará pelos séculos dos séculos. — Volta, pois, a haver adorações e acções de graça no céu porque Deus recuperou o seu reino. E é aberto, no céu, o templo de Deus, revelados o santo dos santos e a arca do testamento. Depois há raios, vozes, trovoadas, terramotos e uma chuva de pedra que anunciam o final de uma era e proclamam outra. O terceiro flagelo findou.

Acaba aqui a primeira parte do Apocalipse, a metade antiga. O pequeno mito seguinte é, no livro, totalmente singular sob o ponto de vista dramático e de facto não tem, com o resto, relação nenhuma. Um dos apocaliptas introduziu-o ali como se fizesse parte de um esquema teórico — o nascimento do Messias depois da pequena morte da terra e do homem —, e os outros apocaliptas deixaram-no lá ficar.

[1] Versos da canção folclórica *Green grow the rushes*. (*N. do T.*)



# QUINZE

O que vem a seguir é o mito do nascimento de um novo deus-sol, filho de uma grande deusa-sol perseguida pelo grande dragão vermelho. Este mito é colocado no Apocalipse como grande pedra central e representa o nascimento do Messias. Mesmo os comentadores ortodoxos admitem que nada possui de cristão, e quase nada possui de judaico. Chegamos a uma camada de rocha razoavelmente pagã, e não podemos de imediato ver quantos revestimentos judaicos e judaico-cristãos há nas outras partes do livro.

Porém, este mito pagão do nascimento — tal como o outro trecho de mito puro, relativo aos quatro cavaleiros —, é muito curto.

«E aparecem, outrossim, um grande sinal no céu; uma mulher, vestida de sol, que tinha a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça; e estando grávida, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por dar à luz.

«E foi visto outro sinal no céu; e eis aqui um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e, nas suas cabeças, sete diademas; e a cauda dele arrastava a terça parte das estrelas do céu, e as fez cair sobre a terra. E o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, a fim de tragar o seu filho, depois que ela o tivesse dado à luz.

«E deu à luz um filho varão, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro; e seu filho foi arrebatado para Deus e para o

seu trono. E a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um retiro, que Deus lhe havia preparado, para nele a sustentarem por mil e duzentos e sessenta dias.

«Então houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão, e o dragão com os seus anjos pelejava contra ele; porém, estes não prevaleceram, nem o seu lugar se achou mais no céu. E foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama o Diabo, e Satanás, que seduz todo o mundo; sim, foi precipitado na terra, e precipitados, com ele, os seus anjos.»

Trata-se, de facto de um fragmento que é eixo central do Apocalipse. Algo parecido com um mito pagão tardio inspirado em vários mitos gregos, egípcios e babilónicos. É provável que, muitos anos antes de Cristo nascer, o primeiro apocalipta o tivesse acrescentado ao manuscrito pagão original para dar a sua visão do nascimento de um Messias com origem solar. Associada, porém, aos quatro cavaleiros e às duas testemunhas, é difícil conciliar com uma visão judaica aquela deusa vestida de sol e pousada na lua crescente. Se os Judeus odiavam os deuses pagãos, mais do que odiavam as grandes deusas pagãs; evitavam o mais possível falar delas. E esta mulher sobrenatural vestida de sol e pousada na lua crescente evocava de muito esplendorosa forma a grande deusa do Oriente, a grande mãe, a Magna Mater como os Romanos vieram a chamar-lhe. Esta grande mulher-deusa com um menino vem de tempos remotos, muito remotos, da história do Mediterrâneo oriental, dos dias em que o matriarcado ainda era a ordem natural de obscuras nações. Como pôde elevar-se a figura central de um Apocalipse judaico? Nunca chegaremos a sabê-lo, a não ser que aceitemos a velha lei onde se diz que o diabo expulso pela porta da frente volta a entrar pela de trás. Esta grande deusa inspirou muitas imagens da Virgem Maria. Trouxe à Bíblia o que antes lhe faltava: a grande Mãe Cósmica paramentada e esplêndida mas perseguida. Essencial, claro está, ao esquema de poder e esplendor que uma rainha deve ter; e contrário às religiões de renúncia, onde não há mulheres. As religiões de poder precisam de uma grande rainha e rainha-mãe. Lá está ela, pois, no Apocalipse, o livro de um frustrado culto do poder.



Depois de a grande Mãe fugir do dragão, todo o Apocalipse muda de tom. De repente entra em cena o Miguel Arcanjo; o que é um grande salto em relação aos quatro seres estrelados com ar de animal que, até agora, tinham sido querubins. O dragão é equiparado a Lúcifer e Satanás, e assim mesmo obrigado a dar o seu poder à besta saída do mar, aliás Nero.

Trata-se de uma grande mudança. Abandonámos o velho mundo cósmico e dos elementos, e chegamos ao tardio mundo judaico de anjos parecidos com polícias e carteiros. É um mundo intrinsecamente desinteressante, salvo a grande visão da mulher escarlate que foi tomada de empréstimo aos pagãos e, claro está, é o oposto da grande mulher vestida de sol. Os últimos apocaliptas sentem-se muito mais à vontade a dirigir-lhe blasfémias, a chamar-lhe prostituta ou outros nomes feios, do que a vê-la vestida de sol e a render-lhe homenagem.

No conjunto, a segunda parte do Apocalipse decai. Vemo-lo no capítulo dos sete cálices. Os sete cálices da ira do Cordeiro são uma desastrada imitação dos sete selos e das sete trombetas. O apocalipta já não sabe a quantas anda. Deixou de haver divisão entre quatro e três, não há renascimento nem glória após o sétimo cálice — apenas uma desastrada sucessão de pragas. Depois, tudo cai por terra com uma história de profecias e maldições já nossa conhecida dos velhos profetas e de Daniel. São visões amorfas e com significados bastante óbvios e alegóricos: a ira do Senhor calcada num lagar, etc. É poesia roubada, roubada aos velhos profetas. E, quanto ao resto, a destruição de Roma é tema um tanto maçador e mais do que batido. Mas Roma, de qualquer forma, era mais do que Jerusalém.

Só a grande prostituta da Babilónia se ergue com esplendor bastante, de púrpura e escarlate, sentada na besta escarlate. É a Magna Mater sob o seu aspecto maléfico, vestida com as cores do sol irado e entronizada no grande dragão vermelho do irado poder cósmico. Lá está ela esplêndida e sentada; e esplêndida é a sua Babilónia. Como gostam os apocaliptas tardios, todos eles, de vociferar contra o ouro, a prata e a canela da perversa Babilónia! Como desejam tudo isso! Como *invejam* a Babilónia o seu esplendor! Como a invejam tanto, tanto! Como gostam de destruir tudo isto! A prostituta magnificentemente sentada, mais o seu cálice de

ouro na mão contendo o vinho do poder sensual. Como os apocaliptas gostariam de beber por ele! E, não sendo possível, que prazer sentem ao parti-lo!

Deixou de haver a grande calma pagã capaz de ver a mulher do cosmo envolta no seu brilho cálido como o sol, com os pés assentes na lua, a lua que nos dá a nossa carne branca. Deixou de haver a Grande Mãe do cosmo coroada com o diadema das doze grandes estrelas do zodíaco. É levada para o deserto, e sobre ela o dragão do caos aquoso vomita a sua torrente. Porém, a bondosa terra engole a torrente e a grande mulher, alada como uma águia para poder voar, deve manter-se perdida no deserto por um tempo, pelos tempos, por metade de um tempo. O que é idêntico aos três dias e meio, ou anos, de outras partes do Apocalipse, e significa metade do nosso período de tempo.

É esta a última vez que a vemos. Daí em diante a Grande Mãe cósmica, coroada com todos os signos do zodíaco, vai para o deserto. A partir do momento em que fugiu, só temos tido virgens e prostitutas: meias mulheres, as meias mulheres da era cristã. Porque a grande mulher do cosmo pagão foi empurrada para um lugar selvagem, no final da velha época, e nunca mais lhe disseram que regressasse. Já a Diana de Éfeso, do Éfeso de João de Patmos, era uma paródia da grande mulher coroada de estrelas.

Talvez tenha sido um livro sobre o «mistério» desta Diana, e o seu ritual de iniciação, que deu origem ao Apocalipse nosso conhecido. A ser verdade, foi várias vezes rescrito até só restar dele um derradeiro reflexo, e um outro reflexo correspondente, o da grande mulher do cosmo «vista em vermelho». Oh, como nos cansam todos estes flagelos e pragas, e mortes no Apocalipse! Que infinito tédio, só de pensar naquele paraíso de joalheiro que, no final, a Nova Jerusalém é! Toda aquela anti-vida maníaca! Eles, os horríveis apóstolos da salvação, nem suportam a ideia de o sol e a lua existirem. Mas só por inveja.



# DEZASSEIS

A mulher é um dos «prodígios». E o outro prodígio é o Dragão. O dragão é um dos mais velhos símbolos da consciência humana. O símbolo do dragão e da serpente tão profundamente atingem a consciência humana, que um simples ruído na erva pode fazer o mais empedernido dos «modernos» sobressaltar-se com profundidades onde não tem nenhum domínio.

Para começar, o dragão é símbolo do fluido, rápido e espantoso movimento da vida dentro de nós. Vida em sobressalto que nos percorre como uma serpente; ou que se enrosca dentro de nós como uma serpente, cheio de força e à espreita; o dragão é isto. E com o cosmo passa-se o mesmo.

Desde os mais antigos tempos o homem teve consciência de um «poder» ou força dentro de si — e também fora de si — que não dominava por completo. É uma força fluida e ondulante que pode permanecer muito sonolenta, adormecida, e no entanto pronta a dar um inesperado salto. São assim as raivas súbitas que irrompem, chegadas do mais fundo de nós mesmos, arrebatadoras e terríveis nas pessoas dadas a paixões; e os súbitos acessos de desejo violento, de bravio desejo sexual ou intensa fome, ou de um grande desejo de qualquer género, mesmo de dormir. À fome que fez Esaú vender o direito de primogénito, podemos chamar o seu dragão; mais tarde, os Gregos chegariam mesmo a chamar-lhe um «deus» dentro dele. Trata-se de qualquer coisa que o ultrapassa e, ao mesmo tempo, lhe pertence. É rápida e admirável

como uma serpente, e esmagadora como um dragão. Salta de um lugar qualquer dentro do homem, e é o melhor que nele existe.

Num certo sentido o homem primitivo (ou, melhor dizendo, o homem do princípio) temia a sua própria natureza que era tão violenta e tão inesperada dentro de si, que não parava de fazer dele «gato-sapato». Cedo reconheceu a natureza meio divina, meio demoníaca dessa «inesperada» força que dentro de si existia.

Às vezes surgia como uma glória, por exemplo na altura em que Sansão matou o leão com os seus próprios braços, ou David matou Golias com um calhau. A estes dois actos os gregos anteriores a Homero chamariam «o deus» por reconhecerem em tais feitos, *e ao autor de tais feitos*, o carácter sobre-humano que há *dentro* do homem. Este «autor do feito», a força fluida, rápida, invencível e até clarividente que pode percorrer todo o corpo e o espírito do homem, é o dragão, o grande e divino dragão da sua força sobre-humana, ou o grande e demoníaco dragão da sua destruição interior. É o que surge em nós para nos fazer mover ou executar um acto, para nos fazer criar uma coisa qualquer; para nos fazer crescer e viver. Os filósofos modernos podem chamar-lhe Líbido ou *Élan Vital*, mas são palavras pobres que nada transmitem o sugestivo poder selvagem do dragão.

E o homem «adorava» o dragão. Nos grandes tempos passados, um herói era um herói quando conquistava o dragão hostil, quando tinha *consigo*, nos membros e no peito, o poder do dragão. Quando Moisés erigiu no deserto a serpente de bronze, acto que dominou a imaginação dos Judeus durante muitos séculos, estava a substituir a dentada do mau dragão — ou serpente — pela força do bom dragão. Quer isto dizer que o homem pode ter a serpente por si ou contra si. Quando a sua serpente está por si, é quase divino. Quando a sua serpente está contra si, é mordido, envenenado e interiormente derrotado. No passado, o grande problema estava na conquista da serpente *inimiga* e na libertação da serpente de ouro com um cintilante brilho no interior do eu, vida dourada e fluida no interior do corpo, despertar do esplêndido e divino dragão dentro de um homem ou de uma mulher.

Hoje, o sofrimento do homem deve-se a milhares de pequenas serpentes que o mordem e envenenam sem cessar; e o grande e divino dragão está inerte. Nos tempos actuais não conseguimos



despertá-lo para a vida. Desperta nos mais baixos níveis da vida; durante um certo tempo num aviador como Lindbergh, ou num *boxeur* como Dempsey. A pequena serpente de ouro é que eleva estes dois homens a um certo nível de heroismo, e por um breve espaço de tempo. Nos níveis mais elevados não há, porém, sinal nem rasto do grande dragão.

Contudo, a vulgar visão do dragão não é pessoal mas cósmica. No imenso cosmo das estrelas é que o dragão serpenteia e dá à cauda. Vemo-lo vermelho, com o seu ar malfazejo. Não devemos porém esquecer que o dragão, quando se mexe verde e reluzente numa noite escura como breu cheia de estrelas, é quem faz o seu prodígio nocturno, o pleno e rico enrolar das suas dobras é que torna o céu sumptuosamente calmo enquanto ele por lá vai deslizando e zela pela imunidade, pela preciosa força dos planetas, e dá brilho e nova força às estrelas fixas, e à lua uma beleza ainda mais serena. Ao enrolar-se dentro do sol faz o sol feliz e obriga-o, radioso, a executar uma dança. Porque o dragão, quando visto sob o seu aspecto benéfico, é o grande vivificador, é o grande valorizador do universo inteiro.

Ainda continua a sê-lo para os Chineses. O comprido dragão verde, que nos é tão familiar nas coisas chinesas, é o dragão com o seu aspecto benéfico promotor de vida, dador de vida, fazedor de vida, vivificador. Lá está ele com um ar assustador ao máximo, enrolado no peito dos casacos dos mandarins, enrolado ao centro do peito e fustigante, atrás, com a sua cauda. E a verdade é que orgulhoso, forte e sublime é o mandarim, senhor do dragão, a quem as voltas do dragão verde apertam. — Este mesmo dragão, dizem os Hindus, é quem está inactivamente enroscado na base da espinha dorsal do homem e por vezes, com uma chicotada, se desenrola ao longo dessa mesma espinha; o ioga mais não faz do que tentar dominar o movimento deste dragão. O culto do dragão ainda continua activo e cheio de força em todo o mundo, em especial no Oriente.

Por pouca sorte o grande dragão verde das estrelas, dotado do máximo brilho, está hoje bem enrolado e silencioso numa longa hibernação. Só o dragão vermelho e milhões de pequenas víboras mostram de vez em quando a cabeça. Estes milhões de pequenas víboras picam-nos como picavam os rabugentos Israelitas, e

ser-nos-ia necessário um qualquer Moisés que pusesse de pé a serpente de bronze; a serpente «levantada», como mais tarde «foi levantado» Jesus para redimir os homens.

O dragão vermelho é o *kakodaimon*, o dragão com o seu maléfico e hostil aspecto. Na antiga tradição, o vermelho é a cor da fulgurância do *homem*, embora cor do mal nas criaturas cósmicas ou nos deuses. O leão vermelho é o sol com o seu aspecto maléfico ou destrutivo. O dragão vermelho é a grande «força» do cosmo com a sua hostil e destruidora actividade.

O *agathodaimon* acaba por se transformar no *kakodaimon*. Com o tempo, o dragão verde acaba por se transformar no dragão vermelho. Aquilo que era a nossa alegria e a nossa salvação transforma-se, com o tempo, no final da era, na nossa ruina e na nossa maldição. O que era um deus criativo, Urano, Cronos, no final do tempo acaba por transformar-se num destruidor e num devorador. O deus do início de uma era é o princípio do mal do fim dessa mesma era. Porque o tempo ainda decorre em ciclos. No princípio do ciclo, aquilo que era o dragão verde, a força do bem, vai-se gradualmente transformando, para o final, no dragão vermelho, na força do mal. A força do bem, do princípio da era cristã, agora é a força maligna do seu final.

Trata-se de um saber muito antigo e que será sempre verdadeiro. O tempo ainda decorre em ciclos, e não numa linha recta. Estamos no final do ciclo cristão. E o Logos, o bom dragão do início do ciclo, agora é o mau dragão do nosso tempo. Não dará a sua força a qualquer coisa nova, só a velhas e moribundas coisas. É o dragão vermelho e uma vez mais terá de ser morto por heróis, porque dos anjos já não podemos esperar nada.

E, de acordo com o antigo mito, a mulher é quem mais radicalmente cai em poder do dragão, e dele não pode escapar enquanto o homem a não libertar. O novo dragão é verde ou dourado, verde que tem o velho e vivo significado que Maomé lhe reencontrou, verde como aquela esverdeada luz do amanhecer que é quintessência de toda a nova luz geradora de vida. O amanhecer de toda a criação deu-se no diáfano e esverdeado cintilar que era o brilho da presença do próprio Criador. João de Patmos tem isto em atenção quando dá a cor verde do esmeraldino ou da esmeralda à íris ou ao arco-íris que oculta o rosto do Todo-Poderoso. E este bonito e esverdeado brilho de jóia é o próprio dragão quando se enrosca e contorce ao mover-se no cosmo. É o poder do *Kosmodynamos* que serpenteia através do espaço, que serpenteia ao longo da espinha do homem, se ergue entre as suas sobrancelhas como Uréus entre as sobrancelhas do faraó. Confere esplendor ao homem, faz dele um rei, um herói, um homem corajoso reluzente com o brilho do dragão que é dourado quando se enrosca à volta de um homem.



E assim surge o Logos no princípio da nossa era para dar aos homens uma outra espécie de esplendor. E este mesmo Logos hoje é a cobra do mal de Laocoonte, que é a morte de todos nós. O Logos que era como o grande sopro verde da Primavera, e agora é a pardacenta e entorpecente mordidela de uma imensidade de pequenas serpentes. Temos agora de *conquistar* o Logos para o novo dragão de cintilante verde descer de entre as estrelas, nos vivificar e engrandecer.

Não há ninguém que as espirais do velho Logos apertem com mais severidade do que a mulher. Sempre assim foi. O que era sopro de inspiração, acabou por se transformar numa *forma* imóvel e má que se enrola e dá voltas como os panos de uma múmia. E por isto mesmo se encontra mais firmemente enrolada a mulher do que o homem. Hoje, a melhor parte da mulher está estreita e fortemente envolta pelas dobras do Logos; não tem corpo, é abstracta e impelida por uma auto-determinação terrível de contemplar. A mulher de hoje é uma estranha e «espiritual» criatura impelida incessantemente pelo mau demónio do velho Logos; que nem um só momento consegue fugir e ser ela própria. Diz o Logos maléfico que ela tem de ser «significante», da sua vida tem de fazer «algo que valha a pena». E lá vai ela andando, andando sempre, fazendo algo que valha a pena, acumulando em pilhas cada vez mais altas as formas malignas da nossa civilização mas sem conseguir evitar um segundo, que seja, ficar envolta pelas fluidas e brilhantes dobras do novo dragão verde. *Todas* as nossas actuais formas de vida são malignas. Porém, com uma persistência que seria angelical se não fosse diabólica, a mulher insiste no *melhor* da vida, embora entenda que esse *melhor* é o das nossas formas malignas de vida, incapaz de perceber que a melhor de tais formas é a pior de todas.

E assim, trágica e torturada por todas as pardacentas cobras da vergonha e da dor modernas, vai lutando, combatendo pelo «melhor» que é, infelizmente, o melhor do que é mau. Hoje, todas as mulheres têm dentro de si um vasto lado de mulher-polícia. Andrómeda foi acorrentada nua a uma rocha, e o dragão do velho modelo enraivecia-se contra ela. A nossa pobre e moderna Andrómeda vê-se, porém, forçada a patrulhar as ruas mais ou menos vestida com uma farda de mulher-polícia, com uma espécie de bandeirola ou uma espécie de moca — ou não será aquilo a que se chama bastão? — encostada à camisa. E quem poderá salvá-la desta situação? Por mais vaporoso, branco ou virginal que o seu trajo seja, por baixo dele poderemos ver sempre as rugas ásperas da moderna mulher-polícia que faz o que pode, o melhor que pode.

Ah! Santo Deus! Andrómeda, pelo menos, tinha a sua nudez e era bela, e Perseu quis lutar por sua causa. Contudo, as nossas modernas mulheres-polícias não têm nudez: têm farda. Quem quererá lutar contra o dragão de modelo já arrefecido, o velho e venenoso Logos, por causa de uma farda de mulher-polícia?

Ah, mulher, já passaste por bem amargas experiências! Mas até agora nunca, nunca tinhas sido condenada pelo velho dragão a ser polícia!

Ó encantador dragão verde do novo dia, do dia por nascer, vem, vem tocar-nos e libertar-nos da horrível garra do velho Logos com cheiro a inferno! Vem, silencioso, e não digas nada. Vem tocar-nos, fá-lo com um toque tão novo e suave como a brisa da Primavera, e arranca às nossas mulheres a horrível casca policial para os rebentos de vida poderem aparecer com a sua nudez!

Nos tempos do Apocalipse, o velho dragão era vermelho. Agora é cinzento. Era vermelho porque representava a maneira antiga, a antiga forma de poder, realeza, riqueza, ostentação e volúpia. No tempo de Nero, esta antiga forma de ostentação e volúpia exibicionista tinha-se feito, na verdade, bastante maligna; o dragão impuro. E o dragão impuro, vermelho, deu lugar ao dragão branco do Logos-Europa com a sua glorificação do branco: o dragão branco. Culmina com o próprio culto higiénico do branco, apesar de o dragão branco ser agora um grande verme



branco sujo e pardacento. A nossa cor é o branco-sujo ou o cinzento.

Tal como a cor do nosso Logos começou por ser de um esplendoroso branco — João de Patmos insiste neste ponto, com a veste branca dos santos — e acabou por ficar de uma sem-cor suja, o velho dragão vermelho foi ao princípio de um maravilhoso vermelho. O mais velho dos velhos dragões era de um vermelho maravilhoso, um dourado resplandecente e um vermelho-sangue. Era de um vermelho vivo, vivo, vivo como o mais reluzente escarlate. Isto, este vermelho-dourado brilhante, há muito tempo, muito tempo atrás, antes da História realmente começar, era a primeira cor do primeiro dragão. Os homens desse mais do que longínquo tempo olhavam para o céu e viam-no em termos de dourado e vermelho, não em termos de um verde e esplendoroso branco. Nesse distante, distante passado, em termos de dourado e vermelho, e como reflexo do dragão no rosto do homem, exibido como um cintilante e reluzente escarlate. Ah! Por isso os heróis e os reis-heróis tinham a cintilar na face um vermelho como o das papoilas atravessadas pela luz do sol. Era a cor da glória; a cor do selvagem sangue de cor viva que era a própria vida. Do sangue vermelho, rápido e vivo que era o supremo mistério; do sangue lento, purpúreo, escuro e espesso, o mistério real.

Os antigos reis de Roma, da antiga Roma de facto atrasada mil anos em relação à civilização do Mediterrâneo oriental, pintavam o rosto de escarlate para ficarem divinamente reais. E os peles-vermelhas da América do Norte fazem o mesmo. Só são vermelhos por virtude desse autêntico escarlate pintado a que eles chamam «feitiçaria». Porém, quanto a cultura e religião os peles-vermelhas estão quase no período neolítico. Ah! Que visão obscura do tempo, nos *pueblos* do Novo México, quando os homens saem de casa com as faces pintadas de um fulgurante escarlate! Deuses! Parecem deuses! É o dragão vermelho, o belo dragão vermelho.

Ele envelheceu, porém, e as suas formas de vida tornaram-se fixas. Mesmo nos *pueblos* do Novo México, onde as frias formas de vida são as do grande dragão vermelho, o maior dos dragões, mesmo lá as formas de vida são realmente maléficas e, para

fugirem ao vermelho, os homens são apaixonados pela cor azul, o azul da turquesa. Turquesa e prateado são as cores por que eles anseiam. Porque o dourado é do dragão vermelho. Nos mais recuados tempos, ouro era a matéria do próprio dragão, o seu suave e reluzente corpo que a glória do dragão encarecia, e os homens vestiam de suave ouro por razões de glória, tal como podemos vê-lo em túmulos de guerreiros egeus e etruscos. E só quando o dragão vermelho se transformou em *kakodaimon* os homens começaram a ansiar pelo dragão verde e por braceletes de prata, o ouro perdeu o sentido de glória e fez-se dinheiro. Por que é que o ouro se fez dinheiro?, perguntam-nos os Americanos. Ora aqui está o que temos a dizer: por causa da morte do grande dragão de ouro, do advento do dragão verde e prata. — Os Persas e os Babilónios como gostavam do azul-turquesa! E como os Caldeus gostavam do lápis-lázuli! Numa época tão remota já se tinham afastado do dragão vermelho! O dragão de Nabucodonosor é azul, é um unicórnio com altivo porte e escamas azuis. Altamente evoluído. O dragão do Apocalipse é um animal muito mais antigo e, por conseguinte, *kakodaimon*.

Contudo, a cor real ainda era o vermelho; o escarlate e a cor púrpura, que não é roxa mas carmesim, a verdadeira cor do sangue vivo, estavam reservados a reis e a imperadores. Passaram a ser as cores do mau dragão. São as cores com que o apocalipta veste a grande prostituta, a mulher a quem chama Babilónia. A cor da própria vida fez-se cor da abominação.

Hoje, na era do dragão branco-sujo do Logos e da Idade do Aço, os socialistas adoptaram a mais antiga cor da vida e o mundo inteiro treme à ideia do escarlate. Para a maioria, o vermelho é hoje a cor da destruição. «Vermelho sinal de perigo», dizem as crianças. E assim se fecha o ciclo: os dragões vermelhos e dourados das Idades do Ouro e da Prata, o dragão verde da Idade do Bronze, o dragão branco da Idade do Ferro, o dragão branco-sujo ou cinzento da Idade do Aço. Depois, volta-se uma vez mais ao primeiro dragão vermelho-vivo.

No entanto, qualquer época heróica se volta instintivamente para o dragão vermelho ou de ouro; qualquer época não-heróica



instintivamente se afasta dele. É o caso do Apocalipse, onde o vermelho e a cor púrpura são anátemas.

O grande dragão vermelho do Apocalipse tinha sete cabeças, todas elas coroadas, significando isto que a manifestação do seu poder é, ela própria, real ou suprema. As sete cabeças significam que tem sete vidas, tantas como o homem tem naturezas, ou o cosmo tem «forças». Estas sete cabeças precisam de ser todas arrancadas; quer dizer, o homem tem outra grande série de sete conquistas a fazer, e desta vez no próprio dragão. A luta prossegue.

Sendo cósmico, o dragão destrói um terço do cosmo antes de ser lançado do céu para a terra; com a cauda arrasta uma terça parte das estrelas. Depois, a mulher dá à luz a criança que «há-de reger a humanidade com uma vara de ferro». Se se tratar de uma profecia sobre o reino do Messias ou de Jesus como isso é, infelizmente, verdade! Porque todos os homens hoje são regidos com uma vara de ferro. Essa criança foi arrebatada para Deus; quase chegamos a desejar que o dragão a tivesse engolido. E a mulher fugiu para o deserto. Quer dizer que, no cosmo dos homens, nunca mais haverá lugar para a grande mãe cósmica. E já que ela não pode morrer, terá de esconder-se no deserto. — E lá continuará escondida durante estes místicos e fastidiosos três anos e meio que, segundo parece, ainda não terminaram.

Começa agora a segunda metade do Apocalipse. Assistimos ao curso algo aborrecido da profecia danielesca que diz respeito à Igreja de Cristo e à queda dos vários reinos da terra. Não podemos sentir muito interesse pelo profetizado colapso de Roma e do Império Romano.

# DEZASSETE

Porém, antes de olharmos para esta segunda metade, vamos dar uma vista de olhos pelos símbolos dominantes, em especial pelos símbolos numéricos. O esquema do conjunto é de tal forma baseado nos números sete, quatro e três, que nos vale a pena tentar descobrir o que significavam estes números para o espírito dos antigos.

Três era o número sagrado; ainda é porque se trata do número da Trindade: é o número da natureza de Deus. Nos cientistas, ou nos primeiros dos primeiros filósofos, talvez encontremos os mais expressivos indícios de antigas crenças. Os primeiros cientistas apoderaram-se das ideias-símbolos com carácter religioso que existiam, e transmutaram-nas em verdadeiras «ideias». Sabemos que os antigos tinham uma visão concreta dos números — como pontos ou calhaus postos em fila. Na primitiva aritmética dos pitagóricos, o número três era considerado o número perfeito por não consentir na sua divisão e deixar ao meio um intervalo. Com três calhaus, isto é óbvio. Não conseguimos destruir a integridade do três. Se retirarmos um calhau de cada lado, ainda resta a pedra central assente em perfeito equilíbrio entre as outras duas como um corpo de pássaro entre as duas asas. E mesmo mais tarde, no século III, entendia-se este facto como divina ou perfeita condição do ser.

Além disto sabemos que, no século V, Anaximandro concebia o Ilimitado, a substância infinita, ladeado pelos seus dois «elemen-



tos» na primeira das primordiais criações, o quente e o frio, o seco e o húmido, ou o fogo e a treva, os grandes «pares». Estes «três» estão na origem de todas as coisas. É uma ideia que existe por detrás da mais antiga divisão em três do cosmo *vivo*, antes de ter dado origem à ideia de Deus.

Abra-se um parêntesis para fazer notar que o mundo era, na mais remota antiguidade, totalmente religioso mas sem deus. Enquanto os homens viveram numa estreita união física como um bando de pássaros a voar, numa estreita unidade física, numa velha união tribal onde o conceito de indivíduo não ressaltava ainda, a tribo, por assim dizer, vivia carne com carne com o cosmo, em contacto nu com o cosmo, todo o cosmo estava vivo e em contacto com a carne do homem, não dava lugar à introdução da ideia de deus. Só quando o indivíduo começou a sentir-se separado, só quando cedeu à consciência de si próprio e, portanto, da diferenciação (mitologicamente, só quando comeu da Árvore do Conhecimento e não da Árvore da Vida, e a si próprio se conheceu *isolado* e diferente), é que o conceito de Deus surgiu a interpor-se entre o homem e o cosmo. As mais antigas concepções do homem são *puramente* religiosas, e não há nelas nenhuma espécie de noção de deus ou deuses. Deus e deuses entram em cena quando o homem «cede» a uma consciência da separação e da solidão. Os mais antigos filósofos — Anaximandro com o divino Ilimitado e os dois elementos divinos, Anaximenes com o «ar» divino — voltam à grande concepção do cosmo nu de antes de haver Deus. Ao mesmo tempo sabem tudo sobre os deuses do século VI, embora eles não lhes interessem rigorosamente nada. Mesmo os primeiros pitagóricos, religiosos no sentido convencional do termo, eram-no mais profundamente no que respeita à concepção das duas formas básicas Fogo e Noite, ou Fogo e Treva, treva concebida como uma espécie de ar espesso ou vapor. Estas duas formas eram o Limitado e o Ilimitado; e a Noite, o Ilimitado, encontrava o seu limite no Fogo. Ao constituírem com a sua oposição uma força tensa, estas duas formas básicas através da *oposicionidade* provam a sua unidade. Diz Heráclito que todas as coisas são uma troca por fogo, e todos os dias há um novo sol. «O limite da aurora e do ocaso é a Ursa; e em oposição à Ursa está a fronteira do fulgurante Zeus.» Como se supõe que o fulgurante

Zeus seja, aqui, o fulgurante céu azul, a sua fronteira é o horizonte e parece provável que Heráclito considere sempre a noite em oposição à Ursa (ou seja lá embaixo, embaixo dos antípodas), e que a Noite viva a morte do Dia, tal como o Dia vive a morte da Noite.

É este o estranho e fascinante estado de espírito dos grandes homens dos séculos V e VI a. C., revelador da velha mente simbólica. A religião já estava a tornar-se moralista ou extática, e a enfadonha ideia de «fugir à roda do nascimento» começara, com os órficos, a distrair os homens da vida. Porém, a primitiva ciência é uma fonte da mais velha e pura das religiões. Além, na Jónia, a mente humana retrocedia até à mais velha das religiosas concepções do cosmo para se começar a pensar, a partir dela, no cosmo científico. E o que mais desagradava aos mais antigos filósofos era esta nova forma de concepção religiosa com os seus arroubos, os seus êxtases e a sua natureza puramente *pessoal*: a sua perda do cosmo.

Deste modo, os primeiros filósofos recuperaram o cosmo sagrado e tripartido dos antigos. Tem um paralelo no Génesis, onde há a criação de Deus dividida em céu, terra e água; os três primeiros elementos *criados* que pressupõem um Deus criador. A antiga divisão tripla dos céus vivos, de origem caldaica, é feita no momento em que os próprios céus são divinos e apenas habitados por Deus. Já antes de os homens sentirem qualquer necessidade de Deus ou deuses, na altura em que os amplos céus tinham vida própria e viviam em estreito contacto com o homem, os Caldeus contemplavam-nos com religioso enlevo. Depois, por uma estranha intuição dividiram os céus em três partes. E foi nessa época que *conheceram* realmente as estrelas como nunca tinham sido antes conhecidas.

Mais tarde, quando um Deus, um Criador ou um Senhor dos Céus foi inventado ou descoberto, os espaços dividiram-se em quatro quadrantes, os velhos quatro quadrantes que tanto tempo duraram. E a seguir, com a invenção de um Deus ou Demiurgo, o velho saber das estrelas e a verdadeira adoração aos poucos entrou em declínio transformando-se, com os Babilónios, em magia e astrologia; o sistema foi totalmente «explorado». Porém,



o velho saber cósmico dos Caldeus ainda perdurou, e talvez tenha sido ele o que os Jónios recuperaram.

Embora a Bíblia diga: o sol, a lua e as estrelas, durante os séculos da divisão em quatro quadrantes os céus ainda tiveram três senhores primordiais, o sol, a lua e a estrela da manhã.

A estrela da manhã sempre foi um deus, e isto desde o tempo em que começou a haver deuses. Porém, cerca do ano 600 a. C., quando surgiu em todo o velho mundo o culto dos deuses que morrem e renascem, ela fez-se símbolo do novo deus porque reina entre dia e noite, durante o crepúsculo, e pelo mesmo motivo foi considerada senhora de ambos ficando a cintilar com um pé na torrente da noite e outro no mundo diurno, um pé no mar e outro na margem. A noite era, como sabemos, uma forma de vapor ou de torrente.

# DEZOITO

Três é o número das coisas divinas, e quatro é o número da criação. O mundo é um quadrado perfeito, dividido em quatro quadrantes governados por quatro grandes criaturas, as quatro criaturas aladas que rodeiam o trono do Todo-Poderoso. Estas quatro grandes criaturas compõem a totalidade do poderoso espaço que tanto é treva como luz, e as suas asas são a palpitação deste espaço que não pára de vibrar com trovejantes louvores ao Criador; porque elas são a Criação que louva o seu Criador, como qualquer Criação louvará para sempre quem a criou. O facto de as suas asas (à letra) estarem cheias de olhos à frente e atrás, só significa que são as estrelas dos palpitantes céus que, para todo o sempre, se hão-de modificar, mover e pulsar. Embora Ezequiel tenha chegado até nós com o seu texto perturbado e mutilado, lá vemos as quatro grandes criaturas no meio das rodas da circunvolução dos céus — concepção que pertence aos séculos VII, VI e V a. C. —, e a suportarem com a ponta das asas a abóbada de cristal do derradeiro céu onde está o trono.

É provável que as Criaturas sejam de mais velha origem que o próprio Deus. Constituem uma muito nobre concepção, com alguns vestígios subjacentes à maior parte das grandes Criaturas aladas do Oriente. Pertencem à última era do cosmo vivo, o cosmo que não foi criado, que ainda não tinha deus por ser, em si mesmo, essencialmente divino e primevo. Por detrás de todos os mitos da criação jaz a grandiosa ideia de que o cosmo *sempre*



*foi*, de que não podia ter nenhum começo porque sempre tinha existido e sempre há-se existir. Não podia ter sido iniciado por um deus porque ele próprio era todo deus e divino, a origem de tudo.

O homem começou por dividir o cosmo vivo em três partes; e depois, numa qualquer altura de grandes mudanças, não podemos saber quando, achou preferível dividi-lo em quatro quadrantes, e os quatro quadrantes pressupunham uma totalidade, uma concepção de totalidade, e ainda um produtor, um Criador. Foi assim que as quatro grandes criaturas elementares se tornaram subordinadas, rodearam a central e suprema unidade, e as suas asas cobriram todo o espaço. Ainda mais tarde, passaram de vastos e vivos elementos a animais, Criaturas ou Querubins — trata-se de um processo de degradação — e receberam as quatro naturezas elementares ou cósmicas do homem, do leão, do touro e da águia. Em Ezequiel, cada uma destas criaturas é ao mesmo tempo as quatro e com um rosto diferente voltado para cada uma das direcções. No Apocalipse, porém, cada animal tem seu rosto, e à medida que a ideia cósmica vai enfranquecendo encontramos as quatro naturezas cósmicas das quatro Criaturas aplicadas, primeiro, aos grandes Querubins, depois aos Arcanjos personificados — Miguel, Gabriel, etc. — e por fim aos quatro evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. «Quatro, por os Evangelhos terem quatro Naturezas». Tudo isto é um processo de degradação ou personificação de um grande e velho conceito.

Paralelamente à divisão do cosmo em quatro quadrantes, quatro partes e quatro «naturezas» dinâmicas, surge a outra divisão em quatro elementos. Parece que só existiam, de início, três elementos: céu, terra e mar ou água, sendo o céu primitivamente luz ou fogo. O reconhecimento do ar é mais tardio. O cosmo, porém, estava completo com os elementos fogo, terra e água pois o ar, e com a treva passa-se o mesmo, era concebido como uma forma de vapor.

Ao que parece, os primeiros cientistas (filósofos) queriam fazer um elemento, o máximo dois, responsabilizarem-se pelo cosmo. Anaximenes dizia que tudo era água. Xenófanes dizia que tudo era terra e água. A água emitia exalações húmidas e nestas exalações húmidas havia faíscas latentes; estas exalações eram sopradas para o alto como nuvens, eram sopradas para muito longe,

para o alto, e condensavam *as suas próprias faíscas* em vez de fazê-lo com a água, e assim se formavam as estrelas; chegaram mesmo a formar o sol. O sol era uma grande «nuvem» de faíscas reunidas e vindas das exalações húmidas da terra aquosa. Foi assim que a ciência começou: muito mais fantástica do que o mito, embora utilizando os processos da razão.

Heráclito, então, apareceu com isto: tudo é Fogo; ou melhor, tudo é uma troca por Fogo; e com a sua insistência na Luta que mantém as coisas afastadas, garante-lhes a integralidade e até torna possível a sua existência enquanto princípio *criativo*. O Fogo passou a ser um elemento.

Depois disso, os Quatro Elementos tornaram-se quase inevitáveis. No século V com Empédocles, os Quatro Elementos — Fogo, Terra, Ar e Água — eles próprios se fixaram para sempre na imaginação dos homens; quatro elementos *vivos* ou cósmicos, os elementos radicais; as Quatro Raízes, como lhes chamou Empédocles, as quatro raízes cósmicas de toda a existência. E eram controlados por dois princípios, o Amor e a Luta. — «Fogo, Água, Terra e a poderosa altura do Ar; e, separada, a temível Luta também, com peso igual a cada um deles, e no meio de tudo o Amor de comprimento e largura iguais.» Empédocles volta a invocar os Quatro: «o Zeus resplandecente, a Hera portadora de vida, Aidoneus e Véstis.» E assim vemos os Quatro também como deuses: os Quatro Grandes de todos os tempos. Quando examinarmos os quatro elementos veremos que eles são, agora e sempre, os quatro elementos da nossa experiência. Tudo o que a ciência nos ensinou a respeito do fogo em nada alterará o fogo. Os processos de combustão não são fogo, são fórmulas-pensamento. $H_2O$ não é água, é uma fórmula-pensamento derivada de experiências feitas com a água. Fórmulas-pensamento só são fórmulas-pensamento, não nos constroem a vida. A nossa vida ainda é feita dos elementos fogo e água, terra e ar; através deles nos movemos, vivemos e alcançamos o ser.

A partir dos quatro elementos chegamos às quatro naturezas do próprio homem, baseadas na concepção do sangue, da bílis, da linfa, do fleuma e nas suas propriedades. O homem ainda continua a ser uma criatura que pensa com o sangue: «o coração instalado no mar de sangue que corre por direcções opostas, e



sobretudo onde está aquilo a que o homem chama pensamento; porque o sangue que percorre o coração é o pensamento do homem.» — Talvez seja verdade. Talvez os pensamentos fundamentais tenham todos lugar no sangue que percorre o coração e apenas se limitem a ser transportados para o cérebro. Também há as Quatro Idades baseadas nos quatro metais: ouro, prata, bronze e ferro. No século VI, já a Idade do Ferro tinha começado, e já esse facto era lamentado pelo homem. Muito para trás tinha ficado a era anterior à ingestão do Fruto do Conhecimento.

Os primeiros cientistas estão, pois, muito próximos dos velhos simbolistas. E por isso vemos que S. João, quando refere no Apocalipse o velho cosmo primevo e divino, fala apenas da terça parte disto, daquilo ou daqueloutro; por exemplo quando o dragão, que pertence ao antigo e divino cosmo, arrasta com a cauda uma terça parte das estrelas; ou na altura em que as trombetas divinas destroem uma terça parte do que existe; ou os cavaleiros do abismo, que são demónios divinos, destroem uma terça parte da humanidade. Porém, quando a destruição é obra de um agente não-divino, em geral só atinge uma quarta parte. — Seja como for, no Apocalipse há destruições a mais. O que lhe retira toda a graça.

# DEZANOVE

Juntos, os números quatro e três dão o sagrado número sete: o cosmo com o seu deus. Os pitagóricos chamavam-lhe «o número sempre justo». Tanto o homem como o cosmo têm quatro naturezas criadas e três naturezas divinas. O homem tem as suas quatro naturezas terrestres e ainda a alma, o espírito, e o eu eterno. O universo tem os quatro quadrantes e os quatro elementos, e também os três quadrantes divinos do Céu, do Hades e do Todo, e ainda os três movimentos divinos do Amor, da Luta, e da Totalidade. — O mais antigo cosmo não tinha Céu nem Hades. É porém provável que o sete, na mais antiga consciência humana, não fosse um número sagrado.

No entanto, desde o princípio o sete tem sido sempre um número semi-sagrado por ser o número dos sete antigos planetas que começam pelo sol, pela lua, e incluem as cinco grandes estrelas «errantes» Júpiter, Vénus, Mercúrio, Marte e Saturno. Os planetas errantes sempre foram um grande mistério para o homem, especialmente na época em que ele vivia num estreito contacto com o cosmo e contemplava o movimento celeste com uma atenção profunda e apaixonada, muito diferente de qualquer forma de atenção que hoje exista.

Até mesmo ao final da era babilónica, os Caldeus sempre preservaram algo da elementar proximidade do cosmo. Mais tarde tiveram toda uma mitologia de Marduk e outros, todo um arsenal de truques dos seus astrólogos e dos seus mágicos, embora pareça



que nunca acabou em definitivo o saber estelar directo, nem se quebrou por completo o estreito contacto do contemplador de estrelas com os céus nocturnos. Ao que parece, os mágicos apenas continuaram a interessar-se, séculos fora, pelos mistérios celestes sem isso arrastar consigo qualquer espécie de deus ou deuses. Se este saber celeste degenerou mais tarde numa fastidiosa forma de vaticínio e magia, isso faz parte da história do homem; tudo quanto é humano degenera, a começar pela religião; e tem de ser renovado e reavivado.

Foi esta preservação do saber estelar puro e sem deuses que mais tarde veio a abrir caminho à astronomia; tal como uma grande parte do antigo saber cósmico sobre a água e o fogo deve ter sobrevivido no Mediterrâneo oriental, abrindo caminho aos filósofos da Jónia e à ciência moderna.

A ideia de que os vivos e entrelaçados céus tivessem um grande domínio sobre a vida terrena, antes da era cristã preocupava bem mais do que imaginamos a mente do homem. Apesar de todos os deuses e deusas, de Jeová e dos Salvadores moribundos e resgatantes de tantas nações, por baixo subsistia a velha visão cósmica, e talvez os homens acreditassem mais radicalmente no domínio das estrelas do que em outro deus qualquer. A consciência do homem tem muitas camadas e, séculos depois de a consciência culta da nação ter ascendido a mais elevados planos, as mais baixas dessas camadas continuaram com uma rudimentar actividade, principalmente ao nível da gente vulgar. A consciência do homem tende sempre a voltar aos níveis originais, embora existam duas formas de isso acontecer: por degenerescência e decadência; e por um deliberado retrocesso, com o fim de voltar uma vez mais às raízes para um novo recomeço.

Na época romana houve um grande resvalar da consciência do homem até aos mais antigos dos seus níveis, embora fosse uma forma de decadência e um regresso à superstição. Porém, nos dois primeiros séculos depois de Cristo o domínio dos céus voltou como nunca a estar presente nos homens através de uma superstição com poder mais forte do que qualquer outro culto religioso. Os horóscopos eram a grande moda. Sorte, fortuna, destino, carácter, tudo dependia das estrelas, ou seja, dos sete planetas. Os sete planetas eram os sete Senhores dos céus e irrevogável e

inevitavelmente determinavam o destino do homem. Por fim, o seu domínio transformou-se numa forma de denúncia, e tanto os cristãos como os neoplatónicos se opuseram a ele.

Ora, no Apocalipse é muito forte este elemento supersticioso situado na fronteira da magia e do ocultismo. A Revelação de João é um livro de magias, teremos de admiti-lo. Está cheio de sugestões destinadas a utilizações ocultistas, e através dos tempos foi usado com propósitos ocultistas, em especial de adivinhação e profecia. Presta-se para isso. Mais ainda: a segunda metade do livro, principalmente, foi escrita com um espírito de sinistra profecia bem semelhante ao da linguagem mágica dos ocultistas desse tempo. Reflecte o espírito da época, tal como o *Burro de Ouro*[1] reflecte o espírito, não muito diferente, de cem anos mais tarde.

Deste modo, o número sete quase deixa de ser o número divino para ser o número mágico do Apocalipse. À medida que o livro avança, o antigo elemento divino vai desaparecendo aos poucos e dando lugar ao «moderno», do século I, contaminado por magia, previsão e práticas ocultistas. Sete passa a ser mais o número da adivinhação e da invocação mágica, do que da verdadeira visão.

Daqui o famoso «tempo, tempos e metade de um tempo» que quer dizer três anos e meio. Vem de Daniel, onde já começa a semi-ocultista história que é profetizar a queda de impérios. Admite-se que represente metade de uma semana sagrada — tudo quanto é consentido aos príncipes do mal, que nunca têm direito a toda uma semana sagrada de sete «dias». Para João de Patmos é, porém, um número sagrado.

Nos velhos tempos, quando a lua era uma grande força celeste que governava o corpo dos homens e influenciava o fluxo da carne, o sete era um dos quadrantes lunares. A lua ainda influencia o fluxo da carne, e ainda temos a semana de sete dias. Os gregos do mar tinham uma semana de nove dias. Que já não existe.

O número sete, porém, deixou de ser divino. Até certo ponto, talvez seja mágico.

---

[1] O livro de Apuleio. *(H. E.)*



# VINTE

O número dez é o número natural de uma série. «Por acordo com a natureza é que os Helenos contam até dez e depois recomeçam do princípio.» É este, evidentemente, o número dos dedos das duas mãos. Esta repetição do cinco, que encontramos em toda a natureza, foi uma das coisas que levou os pitagóricos a afirmar que «tudo é número». No Apocalipse, dez é o número «natural» ou completo de uma série. Ao fazerem experiências com calhaus, os pitagóricos descobriram que era possível, com dez, formar um triângulo de 4 + 3 + 2 + 1; e isto deu asas à sua imaginação. — Porém, as dez cabeças ou chifres coroados das duas bestas maléficas de João só representam, por certo, uma série completa de imperadores ou reis, uma vez que os cornos se fizeram um vulgar símbolo de impérios e dos seus senhores. O velho símbolo dos cornos é, naturalmente, o símbolo do poder; na origem, o poder divino dado ao homem pelo cosmo vivo, pelo estrelado dragão verde da vida, mas em especial pelo dragão vivo no interior do corpo que jaz enrolado na base da espinha dorsal e às vezes irrompe, espinha acima, até inundar a fronte de magnificência: os cornos dourados do poder que brotam da testa de Moisés, ou Uréus, a serpente de ouro que surgia entre as sobrancelhas do real faraó do Egipto e é o dragão do indivíduo. Para o comum dos mortais o corno do poder era, porém, o itifalo, o falo, a cornucópia.

# VINTE E UM

Doze, o número final, é o número do estabilizado ou imutável cosmo e contrasta com o sete dos planetas errantes que são o cosmo físico (no velho sentido grego da palavra), sempre com um movimento independente de todos os outros. Doze é o número dos signos do zodíaco e dos meses do ano. É três vezes quatro ou quatro vezes três: a total correspondência. É toda a esfera dos céus e toda a esfera do homem. Porque o homem, de acordo com o velho esquema, tinha sete naturezas: ou seja 6 + 1, em que a última era a natureza da sua totalidade. Mas agora tanto tem outra natureza completamente nova como a velha, pois admitimos que ainda é formado pelo velho Adão *mais* o novo. Deste modo, o seu número agora é o doze — 6 + 6, devido às suas naturezas — e o um, devido à sua totalidade. Totalidade esta que agora está em Cristo e já não mais simbolizada entre as suas sobrancelhas. Agora, que o seu número é doze, o homem está perfeitamente acabado e estabilizado, estabilizado e inalterável porque é perfeito e não tem necessidade de mudar; e a sua totalidade, que é o número treze (azarento, de acordo com a superstição), está no céu com Cristo. Era esta a opinião dos «eleitos» sobre o que lhes dizia respeito. E ainda continua a ser a opinião ortodoxa: os salvos em Cristo são perfeitos e imutáveis, não têm necessidade de mudar. Estão perfeitamente individualizados.



# VINTE E DOIS

Quando chegamos à segunda metade da Revelação, depois de a criança recém-nascida ser arrebatada pelo céu e a mulher fugir para o deserto, há uma mudança súbita e sentimos que estamos a ler um Apocalipse puramente judaico e judaico-cristão, sem nenhum pano de fundo primitivo.

«Então houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o dragão.» Expulsam o dragão do céu para a terra, ele transforma-se em Satanás e deixa totalmente de interessar. Quando as grandes figuras da mitologia se transformam em forças racionalizadas ou apenas morais, perdem o interesse. Ficamos entediados ao máximo com uma Afrodite «racionalizada». Pouco depois do ano 1000 a. C., o mundo fez-se um tanto demente com morais e com «pecados». Quanto aos Judeus, sempre tinham tido esse defeito.

O que procurámos no Apocalipse foi qualquer coisa mais antiga, mais grandiosa do que essa história da ética. O velho e incandescente amor à vida, e o estranho arrepio que a presença dos invisíveis mortos nos causa é que davam ritmo às religiões realmente antigas. A religião moral é relativamente moderna, mesmo entre os Judeus.

Contudo, a segunda metade do Apocalipse é toda ela moral; quer dizer, é toda ela pecado e salvação. Há um instante em que deparamos com um vestígio do velho cosmo sobrenatural, quando o dragão se volta uma vez mais contra a mulher e lhe são

concedidas asas de águia para voar rumo ao deserto; mas o dragão persegue-a e vomita-lhe para cima uma torrente com o fim de a subjugar: «Porém, a terra ajudou a mulher, e abriu a terra a sua boca, e engoliu o rio (...). E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra aos outros, seus filhos, *que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.*»

Como é evidente, as últimas palavras são a moral final que um qualquer escriba judaico-cristão colou ao fragmento do mito. Aqui, o dragão é o dragão das águas ou dragão do caos, e ainda com o seu aspecto maléfico. Com todas as forças resiste ao nascimento de uma nova coisa ou de uma nova era. Volta-se contra os cristãos, pois eles são a única coisa «boa» que resta sobre a terra.

Daqui em diante, o pobre dragão faz triste figura. Cede poder, o trono e a grande autoridade à besta que sobe do mar, a besta com «sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes de blasfémia. E esta besta, que eu vi, era semelhante a um leopardo, e os seus pés como pés de urso, e a sua boca como boca de leão.»

Já conhecemos esta besta: é tirada de Daniel e *explicada* por Daniel. A besta é o último grande império mundial, os dez chifres são dez reinos confederados do império — que é, evidentemente, Roma. Quanto aos atributos do leopardo, urso e leão, também Daniel os explicou como três impérios que precederam Roma; o macedónio rápido como o leopardo, o persa obstinado como o urso, o dos Babilónios rapace como um leão.

Regressamos ao nível da alegoria e, quanto a mim, com isto se esvai o verdadeiro interesse do livro. Uma alegoria pode ser sempre explicada e esvazia-se com a explicação. O verdadeiro símbolo, como o verdadeiro mito, desafia qualquer explicação. Podemos dar-lhe um significado ou outro — mas nunca se deixa reduzir à explicação. Porque o símbolo e o mito não nos afectam apenas mentalmente, continuam sempre a agitar os nossos centros sensíveis profundos. A grande qualidade da mente é o seu sentido de finalidade. A mente «compreende», e tudo se resume a isso.

Porém, a consciência sensível do homem tem uma vida e um movimento muito diferentes dos que existem na consciência mental. A mente apreende por partes, por partes e parcelas, põe



um ponto final depois de cada frase. Contudo, a alma sensível apreende um todo como um rio ou uma torrente. Por exemplo, com o símbolo do dragão — vejamo-lo numa chávena de chá chinesa ou numa velha xilogravura, encontremo-lo referido num conto de fadas — o que acontece? Se estivermos vivos no nosso velho ser sensível, quanto mais olharmos para o dragão e pensarmos nele, mais e mais vem ao de cima o nosso conhecimento sensível, fá-lo sem cessar e atinge as obscuras e cada vez mais longínquas regiões da alma. No entanto, se em nós estiverem mortas as velhas formas do conhecimento sensível, como em tantos homens de hoje, nesse caso o dragão «representará» apenas isto, aquilo ou aqueloutro — todas as coisas que ele representa no *Ramo de Ouro* de Frazer[1]: só será uma espécie de vinheta ou rótulo, como o pilão e o almofariz dourados no exterior de uma farmácia. Ou, melhor ainda, considere-se o símbolo egípcio chamado *ankh*, o símbolo da vida, etc., que as deusas têm nas mãos. Qualquer criança «sabe o que ele significa». Porém, o homem *realmente* vivo sente que a sua alma começa a palpitar e a expandir-se só de ver o símbolo. No entanto, os homens actuais estão quase todos meio mortos, e as mulheres também. Assim, contentam-se em olhar para o *ankh*, em saber tudo sobre ele, e pronto. Têm orgulho na impotência da sua sensibilidade.

Como é natural, através dos séculos o Apocalipse seduziu os homens enquanto obra «alegórica». Cada coisa «significa algo», e algo moral. Podemos dar-lhes significados precisos — tão definidos como dois e dois serem quatro.

A besta que saiu do mar significa o Império Romano — e Nero, mais tarde, o número 666. A besta que saiu da terra significa o poder sacerdotal pagão, o poder dos padres que tornava divinos os imperadores e até fazia com que os cristãos os «adorassem». Porque a besta que saiu da terra tinha dois cornos como um cordeiro, de facto um falso Cordeiro, um Anticristo, e ensinava os seus perversos seguidores a fazerem maravilhosas coisas, até milagres — bruxarias, como a Simão Mago e aos outros.

---

[1] *The Golden Bough*, de James George Frazer, que traça a história do pensamento humano e das religiões primitivas com base em costumes, rituais e do folclore que chegaram ao nosso tempo. *(H. E.)*

Temos, pois, a Igreja de Cristo — ou do Messias — a ser martirizada pela besta até os bons cristãos sofrerem uma razoável dose de martírio. Depois, passado um período de tempo não muito longo — digamos que quarenta anos — o Messias acaba por descer do céu e guerrear a besta — o Império Romano e os reis que lhe estão ligados. Dá-se a grande queda de Roma, chamada Babilónia, e o grande triunfo que segue a derrocada — posto que o mais poético seja continuamente roubado a Jeremias, ou Ezequiel, ou Isaías, e nunca original. Os santos cristãos regozijam-se com a queda de Roma; e depois aparece o Cavaleiro Vitorioso com a camisa ensanguentada pelo sangue dos reis mortos. A seguir, desce uma Nova Jerusalém para ser sua Esposa, todos estes queridos mártires recebem tronos e, durante um milhar de anos (João não ficaria convencido com os míseros quarenta anos de Enoch), durante um milhar de anos — o grande Milénio — o Cordeiro reina sobre a terra com o auxílio de todos os mártires ressuscitados. E se os mártires forem no Milénio tão sequiosos de sangue e tão ferozes como João o Divino no Apocalipse — Vingança!, grita Timóteo —, alguém haverá que vai passar um mau bocado durante o milhar de anos do império dos Santos.

Isto, porém, não basta. Depois dos mil anos é preciso que todo o universo seja arrasado — terra, sol, lua, estrelas e mar. Estes primeiros cristãos sentiam uma razoável volúpia com o após-fim-do--mundo. Começaram por desejar a sua sublime oportunidade — Vingança!, grita Timóteo. — Depois disso insistiram, no entanto, em que fosse arrasado todo o universo — sol, estrelas, tudo — e uma *nova* Nova Jerusalém aparecesse, sempre com os mesmos velhos santos e mártires em glória, e que tudo o mais desaparecesse, excepto o lago de enxofre ardente onde diabos, demónios, bestas e homens maus iam fritando e sofrendo por todos os séculos dos séculos dos séculos, Ámen!

Assim termina esta obra gloriosa: um tanto repulsiva, sem dúvida. De facto, a vingança era uma obrigação sagrada para os Judeus de Jerusalém; embora não seja a vingança o que mais incomoda, mas a perpétua autoglorificação desses santos e mártires, e a sua profunda desfaçatez. Como são repugnantes com as suas «novas vestes brancas»! Como deve ser nojento o seu presunçoso reinado! Que vil o seu espírito realmente é quando insiste, simplesmente insiste que todo o universo seja arrasado — pássaros e flores, estrelas e rios, acima de tudo as pessoas, com excepção *deles* próprios e dos seus queridos irmãos «eleitos»! Que abominável a sua Nova Jerusalém onde as flores nunca murcham mas conservam uma perpétua monotonia! Que horrivelmente burguês, haver flores que não murcham!



Não espanta que os pagãos tenham ficado horrorizados com o «ímpio» desejo cristão de destruir o universo. Mesmo os velhos judeus do Velho Testamento, como devem ter ficado horrorizados! Porque até eles achavam que a terra, o sol e as estrelas eram eternos, nascidos da grande criação do Deus Todo-Poderoso. Mas não, estes mártires sem vergonha queriam ver tudo desfazer-se em fumo.

Oh, é esta a cristandade das massas medíocres, a cristandade do Apocalipse. E é medonha, devemos confessá-lo, com uma base toda feita de hipocrisia, presunção, arrogância e *inveja* secreta. No tempo de Jesus, as pessoas das classes mais baixas e medíocres já tinham percebido que *nunca* lhes tocaria a oportunidade de ser reis, *nunca* andariam em carruagens, *nunca* beberiam vinho em taças de ouro. Pois muito bem — vingar-se--iam *destruindo* tudo. «Caiu, caiu a grande Babilónia, e converteu--se em habitação de demónios.» Tudo, o ouro, a prata, as pérolas, as pedras preciosas, linho fino e fina púrpura, seda e escarlate — canela e incenso, trigo, animais, carneiros, cavalos, carruagens, escravos e almas humanas — tudo isto é destruído, destruído, destruído na Babilónia a Grande —; como se ouve a inveja, a infinita inveja ranger ao longo desta canção triunfal!

Não, não podemos compreender que os Padres da Igreja tivessem querido, no Oriente, excluir do Novo Testamento o Apocalipse. Era inevitável que, tal como Judas entre os discípulos, ele lá estivesse incluído. Os pés de barro da sublime imagem cristã são o Apocalipse. E a imagem parte-se e cai sobre a fragilidade dos seus próprios pés.

Há Jesus — mas também há João o Divino. Há o amor cristão — mas também há a inveja cristã. Os fundadores quiseram «salvar» o mundo — mas os últimos nunca ficarão satisfeitos se o não destruirem. São duas faces da mesma moeda.

# VINTE E TRÊS

Sim, porque se começarmos a ensinar as grandes massas de povo a consumar uma auto-realização individual, depois de tudo dito e feito veremos, de facto, que elas não passam de criaturas *fragmentárias, incapazes* de alcançar por inteiro a sua individualidade; que acabaremos por torná-las invejosas, rancorosas e malévolas. Quem é generoso para com os homens, conhece o carácter fragmentário da maior parte e deseja organizar uma sociedade de poder onde todos os homens cedam, como é natural, a uma totalidade colectiva por serem *incapazes* de formar uma totalidade individual. Poder-se-ão realizar nesta totalidade colectiva. Contudo, se fizerem esforços para chegar à realização individual *estarão fadados a fracassar* já que são, por natureza, fragmentários. E fracassados, sem poderem dispor de nenhuma espécie de totalidade, cedem à inveja e ao rancor. Jesus sabia perfeitamente que isto era assim quando disse: aos que têm será dado, etc. Esqueceu-se, porém, de contar com a massa dos medíocres cujo lema é: como nada temos, ninguém terá nada.

Jesus trouxe no entanto consigo o ideal cristão do individual, e evitou deliberadamente transmitir um ideal de Estado ou de nação. Quando disse: «Dai a César o que é de César», com vontade ou sem ela atribuia a César o poder sobre o corpo do homem; e isto era ameaça de um terrível perigo para a mente e para a alma humanas. Já no ano 60 d. C., os cristãos formavam uma seita maldita; e como quaisquer outros homens eram compelidos ao



sacrifício, ou seja, a adorar o César vivo. Dando a César o poder sobre o corpo dos homens, Jesus dava-lhe o poder de compelir os homens a consumar o acto de adoração a César. Ora, eu duvido que Jesus fosse capaz de realizar, em pessoa, este acto de adoração a um Nero ou a um Domiciano. Não duvido de que preferisse a morte. Tal como sucedeu com tantos mártires da primeira cristandade. Houve, portanto, um monstruoso dilema desde o início. Ser cristão significava morrer às mãos do Estado Romano; porque era impossível a um cristão recusar-se ao culto do imperador e à adoração de César, o homem divino. Não é de espantar, portanto, que João de Patmos achasse que não vinha longe o dia em que *todos* os cristãos seriam martirizados. Um tal dia teria realmente chegado se o culto imperial tivesse sido imposto ao povo de uma forma absoluta. E assim, quando *todos* os cristãos fossem martirizados, o que poderia um cristão esperar além de um Segundo Advento, a ressurreição e uma vingança total? Era esta a situação da comunidade cristã seis anos depois de ter morrido o Salvador.

Jesus tornou isto inevitável quando disse que o dinheiro pertencia a César. Foi um erro. Dinheiro significa pão, e o pão dos homens não pertence a nenhum homem. O dinheiro também significa poder, e é monstruoso dar poder ao inimigo virtual. Era *fatal* que, mais tarde ou mais cedo, a alma dos cristãos fosse violada por César. Jesus, porém, só via o indivíduo e só levava em conta o indivíduo. Deixou a João de Patmos, que era hostil ao Estado Romano, o papel de formular o conceito cristão do Estado Cristão. E João fê-lo no Apocalipse. Isto implica a destruição do mundo inteiro e um reinado de santos num derradeiro e incorpóreo triunfo. Ou então implica a destruição de todo o poder terreno e o domínio de uma oligarquia de mártires (o Milénio).

Agora estamos a caminhar para essa destruição de todo o poder terreno. A oligarquia dos mártires começou com Lenine e, ao que parece, outros mártires haverá. Estranha, estranha gente são os mártires de insólita e fria moralidade! Quando todos os países tiverem um chefe mártir, como Lenine ou os tais outros, que estranho e impensável o mundo não será! Isso vai, porém, acontecer; o Apocalipse continua a ser um livro de vaticínios.

A doutrina cristã e o pensamento cristão omitiram alguns pontos de extrema importância. A imaginação cristã pôde, sozinha, apreendê-los.

1. Nenhum homem é, ou pode ser, um puro indivíduo. A massa humana apenas tem um leve resquício de individualidade; se tiver. A massa humana vive, move-se, pensa e sente colectivamente, e não tem praticamente nenhumas emoções, nenhuns sentimentos nem pensamentos. Os homens são fragmentos da consciência colectiva ou social. Sempre assim foi. E sempre será.

2. O Estado, ou aquilo a que se chama Sociedade enquanto todo colectivo, *não pode* ter a psicologia de um indivíduo. Também é erro dizer-se que o Estado é composto por indivíduos. Não é. Compõe-se de uma colecção de seres fragmentários. E *nenhum* acto colectivo, nem mesmo um acto secreto como o de votar, é realizado pelo eu individual. É realizado pelo eu colectivo e tem um fundo psicológico diferente, não individual.

3. O Estado *não pode* ser cristão. Todo o Estado é um Poder. Não pode deixar de sê-lo. Todo o Estado tem de proteger as suas fronteiras e a sua prosperidade. Se deixar de fazê-lo, trairá todos os seus cidadãos individuais.

4. Todos os *cidadãos* são uma unidade de poder terreno. Um *homem* pode desejar ser puramente cristão e puramente individual. No entanto, como *tem de ser* membro de um qualquer Estado político, ou de uma qualquer nação, vê-se forçado a ser uma unidade de poder terreno.

5. Enquanto cidadão, enquanto ser colectivo, o homem realiza-se satisfazendo o seu sentido de poder. Se pertencer a uma das chamadas «nações poderosas», a sua alma realizar-se-á satisfazendo o sentido de poder ou força do seu país. Se o seu país se elevar aristocraticamente até um auge de esplendor e poder numa hierarquia, ele próprio ainda mais se realizará ocupando o seu lugar na hierarquia. Porém, se o seu país for poderoso e democrático, será obcecado por uma perpétua vontade de afirmar o seu poder, interferindo e *impedindo* outras pessoas de fazerem o que querem, uma vez que nenhum homem deve fazer mais do que outro. É esta a situação das democracias modernas, uma situação de perpétua ameaça.



Em democracia é inevitável que a ameaça tome o lugar do poder. A ameaça é a forma negativa do poder. O moderno Estado Cristão é uma força destruidora da alma porque se compõe de fragmentos sem um todo orgânico, que apenas têm um todo colectivo. Numa hierarquia, cada parte é orgânica e vital; tal como o meu dedo é uma porção orgânica e vital de mim próprio. Contudo, uma democracia acaba fatalmente por ser obscena porque é composta de uma infinidade de fragmentos desunidos, e cada um deles assume uma falsa totalidade, uma falsa individualidade. A democracia moderna é feita por milhões de partes em constante atrito e que afirmam, todas elas, a sua totalidade.

6. A longo prazo é fatal ter para o indivíduo um ideal que apenas diga respeito ao seu eu individual e que ignora o seu eu colectivo. Ter fé numa individualidade que nega a realidade da hierarquia, acaba por gerar mais anarquia. O homem democrático vive a força coesiva do «amor» e a força resistente da «liberdade» individual por coesão e resistência. Ceder por completo ao amor, seria a absorção que é a morte do indivíduo; porque o indivíduo deve, ele próprio, firmar-se ou deixar de ser «livre» e de ser indivíduo. Vemos, assim — e a nossa época provou-o atónita e consternada —, que o indivíduo *não pode* amar. O indivíduo não pode amar, tomemo-lo como axioma. E o homem, a mulher do nosso tempo *não pode* conceber-se a si próprio, a si própria, senão como indivíduo. E o indivíduo, no homem ou na mulher, está *fadado* a acabar por matar o amante que nele ou nela existe. Não que aconteça todo o homem matar aquilo que ama, mas afirmando a sua própria individualidade todo o homem mata o amante que há em si, tal como a mulher mata a amante que há em si. O cristão não *se atreve a amar*; porque o amor mata aquilo que é cristão, democrático e moderno — o indivíduo. O indivíduo *não pode* amar. Quando o indivíduo ama, deixa de ser puramente individual. E é pois *obrigado* a recuperar-se a si próprio, e a deixar de amar. Esta é uma das mais assombrosas lições do nosso tempo: o indivíduo, o cristão, o democrata, *não podem amar*. Ou, quando ele, quando ela amam, *será necessário* que ele, que ela, se recuperem.

Isto no que respeita ao amor pessoal ou privado. Mas o que se passará com o outro amor «*caritas*», com aquele «amai o próximo como a vós mesmos»?

Funciona de maneira idêntica. Amemos o próximo: de imediato correremos o risco de ser absorvidos por ele; teremos de recuar, teremos de defender-nos. O amor transforma-se em resistência. Tudo acaba por ser resistência e não amor; é esta a história da democracia.

Se escolhermos o caminho da auto-realização individual, será melhor fazer como Buda e fugirmos, sermos nós e não pensarmos em mais ninguém. Desta forma alcançaremos o nosso Nirvana. Amar o próximo à maneira de Cristo conduz à hedionda anomalia que é termos de acabar por viver numa consumada resistência ao nosso próximo.

O Apocalipse, estranho livro, torna isto claro. Mostra-nos o cristão na sua relação com o Estado; coisa que os Evangelhos e as Epístolas evitam fazer. Mostra-nos o cristão na sua relação com o Estado, com o mundo e com o cosmo. Mostra-o na sua longa hostilidade para com todos eles, e como acaba por ter vontade de tudo isto destruir.

É o lado negro da cristandade, do individualismo e da democracia; o lado que o mundo, de uma forma geral, hoje nos revela. Em suma, trata-se de suicídio. Suicídio individual e *en masse*. Pudesse o homem, e seria um suicídio cósmico. O cosmo, porém, não está à mercê do homem e o sol não perecerá só para nos fazer a vontade.

Não queremos, tão-pouco, perecer. Temos de abandonar uma posição falsa. Abandonemos a nossa posição falsa de cristãos, de indivíduos, de democratas. Deixe-se que encontremos uma qualquer concepção de nós próprios que nos permita viver em paz e felizes, em vez de atormentados e infelizes.

O Apocalipse mostra-nos aquilo a que, antinaturalmente, resistimos. Resistimos antinaturalmente às nossas ligações com o cosmo, com o mundo, com a humanidade, com a nação, com a família. No Apocalipse, todas estas ligações são anátema, e anátema para nós. *Não podemos suportar a ligação.* É a nossa doença. *Temos de* romper e ficar isolados. Chamamos a isto ser livres, ser indivíduo. Para lá de um certo ponto que já atingimos, é suicídio. Talvez tenhamos escolhido o suicídio. Muito bem. O Apocalipse também escolheu o suicídio com a auto-glorificação que isso implica.



Porém, com a sua própria resistência, o Apocalipse revela as coisas que secretamente o coração humano deseja depois. Pelo autêntico frenesi com que o Apocalipse destrói o sol e as estrelas, o mundo, todos os reis e todos os chefes, todo o escarlate, toda a púrpura e toda a canela, todas as prostitutas e por fim, ao mesmo tempo, todos os homens que não receberam a «marca», podemos ver quão profundamente os apocaliptas desejavam o sol, as estrelas, a terra e as águas da terra, a nobreza, a soberania e o poder, o esplendor escarlate e dourado, o amor passional e uma genuina harmonia entre os homens independente dessa tal história da marca. Aquilo que o homem mais apaixonadamente quer é a sua totalidade viva e a sua harmonia viva, não a isolada salvação da sua «alma». Acima de tudo, o homem quer a sua consumação física pois está agora, por uma vez, por uma única vez, em estado de carne e de força. Para o homem, a grande maravilha é estar vivo. Para o homem, tal como para a flor, o animal e o pássaro, o supremo triunfo é estar mais intensa, mais perfeitamente vivo. Saibam o que souberem os por-nascer e os mortos, não podem conhecer a beleza, a maravilha que é estarmos vivos na nossa carne. Os mortos podem cuidar do «após». Porém, o magnífico «aqui e agora» da vida em estado de carne é nosso, nosso e de mais ninguém, e só nosso durante um certo tempo. Devíamos dançar em êxtase por estarmos vivos e em estado de carne, por fazermos parte do vivo e encarnado cosmo. Eu faço parte do sol, tal como os meus olhos fazem parte de mim. Que faço parte da terra, sabem-no perfeitamente os meus pés; e o meu sangue faz parte do mar. A minha alma sabe que faço parte da raça humana, que a minha alma é uma parte orgânica da grande alma humana, tal como o meu espírito faz parte da minha nação. No meu próprio e verdadeiro eu, faço parte da minha família. Exceptuada a mente, nada em mim há que seja solitário e absoluto, e havemos de descobrir que a mente por si só não existe, que não passa de um cintilar de sol na superfície das águas.

Por isso o meu individualismo é, realmente, uma ilusão. Faço parte do grande todo e nunca poderei escapar-lhe. *Posso*, porém, negar as minhas ligações, quebrá-las e transformar-me num fragmento. Desgraçar-me-ei, então.

Aquilo que queremos destruir são as nossas ligações falsas, inorgânicas, em especial as relacionadas com o dinheiro, e restabelecer as vivas ligações orgânicas com o cosmo, o sol e a terra, com a humanidade, a nação e a família. E se começarmos pelo sol, lenta, lentamente o resto virá.



Composição, paginação e fotolito
*Alfanumérico, Lda.*
Impressão e acabamento
*Tipografia Lousanense*
para
HIENA EDITORA
em Fevereiro de 1993
Depósito legal n.º 56 531/93